



EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO

OLHOS FIXOS EM JESUS, AUTOR E CONSUMADOR DA FÉ



RÍMINI, 14-16 DE ABRIL DE 2023

OLHOS FIXOS EM JESUS, AUTOR E CONSUMADOR DA FÉ

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DA FRATERNIDADE
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI – 4-16 DE ABRIL DE 2023

Na capa: Beato Angélico, *Apresentação de Jesus no templo*, afresco, detalhe, 1442, Florença, Museu de São Marcos.
© Raffaello Bencini/Archivi Alinari, Florença.

“Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema ‘Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé’, o Santo Padre, o Papa Francisco dirige uma saudação cordial, desejando que os dias de reflexão suscitem o desejo de olhar com confiança para o futuro na consciência de que Cristo ressuscitado mudou a direção da história, abrindo um horizonte de esperança para nós mesmos, para a realidade, para o mistério da vida. Com tais votos, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e de bom grado envia a bênção apostólica, penhor de todo bem desejado.”

***Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade,
13 de abril de 2023***

Sexta-feira, 14 de abril, noite

Sergei Rachmaninoff

Vésperas, op. 37, Alexander V. Sveshnikov – Coro da Academia de Estado da URSS

“Spirto Gentil” n. 17, (Ricordi-BMG) Universal

■ SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA

Daive Prospero

Invoquemos o Espírito Santo, a fim de que nos dê a simplicidade do coração das crianças, cheias de curiosidade e desejo, que não temem nada nem antepõem nenhuma objeção ou perplexidade perante a novidade que encontram; e a fim de que nos conceda a disponibilidade para acolher os frutos da Sua ação, de modo que possamos ser regenerados por ela no caminho destes dias.

Oh! vinde, Espírito Criador

Antes de tudo, vou ler o telegrama do Santo Padre:

“Por ocasião dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema ‘Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé’, o Santo Padre, o Papa Francisco dirige uma saudação cordial, desejando que os dias de reflexão suscitem o desejo de olhar com confiança para o futuro na consciência de que Cristo ressuscitado mudou a direção da história, abrindo um horizonte de esperança para nós mesmos, para a realidade, para o mistério da vida. Com tais votos, Sua Santidade assegura uma lembrança na oração e de bom grado envia a bênção apostólica, penhor de todo bem desejado. Cardeal Pietro Parolin, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

Nestes dias, vão acompanhar os Exercícios Espirituais junto conosco, que estamos reunidos aqui em Rímni, os amigos conectados da Itália e de mais de 30 países. Nas próximas semanas, outros 69 países vão viver os Exercícios.

Passou-se um ano desde os últimos Exercícios da Fraternidade pregados pelo Pe. Mauro-Giuseppe Lepori (Abade Geral dos Cister-

cienses), e estou realmente feliz que de novo este ano será ele quem nos vai acompanhar nas meditações destes dias. Agradeço-lhe de coração, em nome de toda a Fraternidade, a sua preciosíssima disponibilidade. Acho que a vez passada deu certo. *[aplausos]*

Por que estamos aqui de novo? Por que voltamos?

Sem dúvidas, foi um ano intenso, repleto de acontecimentos e provocações importantes para nossa vida. Os Exercícios do ano passado marcaram um passo fundamental do nosso caminho: ainda estávamos afundados em discussões e interpretações a respeito dos episódios que estávamos atravessando, quando Pe. Mauro nos recolocou com força na frente das palavras que Jesus proferiu a Marta: “Marta, Marta! Tu andas preocupada e agitada por muitas coisas. No entanto, uma só coisa é necessária”.¹ Palavras que soaram para nós como uma pergunta: onde enxergamos na nossa experiência diária essa única coisa que vale?

O primeiro dado para reconhecermos é que, ao longo do caminho percorrido nestes meses, nós fomos acompanhados. O próprio Dom Giussani, com sua discrição característica que quem o conheceu lembra bem, acompanhou-nos na dificuldade dramática que enfrentamos. Não o digo cegamente, mas com razão fundamentada. Digo-o pensando em como teria sido mais difícil navegar pela tempestade do último ano e meio se não tivéssemos sido acompanhados – por uma feliz e talvez não casual coincidência – pela memória incessante de Dom Gius, que as celebrações do centenário de seu nascimento tornaram tão fortemente viva entre nós durante todo este tempo. Celebrações que, aliás, nos levaram até a Praça de São Pedro no dia 15 de outubro, como bem lembramos, convocados pelo Santo Padre. Que reviravolta o encontro com o Papa representou para nós! Para quem participou com simplicidade, foi realmente um novo início. Quantos voltamos dali deixando para trás dúvidas e incertezas, com o coração repleto de promessa e relançados numa tarefa fascinante: levantamos o olhar, que andava meio curvado para os nossos assuntos internos, para fixá-los novamente nos olhos d’Aquele que, por meio do carisma de Dom Gius, nos escolheu para coisas grandes. Pedro, com a força que Deus concede a seus ministros na Terra, levantou-nos e devol-

¹ Lc 10,41-42.

veu-nos a certeza: a certeza de sermos queridos, amados, estimados. Lembramo-nos da palavra que também a nós, como outrora ao profeta Jeremias, Deus proferiu: “Com amor eterno eu te amei”, diz o Senhor, “e jamais te abandonarei”.²

Então trabalhamos por três meses sobre as palavras que o Papa nos disse aquele dia, encontrando nelas algumas indicações fundamentais acerca da melhor forma para viver com maturidade a grande responsabilidade que nos é confiada, que é a de contribuir, com nossa vida e nossa comunhão, para a frutificação do carisma que Deus confiou à Igreja na pessoa de Dom Giussani. Pudemos, assim, experimentar na nossa pele o significado do objeto da nossa reflexão na Assembleia Internacional dos Responsáveis, sobre o qual trabalhamos depois nas nossas comunidades até o dia da audiência com o Papa: a coesencialidade entre carisma e instituição. Ou melhor, para usar as palavras do Santo Padre, entre “o carisma e a autoridade, que são complementares, ambos necessários”.³

Como vocês devem lembrar, nessa Assembleia retomamos por analogia as figuras de Pedro e João, concluindo a Introdução desse gesto com duas perguntas. Num primeiro momento, perguntamo-nos por que o Senhor quis que existisse essa tensão irredutível na comunhão entre carisma e instituição, uma unidade em tamanha tensão, que não há um ponto único por onde passa toda a profecia, toda a Graça, toda a ação do Espírito. A resposta a esse questionamento hoje parece-nos mais clara devido à experiência que vivemos ao caminharmos juntos, assistidos paternalmente pela autoridade da Igreja. A segunda pergunta, se bem se lembram, ficou meio em suspenso: se é verdade que João era o mais carismático, perguntamo-nos, por que não escolher a ele em vez de Pedro como o guia último da Igreja? Por que não escolher o discípulo “que Jesus amava” (são palavras do Evangelho)?⁴ Hoje, à luz das palavras do Papa Francisco, creio que podemos compreender ao menos um pouco o significado da escolha que Jesus fez. Penso que todos ainda traze-

² Cf. Jr 31,3.

³ Francisco, “Arda no vosso coração esta santa inquietude profética e missionária”, *clonline.org*, p. 17.

⁴ Cf. “A vida: resposta ao chamado de Outro. Notas da síntese de Davide Prosperi na Assembleia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação (La Thuile, 30 de agosto)”, *clonline.org*.

mos gravada na memória a voz de Dom Giussani ecoando na Praça de São Pedro e fazendo vibrar o coração com um de seus potentes comentários ao “sim de Pedro”.⁵ Esse “sim” tão pobre, tão simples e a um só tempo grandioso, pois capaz de vencer todo o sentimento de indignidade e pequenez que enchia o coração de Simão. Pois bem, quando o Papa falou da humildade como condição indispensável para responder adequadamente ao chamado do tempo presente, eu não pude deixar de sentir nessa insistência de Francisco o eco da voz do Dom Gius ao falar de Pedro, esse rude pescador a quem o Senhor, ao confiar-lhe a responsabilidade imensa da sua Igreja, não fez mais que uma única pergunta: “tu me amas?”, “tu me amas?”

Nos meses passados visitei muitas das nossas comunidades em todas as regiões da Itália e também no exterior: pude verificar que a preocupação do Santo Padre nos sugere o caminho para trazer à tona o “potencial” do carisma que, como ele nos disse, “ainda deve ser em grande parte descoberto”.⁶ É um ponto que reconheço como muito importante, então permitam-me aprofundá-lo por um momento.

O que é a humildade, essa humildade de que o Papa fala? A humildade não é dizer: “Não valho nada, não sou nada”. A humildade, pelo contrário, é dizer: “Não sou nada, mas Tu és mais forte que meu nada, que minha pequenez; e se me chamas para coisas grandes, eu aceito; frágil e limitado como sou, eu aceito, aqui estou. Sim, Senhor, tu sabes que te amo, estou contigo, consciente de que só com Teu auxílio, só se Tu estiveres comigo, é que posso fazer o que me pedes”. A humildade, enfim, é reconhecer que eu não tenho mais que este “sim”. E, contudo, este “sim” é suficiente, se enquanto o digo eu não ficar pensando que consigo fazer tudo por conta própria, se enquanto o digo eu tiver total consciência de que sem a Sua constante ajuda não consigo fazer nem um metro. Para mim, a humildade é isso.

Mas justamente essa primeira pergunta que Jesus fez a Pedro ajudou-me a refletir este ano. Para ser preciso, da primeira vez Jesus não pergunta a Pedro: “Tu me amas?” e só. Mas sim: “Tu me amas mais do

⁵ Cf. *Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 1989, Rímíni, transcrição de um dos vídeos presentes na exposição virtual GIUSSANI100; agora em L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, organização de Julián Carrón, Milão: Bur, 2019, pp. 135-136.

⁶ Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 15.

que estes?”⁷ Imaginemos a cena: com certeza João também estava ali perto, mas Jesus pergunta a Pedro: “Tu me amas mais do que estes? Tu me amas mais do que ele? Ele, que estava ao pé da cruz fazendo companhia à minha mãe, dilacerada pela dor enquanto me crucificavam, depois de me teres negado por três vezes! Ele, que estava apoiado em mim com a cabeça no meu coração, na grande hora da Última Ceia; ele, a quem revelei a identidade do traidor. Ele, que quando eu estava no sinédrio e me processavam, me insultavam, me cuspiam e me esbofeteavam, estava lá comigo, sempre por perto. Ele, que enquanto tu me negavas tivera a coragem de dizer que era um dos meus, que me per-tencia”. “Tu me amas mais do que ele? Podes dizer isso?” É claro que a *esta* pergunta Pedro não podia responder com um “sim”, com aquele “sim”! E de fato não foi a esta parte da pergunta que ele respondeu. Qualquer comparação, qualquer mensuração de quem é o melhor, o mais capaz, o mais amante ou o mais inteligente não conta mais, já não tem importância. Aliás, não só já não conta, mas é ainda mais bonito do que antes: a humilhação mesma da comparação transforma-se num valor positivo, pois é como se deixasse o “sim” ainda mais humilde, limpidamente consciente do fato de ter sido escolhido não por ser o melhor, mas apesar da sua indignidade, da sua pequenez ante uma tarefa para a qual ninguém, no fundo (nem João!), está à altura.

Começa-se assim a intuir ao menos uma das respostas possíveis a esta famosa pergunta: por que Pedro, e não João? A resposta que para mim foi ficando cada vez mais clara nestes meses é a seguinte: porque ninguém mais e melhor do que ele, o negador, podia ter a clareza de ser necessitado, para cumprir bem a sua tarefa, não só da graça de Jesus, mas também da contribuição de João, de André, de Paulo e de todos os demais.

O mesmo me parece verdadeiro quanto a nós: eu preciso do Senhor, claro – e como preciso! –, mas também preciso de você. Afinal, se eu não reconhecesse que preciso de você, além do Senhor, facilmente acabaria achando que sou o único mediador da graça de Jesus, caindo assim no personalismo e na autorreferencialidade para os quais a Igreja nos alerta. Daí a nossa insistência deste ano em voltar o olhar para nossa *comunhão*. Sem esta humildade, que nos torna cons-

⁷ Jo 21,15.

cientes de precisarmos uns dos outros, mesmo num seguimento claro e límpido da autoridade indicada, todos nós ficaríamos prisioneiros da nossa parcialidade, dos nossos particularismos.

O Papa Francisco prossegue: “E eu resumiria essa atitude de humildade com dois verbos: *recordar*, ou seja, restituir ao coração, recordar o encontro com o Mistério que nos conduziu até aqui; e *gerar*, olhando para frente com confiança, escutando os gemidos que o Espírito hoje exprime novamente. ‘O homem humilde, a mulher humilde, também se interessa pelo futuro, e não só pelo passado, porque sabe olhar para frente, sabe contemplar os rebentos com a memória repleta de gratidão. O humilde gera, convida e impele para o que não se conhece’”⁸

Realiza-se assim “o milagre da mudança”, que só o seguimento de Cristo possibilita na nossa vida, como estudamos na Escola de Comunidade destes meses: “Ao homem não é pedido mais que manter em si, fiel e lealmente, o desejo e a vontade de ser humilde e obediente ante a grandeza do Ser que o faz”⁹

É a presença de Cristo entre nós o que vence, com o tempo, todas as nossas fragilidades, nossas pequenezes, nossas mesquinhasias. Não porque magicamente as apague, mas porque, com o passar do tempo, torna-as não totalmente determinantes, redimensiona-as cada vez mais. Assim, que domine entre nós, cada vez mais, o apego a Cristo. É esse apego, com efeito, o único caminho verdadeiro para a *unidade*, para a vitória da unidade sobre a divisão.

Logo após a Audiência do dia 15 de outubro, eu escrevi a vocês estas palavras: “Nossa missão ficou concreta: a proposta educativa dos próximos anos terá como objetivo fixarmos os passos do caminho traçado pelo Santo Padre. Quanto mais estivermos disponíveis para segui-los, mais a nossa companhia, na fidelidade ao carisma recebido, será lugar vivo de luz, de unidade e de esperança para a Igreja e para toda a humanidade, e poderá corresponder mais – embora com todos os limites das nossas pobres pessoas – à expectativa que o Papa Francisco nos transmitiu com vigor paterno: de vocês, ‘a Igreja, e eu mesmo, espera mais, muito mais’”¹⁰

⁸ Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 14.

⁹ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2022, p. 92.

¹⁰ D. Prosperi, “Carta a todo o Movimento após a audiência com o Papa Francisco”, Milão, 20 de outubro de 2022, clonline.org.

Os Exercícios que nos dispomos a realizar são uma etapa fundamental desse caminho, considerando também a recomendação feita pelo Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, o cardeal Kevin Farrell – a quem, aliás, agradeço muito por estar aqui nestes dias vivendo junto conosco estes Exercícios Espirituais –, a recomendação, como eu ia dizendo, acerca da importância de uma formação adequada sobre o tema do carisma. Por isso, junto com o padre Lepori e os amigos que guiam nossa companhia, consideramos útil para o caminho espiritual da Fraternidade dedicar o gesto dos Exercícios e o trabalho de retomada que faremos depois, nos grupos de Fraternidade, ao aprofundamento das virtudes teologais – Fé, Esperança e Caridade – através do olhar específico do nosso carisma. Tais virtudes investem o homem com o amor de Cristo, tornando-o capaz de viver plenamente em relação com Deus. Isto fundamenta e determina a ação do cristão. Giussani falou e escreveu muitíssimo sobre este tema: é só pensar no conteúdo de textos como *É possível viver assim?* e *É possível (mesmo?!) viver assim?*

Este ano, vamos fixar nossa atenção na fé. Que é a fé? Qual experiência da fé fazemos e qual experiência dela podemos fazer na nossa companhia?

Para começar o gesto, permito-me repropor as palavras que Dom Giussani dirigiu a um pequeno grupo de amigos reunidos como nós, para os Exercícios Espirituais de 1968. São palavras que Julián Carón já nos fez ouvir no Dia de Início de Ano de 2018, na voz do próprio Gius. Parecem pensadas e ditas para nós hoje! Giussani disse:

“É a fé que nós procuramos, é a fé em que queremos penetrar, é a fé que queremos viver. Ao nosso redor, parece que tudo colabore, que tudo seja conivente com uma força operante que tenta eliminar essa fé, ou desestabilizá-la, ou esvaziá-la, ou reconduzi-la a categorias puramente racionais, a categorias naturalistas. Fora e dentro do mundo cristão, mais dentro do que fora, agora. É a fé autêntica, ou a autenticidade da fé, o que nós procuramos. Não procuramos outra coisa. Exatamente por isso o discurso destes dias e o trabalho destes dias marcam algo em que cada um de nós se arrisca, arrisca a si mesmo. Por isso tentamos ser claros na compreensão antes de vir aqui. Nós estamos prontos para falar com o mundo todo, para ir a qualquer lu-

gar do mundo, mas precisamos de uma casa, precisamos de um lugar onde a palavra seja palavra, ‘expressão’, e onde o relacionamento seja ‘coração’, cordial, onde a companhia seja positiva, onde as palavras tenham um significado e os entendimentos um significado; e o pão seja pão, e a água seja água”.¹¹

Muito bem, agora podemos responder à pergunta inicial: por que estamos aqui de novo? Para mendigar a Sua presença.

Disponhamo-nos à escuta, da maneira que as palavras do Papa nos indicaram agora há pouco: “O humilde gera, convida e impele para o que não se conhece”.

¹¹ “A introdução de Luigi Giussani nos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy (Vari-gotti, 1 de novembro de 1968)”, in J. Carrón, “Vivo é algo presente!”, *Passos*, n. 208, nov. 2018, pp. 21-22.

■ INTRODUÇÃO
Mauro-Giuseppe Lepori

“Meus olhos viram a tua salvação”

Reavivar o carisma

Narra-se na *Vida* de São Bernardo de Claraval que, para despertar o desejo de conversão, costumava repetir-se a pergunta: “*Bernarde, ad quid venisti?*” – “Bernardo, para que vieste?”¹² Não se trata de fazer-se essa pergunta para lamentar a perda da paixão inicial ou para tentar reavivá-la pela força de vontade, mas sim para encontrar a consciência de que aquele fogo inicial ainda é um mistério oculto na nossa vida, ou na vida de uma comunidade, ou de um relacionamento como o matrimonial.

São Paulo escreveu a Timóteo: “Recordo-me [...] da fé sincera que há em ti, fé que habitou, primeiro, em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e que certamente habita também em ti. Por isso, quero exortar-te a reavivar o dom que Deus te concedeu pela imposição de minhas mãos”.¹³

Timóteo ainda é jovem, mas Paulo o convida a não postergar o compromisso de atizar o fogo do dom de Deus (literalmente: do *carisma* de Deus) que o habita profundamente. A “fé sincera” que ele recebeu por tradição, da avó e da mãe, e o dom sacramental de sua vocação, recebido pela imposição das mãos de Paulo, não são uma realidade para resgatar nostalgicamente lá no passado, como quando a gente vai rever o álbum de fotos daqueles dias memoráveis. São brasas ardentes que temos a responsabilidade de reavivar, de atizar (literalmente, o termo grego poderia ser traduzido por “renova a vida do fogo”, do fogo de Deus).

A paixão inicial, o fervor, o ardor do primeiro encontro, do “primeiro amor”, como diz o Apocalipse,¹⁴ a sinceridade da fé sincera,

¹² Guilherme de Saint-Thierry, *Vita prima*, I, 4; PL 185, 238.

¹³ 2Tm 1,5-6.

¹⁴ Ap 2,4.

não hipócrita, não coberta com o pó das interpretações e das teorizações... tudo isso pode ser reavivado, atijado. Por quê? Porque permanece, não se apaga. Como? Porque não fui eu que acendi tudo isso, não fui eu que me dei tudo isso! Trata-se de um “carisma de Deus”, de um dom da graça de Deus, de uma manifestação do Espírito Santo. Desta forma, quando a pessoa se dá conta de que deixou as brasas ficar cobertas por infinitas camadas de cinzas, de obriedade, de esquecimento, de distração, de negligência, como que de repente pode dar-se conta da quantidade de cinzas que recobre a relação com a própria mulher, com o próprio marido, a própria comunidade, a própria vocação, a companhia de pessoas inerente ao carisma que encontrou, ou os sacramentos que recebeu, do batismo em diante, e que continua a receber. Quando percebe tudo isso, o que deve fazer?

Bastaria tomar consciência de novo de que o carisma, o dom de Deus ainda está presente debaixo de tudo isso, está vivo, arde. Não porque sejamos de alguma forma capazes, mas porque Deus é misericordioso e fiel! O carisma é “dom gratuito de Deus” e, como escreveu São Paulo aos Romanos a respeito da eleição de Israel, “os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis!”¹⁵ Deus, por sua própria natureza, não pode retirar um dom, pois tudo é gratuito n’Ele, que é Amor. Revogar um dom seria, para Deus, como renunciar a ser Ele mesmo. Em certo sentido, o inferno é o “depósito eterno” dos dons irrevogáveis de Deus.

Um carisma, uma vocação, uma graça, mas também e sobretudo o dom da vida, o dom de existir e de ser quem somos, de ter uma alma, nunca precisam ser “refeitos” ou “recriados”: devem ser reavivados, atijados.

E isto, sempre e de toda forma, inclusive quando se é quase santo. Timóteo era um ótimo discípulo e um ótimo jovem pastor. Mas Paulo recomenda-lhe que reavive o carisma que recebeu, inclusive o sacramental, pois isso nunca é óbvio, nem pode sê-lo, porque o carisma é o dom de Outro. Paulo escreve essa carta a Timóteo provavelmente durante sua última prisão, então entre os anos 58 e 62 depois de Cristo. Isso quer dizer cerca de trinta anos depois do Pentecostes. É como se, para nós, a morte e ressurreição de Jesus, e o Pentecostes ocorrido cinquenta dias depois, tivessem acontecido por volta de 1993. Nós

¹⁵ Rm 11,29.

pensamos que, nos primórdios, a comunidade cristã vivia do carisma do Pentecostes como se nada fosse. Na verdade, desde logo os apóstolos tiveram de renovar sempre o convite para reavivar o dom do Espírito, para não entristecê-lo,¹⁶ para não apagá-lo.¹⁷ E nisto vemos que o Pentecostes não foi uma descarga de energia inicial que faz a Igreja funcionar mecanicamente até a Parusia, mas ele também, tal como Cristo, é um acontecimento sempre presente que a liberdade deve acolher e deixar agir constantemente. E nisto consiste, precisamente, o reatizar o carisma a que a Igreja sempre nos convida.

“Reaviva em ti”

E como é que isso se dá? Temos de admitir: todos nós sofremos de uma incapacidade estrutural para manter vivo o fogo do carisma que está em nós. E quanto mais pensamos que ele fique aceso por si só, mais vemos que esmaece, que se cobre de cinzas, que faz mais fumaça que fogo. Que pai afetuoso era São Paulo para Timóteo, seu discípulo predileto, e para tantos outros! É como se lhe escrevesse: “Timóteo, não te escandalizes se sempre sentires diminuir aquele fervor do dom de Deus que recebeste, se sentires diminuir, no desgaste dos dias e do ministério, aquela paixão que no início te parecia que jamais esmaeceria. Não te espantes por ser assim. O que podes fazer é recomençar todo dia a reavivá-lo, a reavivá-lo em ti, primeiro em ti, e é isso o que há de reavivá-lo também nas pessoas confiadas a ti, nas comunidades de que tu és responsável, e no mundo inteiro!”

Normalmente costumamos ter uma ideia do carisma como se fosse uma espécie de capa lançada sobre um determinado grupo de pessoas e que, para permanecermos fiéis ao carisma, temos apenas de cuidar para não sair de baixo da capa ou, se preferirem, do recinto. No entanto, como no dia do Pentecostes, o dom de Deus é um vento vigoroso que sopra e envolve a todos os presentes, sim, mas o fogo que emana dele acaba pousando sobre cada um deles, uma chama para cada um, como que depositada pelo Espírito com atenção e cuidado maternal.

¹⁶ Cf. Ef 4,30.

¹⁷ Cf. 1Ts 5,19.

O Espírito escolhe para cada um o modo e a forma como o carisma vai pousar sobre ele. O Dom de Deus é o único Espírito, mas torna-se perceptível e é vivido quando é acolhido pessoalmente por cada um. E é em cada coração que cada um reconhece o carisma específico que uma companhia, um povo de pessoas, recebe. No fundo, a própria comunhão que liga muitas pessoas num carisma específico só pode ser reconhecida no coração de cada membro. Mais ou menos como disseram os dois discípulos de Emaús: “Não estava ardendo o nosso coração, quando ele nos falava pelo caminho e nos abria as Escrituras?”¹⁸ O coração de ambos atestava o carisma que os unia.

“Reaviva *em ti*.” A consciência de que o dom de Deus, mesmo comum, deve ser reavivado em cada um de nós para ser reavivado entre todos é fundamental para permanecermos unidos num caminho vocacional, numa missão. Quantas vezes, por exemplo no casamento ou nas comunidades, a gente se queixa do apagar do dom inicial e para aí, reclamando dos outros que não colaboram para reavivar o carisma. Porém, se entendêssemos o quanto é forte a liberdade individual que humildemente começa por si mesma, que começa por reavivar em si mesma o dom recebido! É realmente como atizar um fogo, e o fogo, quando arde, comunica-se por sua própria natureza. O Espírito Santo, quando toma uma pessoa, ainda que a mais insignificante, como que numa palha dá início a um incêndio! Mas é o Espírito, é o Fogo o que se espalha, não a palha ou a lenha que lhe permite arder.

Por isso, a responsabilidade em relação a um carisma grande para a Igreja e a glória de Cristo no mundo é total em cada um de nós, depende totalmente de cada um de nós.

Estou frisando isto porque muitas vezes deparamos com pessoas que se queixam do empobrecimento do carisma em seu conjunto, ou nos responsáveis, mas que não se põem a questão do que tem sido o carisma na sua relação com a mulher ou o marido, na relação com os filhos, ou no trabalho, ou nas escolhas ligadas à política, no uso do dinheiro, na forma de ouvir as notícias e reagir a elas, na forma de gerenciar o tempo, na oração, etc. É nessa capilaridade pessoal que um carisma vive ou deixa de viver, ainda que seja o mais importante carisma na história da Igreja.

¹⁸ Lc 24,32.

Como disse a vocês o Papa na audiência do dia 15 de outubro: “Junto com o serviço da autoridade é fundamental que, em todos os membros da Fraternidade, o carisma permaneça vivo, a fim de que a vida cristã sempre conserve o fascínio do primeiro encontro”.¹⁹

Em suma: o carisma reaviva-se no nosso coração! E quando fazemos gestos como estes Exercícios, a audiência com o Papa, os grandes Meetings de Rimini, tudo é vivo se o carisma se reaviva em mim, em você, em cada um de nós.

Uma plenitude humana extraordinária

O Evangelho, o Novo Testamento, é cheio de exemplos de pessoas que viveram desta forma extraordinária, embora simples, para que nos pudesse ser transmitida esta beleza fascinante de humanidade nova, de vida nova.

Tomemos o velho Simeão, que aparece no dia da apresentação do Menino Jesus no Templo de Jerusalém quando tinha quarenta dias:

“Ora, havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Esse homem, justo e piedoso, esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele. Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não morreria sem ver o Ungido do Senhor. Impelido pelo Espírito, foi ao templo, e quando os pais apresentaram o menino Jesus para cumprirem as disposições da Lei, tomou-o nos braços e bendisse a Deus, dizendo:

‘Agora, Senhor, tu deixas ir teu servo,
segundo a tua palavra, em paz,
porque meus olhos viram a tua salvação,
que preparaste à vista de todos os povos:
luz para iluminar as nações
e glória de Israel, teu povo’.

Seu pai e sua mãe ficavam admirados com o que se dizia a respeito dele. Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: ‘Este é destinado a ser causa de queda e de reerguimento de muitos em Israel, e a ser sinal de contradição. Assim serão revelados os pensamentos de muitos corações’”.²⁰

¹⁹ Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 17.

²⁰ Lc 2,25-35.

Toda noite, nas Completas, o seu Cântico vem para resumir, recolher e muitas vezes resgatar o sentido do nosso dia, lembrando-nos que um dia tem sentido se nele vivemos o sentido de toda a nossa vida, que consiste em desejar e abraçar Jesus Cristo. A vida toda vale, tem sentido, é-nos dada, é-nos pedida só por isto: desejar, esperar Cristo e abraçá-Lo na simplicidade de sua vinda na carne: um Menino de quarenta dias que cabe todo nos nossos braços, que cabe todo aninhado no nosso peito, no afeto do nosso coração, que cabe todo no nosso olhar. E não só cabe no sentido do tamanho de seu corpinho. Trata-se também da vontade misteriosa, da liberdade misteriosa de Deus ao assentir em estar conosco, assentir em doar-se para preencher nossos braços, nosso coração, nossa vida, o espaço humano da nossa vida.

Simeão deixou toda a sua vida livre, vazia, sedenta para isso, para esse abraço que o preenche, que o realiza. Para esse abraço para além do qual não há mais que a eternidade do abraço do Pai.

Um dom do Espírito que faz abraçar Cristo

Veremos que a fé é isso, deve ser isso para não ser abstrata, para não ser só uma ideia, uma convicção intelectual ou sentimental.

Mas o que eu quero que guardemos esta noite, favorecidos – assim espero! – pelo silêncio com que vamos entrar na noite e viver estes dias, é que o abraço de Simeão e sua profissão de fé – “Ele está aqui! Ele é a salvação! Ele é a luz do mundo!” – são o acendimento de um carisma do Espírito Santo que preenche a sua frágil pessoa e tem dimensões universais.

Neste episódio, é evidente que *o carisma sempre é um dom do Espírito que permite reconhecer e abraçar Cristo*.

Por três vezes, em três versículos, Lucas destaca a obra do Espírito nesse homem idoso. Não sabemos quem era, o que fazia na vida. Retratá-lo como sacerdote é uma tradição que não encontra fundamento algum neste Evangelho. Simeão era simplesmente um homem, um homem educado no povo de Deus, formado pela Lei e pelos profetas, formado pelo desejo de salvação, de luz, de santidade, isto é, de Deus, que enchia seu coração esvaziando-o de todo o resto. Um homem, diz

o Evangelho, “justo e piedoso”,²¹ ou seja, um homem consciente de que, apesar da tendência ao pecado que há em nós, somos feitos para um desígnio verdadeiro sobre nós, um desígnio bom sobre nós, feitos para uma justiça, para sermos justos, ajustados, e só assim o coração pode encontrar paz, só assim o coração pode encontrar uma verdade de si não só conhecida, mas experimentada.

Simeão sabia que o homem e a mulher foram criados justos (que a criatura humana foi criada justa), ajustados perfeitamente ao Criador e a toda a criação, dentro de um amor que harmoniza tudo na beleza da luz de Deus, porque feitos à sua imagem e semelhança.²²

Mas Simeão também sabia, experimentava em si, todo o nosso limite para restabelecer essa justiça, para reajustar-nos a Deus, entre nós, entre o homem e a mulher; o limite para nos reajustarmos à criação inteira. Por isso era “piedoso”, pois ansiava com toda a sua pessoa por uma salvação que ele não podia dar-se por si próprio. Ansiava por um Salvador. E enquanto não o encontrasse, toda a sua justiça, toda a verdade da posição justa de sua pessoa concentrava-se no desejo, no pedido, na espera por Aquele que encarnaria a consolação de Israel.

“Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão. Esse homem, justo e piedoso, esperava a consolação de Israel, e o Espírito Santo estava sobre ele.”²³ Pode haver um retrato de homem verdadeiro mais completo do que este? Que plenitude de humanidade, alguém que deseja a justiça, consciência de ter de esperá-la e recebê-la de Outro, e que a deseja como um bem para todo o povo, uma consolação para todo o povo! Por isso Deus lhe corresponde e se compraz dessa verdade de si humilde e total, dando-lhe a companhia do Espírito, que é a Comunhão de Deus, em Deus. Deus se compraz tanto da verdade humana de um desejo sincero de Salvação, que a cobre com a sombra do Espírito, como que para protegê-la, como que para não deixar apagar essa chaminha que o mundo todo ameaça, que tudo tende a apagar no coração humano.

Simeão esperava, e o Espírito estava sobre ele. Esperava, e o Espírito vinha imediatamente aticar nele esse dom, o dom de um coração inquieto no desejo de Deus e da consolação do povo.

²¹ Lc 2,25.

²² Cf. Gn 1,26-27.

²³ Lc 2,25.

Isso nos lembra que *o primeiro carisma do homem, o primeiro e fundamental dom de Deus em nós, é o coração feito para encontrar Cristo*, o coração inquieto por Deus. O primeiro (e único, no fundo) carisma fundamental é esse “ser feito para Deus”, um carisma ontológico, que coincide com nosso ser, mas cuja consciência é a inquietude: “Criaste-nos, Senhor, para Ti, e nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti”.²⁴

É um carisma ontológico, estrutural, mas também histórico, existencial, que ecoa em tudo o que acontece na nossa vida e no mundo.

A familiaridade com o Espírito Santo

Para Simeão, o comprazimento de Deus pelo seu desejo era uma familiaridade, uma amizade: de fato, o Espírito já lhe fala, não importa como, e move seus passos, impele-o e acompanha-o: “Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não morreria sem ver o Ungido do Senhor. Impelido pelo Espírito, foi ao templo”.²⁵ Simeão vivia numa intimidade com o Espírito Santo.

Nós estamos um pouco acostumados a tratar o Espírito como a um estranho, ou como a um Sopro sem rosto. Não estamos acostumados a viver uma familiaridade com Ele, a ter uma relação com Ele e, então, a dialogar com Ele e a caminhar com Ele. Contudo, Ele o faz conosco, trata-nos assim. É evidente que a familiaridade com o Espírito Santo levou Simeão ao encontro e à familiaridade com Jesus, porque o Espírito Santo é a familiaridade de Deus e em Deus. O Espírito Santo é o Dom de Deus por excelência, é o Dom absoluto de Deus, é Deus que nos doa o seu Doar-se na Trindade. Quem acolhe grandes carismas, e quer acolhê-los até o fundo do dom que são para a Igreja, não pensa tanto no acolhimento do carisma específico enquanto tal, mas no acolhimento do Espírito, em cujo dom todos os carismas estão contidos e são doados. Essas pessoas, portanto, têm uma familiaridade com o Espírito principalmente na forma do pedido. Quanto Dom Giussani insistiu na invocação “*Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam!*”!

²⁴ Santo Agostinho, *Confissões* I, 1,1.

²⁵ Lc 2,26-27.

Ela revela e transmite uma familiaridade com o Paráclito que nunca aprenderemos o suficiente.

Quem quer acolher um carisma específico de um fundador, desnatura o próprio carisma e o reduz a “algo”, normalmente a um pacote de regras, ideias, comportamentos e palavras, se não acolher a familiaridade do fundador com o Espírito Santo, que anima todo carisma de vida divina e de graça, e que nos torna familiares a Cristo. E a Igreja sempre entendeu, desde o Pentecostes, que a melhor e mais íntima familiaridade que podemos ter com o Espírito Santo é a da Virgem Maria, a que vivemos por meio de Nossa Senhora, a que os apóstolos fizeram sua em primeiro lugar. Sim: “*Veni Sancte Spiritus, veni per Mariam*”!

Movidos pelo Espírito em direção a Cristo

Simeão foi ao Templo naquele dia “impelido pelo Espírito”. Mas não como uma marionete teleguiada do alto. Por que é que Simeão é tão dócil ao Espírito? Será porque é seu escravo? Não: é dócil porque quer atingir a plenitude de sua vida que o Espírito lhe prometeu. O Espírito move-nos até a nossa realização, move-nos até Cristo. Move a inquietude do coração até a sua paz. Como explicou São Paulo, outro grande familiar e amigo do Espírito Santo: “O Espírito vem em socorro de nossa fraqueza, pois não sabemos o que pedir. É o próprio Espírito que intercede em nosso favor, com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações, sabe qual é o pensamento do Espírito, pois é de acordo com Deus que ele intercede em favor dos santos”.²⁶

Nós não somos capazes de desejar de modo puro e sincero aquilo que realiza nosso coração, aquilo que vale mais do que a vida, aquilo pelo qual existimos; poluímos esse desejo com muitas presunções ou ambições, desejando outras coisas que não são nossa realização de verdade. Não precisamos só da realização, mas da decisão de ir atrás dela, do caminho para alcançá-la e do encontro para abraçá-la. É o Espírito que, por graça de Deus, pela misericórdia do Pai, nos doa tudo isso, durante toda a nossa vida, através de etapas e percursos

²⁶ Rm 8,26-27.

misteriosos. E quando a pessoa chega até Cristo, entende que tudo ganha sentido, que havia uma condução em toda essa floresta cheia de escuridão e insídias: a condução do Espírito Santo, que fala ao coração, que indica a via e nos move a segui-la, e nos conduz até a meta. Era esse o guia que nos levava até Cristo!

Por acaso nós já paramos para olhar para trás, para repensar no nosso caminho? Já não percebemos que alguém nos guiava, misteriosamente, por mil instrumentos: uma palavra, um encontro, uma leitura, uma experiência, uma dor, uma decepção, uma queda ou uma admiração, uma emoção diante do belo, do bom e do verdadeiro?

Pode ser que nunca tenhamos agradecido ao Espírito Santo por tudo isso. E isso não é grave para Ele, mas para nós, sim, que desta forma nos privamos de uma consciência grata da nossa vida, independentemente do que tenha acontecido. E se várias coisas na vida nos parecem pouco dignas de gratidão e nos movem mais para o lamento e o rancor, talvez devamos repensar à luz do verdadeiro propósito da vida que o Espírito nos revela, aquele que prometera a Simeão: “Fora-lhe revelado pelo Espírito Santo que não morreria sem ver o Ungido do Senhor”.

Ver Cristo, abraçar Cristo: este é o valor e o propósito de toda a vida, mesmo que o encontro venha a ocorrer só no fim, como para Simeão, como para a profetisa Ana ou o bom ladrão. O Espírito não nos promete sucesso, riqueza, saúde, honrarias. O Espírito não nos tira o fato de que devemos morrer. *O Espírito nos promete e faz experimentar no coração que a nossa vida não é definida pela morte, mas pelo encontro com Jesus.* “Definir” é composto pelo verbo “finire” (“ter fim”) intensificado pelo prefixo “de”. Equivale a de-terminar. Pois bem, o que nos de-finiria e de-terminaria mais fortemente do que a morte? A morte, na experiência humana, parece definir e determinar a vida inteira, a história humana inteira. Pensemos no espetáculo de morte que são a guerra na Ucrânia, o massacre dos imigrantes no Mediterrâneo, o terremoto na Turquia e na Síria, os tiroteios nos Estados Unidos, para não falar do espetáculo de morte constante e oculto que são os milhões de crianças abortadas... Mesmo assim, o Espírito anuncia a Simeão que esse sentimento não é verdadeiro, não é justo: antes que pela morte, sua longa vida é definida pelo encontro com Cristo. E esta é uma definição que a morte não poderá derrotar

nem substituir. Ao encontrar Jesus, ao abraçar Jesus, Simeão exulta na certeza e na paz pelo fato de que é Jesus quem define sua vida desde sempre e para sempre, em tudo, incluída sua morte.

A irradiação universal de cada carisma

O encontro com Cristo derruba todos os limites da vida: não só a morte, mas também a solidão, o fechamento em nós mesmos ou nos nossos correligionários. Com efeito, Simeão canta imediatamente a universalidade da salvação trazida por Cristo:

“Agora, Senhor, tu deixas ir teu servo,
Segundo a tua palavra, em paz,
porque meus olhos viram a tua salvação,
que preparaste à vista de todos os povos:
luz para iluminar as nações
e glória de Israel, teu povo”.²⁷

Esse homem, na velhice do corpo, carrega um desejo e uma paixão de um jovem apaixonado, de uma criança que se deixa maravilhar por sinais imperceptíveis, que ninguém mais enxerga, como aquele casal de jovens esposos que, no templo imenso e no meio da multidão, traz um recém-nascido e duas pombas para o rito da Apresentação. Sabe-se lá quantos casais e quantas crianças não se apresentavam todos os dias no templo de Jerusalém! Mas esse homem não era “justo e piedoso” por si só, não esperava o Messias por si só. Trazia em si a espera de todo o povo de Deus; aliás, a espera de “todos os povos”, de “todas as nações”. Nenhum dom de Deus, nenhum carisma, de fato, é só para nós mesmos ou só para um círculo restrito, pois isso significaria que sua chama não é chama, não é ardente, não iluminaria com luz verdadeira. A luz é o símbolo mais explícito do carisma, do dom de Deus, do amor de Deus, porque, se não for impedida, se não encontrar obstáculos, irradia até o infinito. E, se encontrar obstáculos, ilumina-os a eles também, transforma-os em reflexo do Seu dom.

Os dons de Deus, como dissemos, são irrevogáveis, mas nós podemos sufocá-los, podemos reduzir-lhes a irradiação. Todo carisma

²⁷ Lc 2,29-32.

é para uma irradiação infinita, mesmo o carisma mais insignificante, mais escondido. Sempre penso numa senhora que nos convidou para um café quando estávamos na Etiópia. Lá, quando alguém convida para um café, não é como aqui, que em trinta segundos a gente põe o pó na máquina, aperta o botão, enche a xícara, pega e toma tudo em dez segundos, continuando a bater papo e esquecendo na hora que tomou o café. Era toda uma cerimônia.

São Paulo, quando lista os vários dons do Espírito, mencionou também o seu: “Temos dons diferentes, segundo a graça que nos foi dada. É o dom de profecia? Profetizemos em proporção com a fé recebida. É o dom do serviço? Prestemos esse serviço. É o dom de ensinar? Dedicuemo-nos ao ensino. É o dom de exortar? Exortemos. Quem distribui donativos, faça-o com simplicidade; quem preside, presida com solicitude; quem se dedica a obras de misericórdia, faça-o com alegria”.²⁸

A beleza daquele servir e acolher correspondia a um carisma não sufocado em sua irradiação, de modo que aquele momento literalmente continua edificando-me, depois de anos. Aquele serviço, aquele café, me edifica, edifica minha vida. Justamente porque os dons do Espírito, mesmo os mais insignificantes, são chamados cuja luz irradia para o infinito. Mas pode-se dizer o mesmo da palavra verdadeira que um padre nos disse, da correção misericordiosa e sincera que um amigo nos fez, ou de um gesto de generosidade, ou da oferta que um doente fez de seu sofrimento, do sorriso gratuito que alguém, quicá um estranho, te deu enquanto você estava fechado demais na sua monotonia... Santa Madre Teresa de Calcutá disse: “Nunca saberemos quanto bem pode fazer um simples sorriso”.²⁹

Normalmente temos a preocupação, e com razão, de que nossa vida seja útil e dê frutos. Mas nós sufocamos esse desejo bom de plenitude de vida quase que imediatamente, na pretensão de que o fruto seja o nosso e não o do Espírito, não o do carisma, não o do dom de Deus que nos é confiado. E assim passamos a sonhar com frutos ilusórios, gloriosos, mas da *nossa* glória, de modo que desperdiçamos a gama infinita de fecundidade que o Espírito de Deus quer exprimir em tudo o que vivemos, fazemos, dizemos, pensamos e rezamos.

²⁸ Rm 12,6-8.

²⁹ Teresa de Calcutá, *La gioia di amare*, Milão: Mondadori, 1997, p. 131.

Voltando ao velho Simeão, é extraordinário ver que o desejo do seu coração e a paixão do seu desejo de salvação, quando atingem seu fim, sua meta tão esperada e desejada, não se fecham nem por um instante numa posse sufocante do dom de Deus. Pelo contrário: reverberam imediatamente seu esplendor. Simeão aperta o Menino, mas dá esse abraço para revelar a todos quanta luz irradia d'Ele, o quanto esse tesouro é precioso para todos. O gesto, as palavras, o rosto desse velho refletem toda a luz de Cristo. Fra Angélico expressou-o admiravelmente no afresco que acompanha estes Exercícios.³⁰ E essa reflexão é o sentido de toda a sua vida. Agora pode até morrer. Não só porque abraçou a Cristo, mas porque pôde anunciá-Lo com um testemunho tão forte, tão transparente, tão humilde e certo, que chega até nós ainda hoje com a mesma intensidade daquele dia, e continuará irradiando Cristo até o fim do mundo.

E por que frisar isto, senão para despertar em nós a consciência de que ninguém de nós é chamado para menos do que isso! Cada um de nós tem um dom de reconhecimento de Cristo que pode reverberar até os confins da terra e até o fim do mundo! Cada um de nós é feito e chamado para poder chegar a cantar pessoalmente o *Nunc dimittis* de Simeão como a definição exaustiva de toda a sua existência. Não como um ponto final da vida, como um “canto do cisne”, mas como um ápice que reconhece que a morte é, ela também, um dom dado para irradiar eternamente o reflexo da luz de Cristo. No Paraíso não faremos mais que refletir infinitamente a luz do Rosto bom de Deus, e cada um de nós exprimirá essa beleza, originalíssima em cada um, mas que procede inteiramente do Rosto do Senhor. A beleza dos bem-aventurados é o reflexo originalíssimo que cada um de nós é chamado a oferecer do Rosto de Deus; reflexo originalíssimo como o olhar que Deus tem sobre cada uma das criaturas humanas, sobre cada um de nós.

Mas não devemos esperar ter essa consciência só no fim, antes de morrer. A Igreja, com a liturgia, educa-nos a exercitá-la toda noite, ao fim de cada dia, que pode ser o último. Pensemos nisso, *exercitemos isso* (visto que estamos vivendo *Exercícios*) quando, nas Completas, rezarmos o *Nunc dimittis* de Simeão.

³⁰ Beato Angélico, *Apresentação de Jesus no templo*, afresco, detalhe, 1442, Florença, Museu de São Marcos.

Vejam como Dom Giussani o expressa ao meditar sobre o Cântico de Simeão:

“Como é bonito ler todos os dias o Cântico de Simeão: ‘Meus olhos viram vossa salvação’. [...] Rezar o Cântico do *Nunc dimittis*, à noite nas Completas, é rezar – como o Cântico da Virgem Maria – uma profecia de algo já acontecido: o reino dos céus entre nós, o Mistério comunicado à carne, ao tempo e ao espaço. [...] Poder dizer ao Senhor que Ele é o Salvador e que seja, que exista tal como já existe, isso obtém a graça, apesar do nosso mal, e nos deixa ir, como o velho Simeão, em paz. [...] Tudo está dito nesta palavra ou nesta Presença que olhamos, imaginável e inimaginável: imaginável, porque é a de um homem como você, e inimaginável, porque é a de Deus, o Mistério, que está dentro desse homem; e é nesse homem que se enterra o mistério do meu mal, para daí sair redimido, resgatado, perdoado”.³¹

Amanhã vamos ver como é que essa plenitude humana irradiante, movida pelo Espírito em direção ao encontro com Cristo, é a fé.

³¹ L. Giussani, *La verità nasce dalla carne*, Milão: Bur, 2019, pp. 214-216.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 4,1-12, Sl 117; Jo 21,1-14

**HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM GIUSEPPE BATURI
ARCEBISPO DE CAGLIARI E SECRETÁRIO GERAL
DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA**

“É o Senhor.” João indica ao amigo Pedro a Presença do Senhor, que estava perto deles. E João, aquele que é amado e ama, ele mesmo pode reconhecer o amante e o amado porque só o amor sabe reconhecer. O reconhecimento de João, cheio de surpresa e também de afeto, nós também o vimos muitas vezes nos nossos mestres e pais, especialmente nas palavras, no olhar e na tensão total da pessoa de Dom Giussani. Foi ele quem abriu nosso olhar para o reconhecimento: “É o Senhor”, é a Presença pela qual o coração deseja e espera, é a força que nos leva a procurar a felicidade e a liberdade, é o ideal que inspira a construir um mundo novo, a dizer o próprio “sim” para sempre e educar os filhos. A razão de tudo isso é o Senhor presente.

Dom Giussani deu o nome e abriu-nos os olhos para a grande Presença que está no coração do mundo, a assim despertou nossa esperança, porque o Senhor está aqui, está conosco. Então podemos sentir a vida habitada por Deus, inserida num horizonte infinito e eterno, capaz de dar sentido a tudo e capaz de gravitar em torno de um centro: é Ele, o Senhor. Expressesemos então, no início destes dias, a nossa gratidão a Deus pelo encontro com o carisma de Dom Giussani e recordemos os que nos ajudaram e continuam ajudando a abrir nosso olhar e nossa mente para o reconhecimento da fé, que é sempre reconhecimento de uma Presença que nos atrai e que é a razão de tudo.

Como ouvimos, Pedro joga-se no mar e vai até Jesus. Tivera medo, pegara na espada para ferir, renegara e fugira. Mas agora foi até Jesus sem hesitar, pois é Ele o amado. E assim, nessa amizade recuperada, nessa familiaridade que Jesus oferece até mesmo concedendo-se numa refeição, tudo se reconcilia, na espera da grande pergunta: “Tu me amas?” Mas tudo já está reconciliado, porque não existe possibilidade de paz e de reconciliação com nós mesmos e com nossa história, com todo o nosso passado, sem estarmos diante do Senhor presente,

sem estarmos no espaço do Seu olhar. Porque Pedro vai até Jesus para ser olhado.

Não um raciocínio, não uma interpretação ou uma lembrança normalmente feita de remorsos, mas um encontro vivo é o que nos salva, agora! E abre a vida para um novo início, para a possibilidade de um recomeço com Jesus, diante d'Ele. Na amizade com Ele, tudo sempre pode recomeçar, tudo pode ser renovado. Na vida pessoal, como no tecido de nossa amizade, tudo volta a ganhar vigor e pode esperar num novo início. Para Pedro, estar com Jesus é também a possibilidade, em volta daquele fogo aceso, de poder estar de maneira nova com os outros discípulos, porque é Jesus quem os está convocando.

Nestes dias, aceitemos nós também o convite de Jesus para estarmos com Ele, a fim de podermos aprender a estar entre nós e a ir entre os homens, ler o desejo deles e dizer a todos que é o Senhor quem eles esperam na alegria ou na inquietude. Porque dizer ao mundo que o Senhor está presente é também sempre interpretar o desejo dos homens.

Mas o reconhecimento do Senhor se dá durante a pesca e por causa da pesca. No trabalho, na edificação da família, no compromisso profissional ou político, enfim, no desenrolar da paixão pela vida, podemos reconhecer o sinal do Senhor presente, cuja marca é sempre uma superabundância (quanto peixe! Mais do que tinham sido capazes de pegar com as próprias forças). Sempre há uma desproporção entre as nossas forças e capacidades e a fecundidade que recebemos como dom. O Senhor deixa-se reconhecer nessa excedência entre o que fazemos e o que recebemos em superabundância de vida, de alegria e de verdade. Uma excedência que não pode ter outra razão além de uma graça, o dom de uma Presença, pela qual agradecemos porque preenche a vida, e que sempre invocamos, mendicantes, porque agora o Senhor está aqui, está entre nós e nós pedimos: “Vem de novo a nós, ó Jesus, mestre e Senhor”.

Sábado, 15 de abril, manhã

Johann Sebastian Bach

Cantata BWV 82, Ich habe genug, The Monteverdi Choir – The English Baroque Soloists –

John Eliot Gardiner – Edizioni Archiv

Mottetto BWV 229, Komm, Jesu, Komm, Monteverdi Choir – John Eliot Gardiner – Edizioni Erato

Ângelus

Laudes

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO
Mauro-Giuseppe Lepori

A fé que informa a vida

A nuvem de testemunhas

O título destes Exercícios foi inspirado num trecho da Carta aos Hebreus: “Portanto, com tamanha nuvem de testemunhas em torno de nós, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que nos envolve. Corramos com perseverança na competição que nos é proposta, **com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição**”.³²

O autor da Carta aos Hebreus acabara de elencar, no capítulo anterior, uma longa série de testemunhas do Antigo Testamento que fizeram escolhas e ações que não teriam sentido sem a fé na promessa do Senhor, que se realizou em Cristo depois da morte deles. Todas essas testemunhas, de Abel a Noé, de Abraão e Sara a Jacó, de Moisés a Davi e à mãe dos Macabeus, são uma multidão, literalmente uma “nuvem” que nos circunda. Que quer dizer uma “nuvem de testemunhas”? Muitos traduziram por “multidão”, porque o autor quis expressar com a figura da nuvem uma realidade que nos circunda com miríades de elementos, como uma nuvem de areia no deserto. Mas a nuvem, para os judeus, lembra também a presença misterio-

³² Hb 12,1-2; destaque meu.

sa e sagrada de Deus, que acompanhou o povo de Israel no deserto, protegendo-o de dia e iluminando-o de noite. Uma nuvem sagrada, na qual Moisés entrava para encontrar o Senhor, escutá-Lo e dialogar com Ele. As testemunhas da fé formam essa nuvem misteriosa ao nosso redor que torna visível a presença invisível de Deus. Também no monte da Transfiguração, é na nuvem que todos os presentes penetram, Jesus, Moisés, Elias e os três apóstolos, todos absorvidos no mistério do Pai, que faz ouvir a sua voz. E isso como se Deus tivesse querido reagir à palavra instintiva de Pedro: “Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias”.³³ Uma palavra humanamente sincera, mas que no fundo banalizava toda a sacralidade do evento, reduzindo-o a... um belo acampamento na montanha com os amigos!

“Ele nem sabia o que dizia. Enquanto ainda falava, desceu uma nuvem que os cobriu com sua sombra. Ao entrarem na nuvem, os discípulos ficaram cheios de medo. E da nuvem saiu uma voz que dizia: ‘Este é o meu Filho, o Eleito. Escutai-o’.”³⁴

À sombra dessa nuvem, Pedro, Tiago e João voltam a ganhar consciência da sacralidade do mistério de que foram testemunhas, que é o mistério de Cristo, “luz para iluminar as nações”, como disse o velho Simeão, o mistério revelado pelo Pai, que O apresenta com amor e predileção e nos pede que O escutemos.

Então poderíamos pensar que a “nuvem de testemunhas” de que fala a Carta aos Hebreus significa para nós que as testemunhas da fé que nos iluminam e nos falam a partir da Sagrada Escritura, a partir da história de santidade da Igreja e nas pessoas verdadeiras e com autoridade que conhecemos pessoalmente, que todas essas testemunhas constituem para nós essa nuvem do Espírito Santo em que o Pai nos revela o dom do Filho predileto que somos chamados a escutar, a que somos chamados a obedecer, que somos chamados a seguir.

Este é o esplendor misterioso, luminoso e cheio de autoridade da Igreja, em que, mesmo na sombra de nossa humanidade, da humanidade de todos os santos, de todos os batizados que dão um testemunho de fé, o Mistério se evidencia numa companhia de pessoas.

³³ Lc 9,33.

³⁴ Lc 9,33-35.

Surpresos com o testemunho de fé

Quantas vezes nos sentimos como Pedro e os demais, humilhados e amedrontados ante a manifestação de um testemunho de fé extraordinário, que acaba surpreendendo-nos, de pessoas com quem até convivemos todo dia sem nem nos darmos conta da luz que carregam! Víamos tudo na superfície do humano, com todos os lados positivos e negativos de um temperamento, de um jeito de ser e de fazer ou de não ser e não fazer. Estávamos com essas pessoas levemente, sem olhá-las de verdade, ou vendo só o que nos agradava; estávamos com elas sem ouvi-las, ou ouvindo-as sem atenção. E de repente, por uma razão ou outra, talvez numa circunstância em que finalmente precisamos delas, ou porque essas pessoas vêm a faltar, eis que a nuvem nos cobre e nela, quando toda a aparência desaparece, ouvimos precisamente o seu testemunho de fé, e temos de reconhecer, confusos, que é uma manifestação de Deus, de Cristo, do Mistério que nos cria e nos salva.

Na autobiografia de Takashi Paolo Nagai, recém-publicada com o título *O que nunca morre*³⁵ –, um texto que eu poderia equiparar às *Confissões* de Santo Agostinho –, ele conta seu caminho de fé, o caminho que o levou à fé cristã e depois a viver na fé uma vida intensa e dramática, até encontrar-se física e espiritualmente no centro da destruição atômica de Nagasaki, com a consciência de fé de que ela foi um sacrifício do Cordeiro para a paz no mundo inteiro. Mas o próprio Takashi Nagai se dá conta, quase no fim – em particular depois de ter encontrado os ossos carbonizados de sua mulher, Midori, debaixo das cinzas da casa destruída pela bomba atômica, tendo do lado as contas do Terço com que ela estava rezando –, do quanto a fé de sua mulher foi responsável por pedir e obter de Deus a sua fé, e a fecundidade extraordinária da sua vida. A presença mariana de Midori revelou-se-lhe no fim como a presença mais evidente do Mistério na sua vida. E ele nem tinha se dado conta! Por isso entendeu que, depois da bomba, ele também teria de viver testemunhando a fé assim, do fundo de sua impotência, doente de leucemia, sempre acamado, numa cabana de

³⁵ Sem edição no Brasil. Takashi Paolo Nagai, *Ciò che non muore mai. Il cammino di un uomo*, Cinisello Balsamo-MI: San Paolo, 2023.

poucos metros quadrados, oferecendo-se a si mesmo com Cristo e experimentando uma fecundidade de testemunho incrível.

Eu senti a mesma comoção e confusão quando, alguns meses atrás, visitando o quarto de meu velho amigo Luciano – o carpinteiro que, com sua mulher Nella, me fez encontrar o Movimento em 1976 –, depois dele ter sofrido uma grave hemorragia cerebral, que o levou para o Céu um mês atrás, vi que no armário do seu quarto ele guardava um bilhete com as datas mais importantes do meu caminho vocacional, e particularmente a data do nosso primeiro encontro: “Uma amizade de outro mundo. 25 de fevereiro de 1976. 44 anos... de graça” (tinha escrito em 2020). Nesse momento eu como que revi toda a minha vida contida na memória e na oração desse homem simples, contida na sua fé, que dentro dos encontros humanos vê o acontecimento de graça que não tem fim e que é algo de outro mundo. Eu poderia dizer o mesmo de muitas outras pessoas, até de pessoas que não conheço, que só vou conhecer no Céu, e cada um de nós pode dizer o mesmo de várias pessoas. Sim, há mesmo uma “nuvem de testemunhas”, uma nuvem sagrada, em que Deus está presente e nos fala, uma nuvem que guia e protege a vida, como protegia o povo de Deus no deserto.

Essas testemunhas revelam-nos que há um ponto de maturidade da fé, que para todos consiste em aceitar ser um grão de trigo que cai na terra e morre para dar um fruto que já não é só seu, muito embora todo o ser do grão de trigo tenha sido feito para dar esse fruto.

“Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto.”³⁶ Alguns entendem isso desde logo e chegam a vivê-lo no meio de uma atividade fecunda e eficaz. E então vivem também a atividade plena, a missão plena, imbuídos de um espírito de mendicância contínua. Penso em Dom Giussani, nos papas que o Espírito deu e dá à Igreja nas últimas décadas, em Madre Teresa... Mas às vezes nos é pedido experimentar uma espécie de queda na nossa eficiência, para descobriremos com surpresa que é daí mesmo, e não do topo das nossas torres de Babel, sempre inconcluídas, que a nossa fé é viva e dá fruto.

³⁶ Jo 12,24.

Testemunhas da fé

Pois bem, o que queremos entender é o fato mesmo de que essa “nuvem” que nos manifesta o Mistério é constituída por *testemunhas da fé*. E cada um de nós é chamado a fazer parte dela. Elas são aquela multidão que o Apocalipse descreve, dando-nos uma imagem dos eleitos no Céu: “Eu vi uma multidão imensa, que ninguém podia contar, gente de todas as nações, tribos, povos e línguas. Estavam de pé, diante do trono e do Cordeiro; vestiam túnicas brancas e traziam palmas na mão. Todos proclamavam com voz forte: ‘A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro’”³⁷

São os mártires, termo que significa literalmente “testemunhas”, que com todo o corpo, a alma e a voz gritam seu testemunho eterno, selado na terra com seu sangue, o testemunho da Salvação realizada por Deus no Filho, o Cordeiro imolado e glorioso: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro”! A fé grita que só Deus nos salva!

Por que a nuvem de testemunhos, diante de nós na terra e diante de Deus no Céu, dá testemunho da fé, poder-se-ia dizer “só” da fé? Por que não da caridade, da esperança, da verdade, da justiça, da generosidade? Decerto, as testemunhas da fé também são testemunhas de tudo isso, e mais ainda. Mas por que é que são testemunhas expressamente da fé? Por que o Novo Testamento, os apóstolos, mas antes o próprio Jesus no Evangelho, insistem principalmente na fé?

A passagem da Carta aos Hebreus sugere-nos logo uma pista, aliás, a pista para tentarmos entender o que é a fé que nos é dada e pedida com tanta insistência. Diz-nos que antes de tudo temos de caminhar, aliás: *correr*, mantendo os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição.

Quer isso dizer que só fixando os olhos em Cristo é que entendemos algo da fé. Aliás, não algo, mas tudo, entendemos a origem e a consumação da fé, e entendemos que a origem (o Autor) e a consumação (o fim, isto, é, a perfeição) da fé são o próprio Cristo. É como se a fé coincidissem com Cristo. Em que sentido?

³⁷ Ap 7,9-10.

A fé salva

Há um juízo, ou melhor, um anúncio que Jesus faz a algumas pessoas que o impressionam por sua fé. Por exemplo, à hemorroíssa que acreditou que só de tocar na barra do manto do Senhor seria curada de seu mal;³⁸ ou ao cego Bartimeu;³⁹ ou à pecadora que, na casa do fariseu Simão, foi e lavou os pés de Jesus com suas lágrimas, beijou-os e os ungiu com perfume;⁴⁰ ou a Jairo, antes de ressuscitar sua filha,⁴¹ ou ao único dos dez leprosos curados que voltou para agradecer.⁴²

O que disse Jesus a todas essas pessoas, cuja fé Ele admirava? Fundamentalmente disse a todos a mesma coisa: “Tua fé te salvou!”

Que quer dizer isso? O que nos salva? Por acaso não é só Cristo quem nos salva? Sim, justamente! E isso nos faz descobrir o significado, o valor, o sentido da fé, o que realmente nos interessa na fé, e nos faz desejá-la acima de qualquer coisa, acima de qualquer virtude. *A fé é o que nos abre para Cristo, Salvador da vida e do mundo.*

Isso nos permite entender a profundidade de outra resposta que Jesus dá a quem Lhe pede qualquer coisa com fé, como quando disse ao centurião: “Aconteça como creste”;⁴³ ou aos dois cegos que Lhe suplicaram que os curasse: “Faça-se conforme a vossa fé”.⁴⁴

A fé é o espaço em nós que corresponde ao acontecimento de Cristo, a Cristo que veio e está presente para nos salvar. A fé é a abertura em nós para o acontecimento de Cristo, nosso Salvador.

Não há nada mais, e de mais importante, para entender a respeito da fé, do que é a fé, do que ela deve significar para nós. Não é a fé que nos salva: ela permite que o Salvador nos salve e salve o mundo.

Sem Cristo, sem o acontecimento de Cristo, a fé não tem conteúdo nem sentido. Dom Giussani escreveu: “A fé, como atitude real que o homem vive em relação a Deus, não é genérica: *é fé em Cristo*, o Sinal de todos os sinais, o Homem pelo qual o Mistério se revelou”.⁴⁵

³⁸ Cf. Mt 9,20-22.

³⁹ Cf. Mc 10,46-52.

⁴⁰ Cf. Lc 7,36-50.

⁴¹ Cf. Lc 8,49-56.

⁴² Cf. Lc 17,12-19.

⁴³ Mt 8,13.

⁴⁴ Mt 9,29.

⁴⁵ L. Giussani, *Dar a vida pela obra de outro*, op. cit., p. 113.

Ou então, em *Deixar marcas na história do mundo*: “A fé faz parte do acontecimento cristão porque faz parte da graça que o acontecimento representa, daquilo que o acontecimento é. A fé pertence ao acontecimento porque, enquanto *reconhecimento amoroso* da presença de algo excepcional, é um dom, é uma graça. Tal como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, da mesma forma vivifica em mim a capacidade de abraçá-lo e de reconhecê-lo, com sua excepcionalidade. Assim, minha liberdade aceita esse acontecimento, aceita reconhecê-lo. Por esse motivo, a fé, em nós, é tanto o reconhecimento do excepcional presente quanto a adesão simples e sincera que diz ‘sim’ e não oferece objeções: reconhecimento e adesão são parte do momento em que o Senhor, por meio da força de Seu Espírito [de que falamos ontem à noite], se revela a nós, são parte do momento em que o acontecimento de Cristo entra em nossa vida”.⁴⁶

Também a fé de Abraão, dos patriarcas, de Moisés e dos profetas tinha Cristo como horizonte e conteúdo. Era grande, era enorme, porque já estava repleta do acontecimento de Cristo. Como Jesus disse aos judeus: “‘Vosso pai Abraão exultou com o pensamento de ver o meu dia, viu-o e se alegrou’. Os judeus disseram-lhe então: ‘Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão?!’ Jesus respondeu: ‘Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, eu sou’”.⁴⁷ Não disse que tinha visto Abraão, mas que Abraão O tinha visto na fé. Abraão já estava repleto do acontecimento de Cristo e da alegria que isso traz.

Mas essas palavras de Jesus fazem-nos entender que o “acontecimento” em que a fé crê não é apenas algo que há de ocorrer no futuro. Abraão “viu e se alegrou”, porque sua fé via Cristo. O acontecimento, a salvação a que a fé adere é a pessoa de Cristo. Abraão viu que Jesus é “Eu Sou”, o Deus presente que salva. Por isso, Jesus sempre pediu aos discípulos a fé na sua Pessoa, mais do que nas suas obras. Suas obras eram um motivo ou um auxílio para acreditarem, não o conteúdo da fé: “Crede-me: eu estou no Pai e o Pai está em mim. Crede ao menos por causa dessas obras”.⁴⁸ Não se trata de crer nas obras, mas de crer em Cristo por causa das obras que realiza.

⁴⁶ L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 44.

⁴⁷ Jo 8,56-58.

⁴⁸ Jo 14,11.

Há um lindo texto de Dom Giussani que eu não resisto a ler para vocês. É de 1968, trata-se da Introdução dos Exercícios Espirituais do Centro Cultural Charles Péguy, em Varigotti: “Digamos então: como fizeram para começar a crer? Em que consistiu aquele acontecimento que despertou um tal interesse, determinou uma tal impressão que as pessoas pela primeira vez se arriscaram com o que estava à sua frente, que as pessoas pela primeira vez tiveram a fé acesa dentro de si, que o cristão começou a ser no mundo? Qual foi aquele acontecimento, de que tipo foi aquele acontecimento? Não creram porque Cristo falava dizendo aquelas coisas, não creram porque Cristo fez aqueles milagres, não creram porque Cristo citava os profetas, não creram porque Cristo ressuscitou os mortos. Quantas pessoas, a grande maioria, o ouviram falar assim, o ouviram dizer aquelas palavras, o viram fazer aqueles milagres, e o acontecimento não ocorreu para elas. O acontecimento foi algo do qual o milagre ou o discurso eram articulações, eram segmentos, eram fatores, mas foi outra coisa, de mais, de tão diferente que deu ao discurso e ao milagre o significado deles. Creram por como Cristo apareceu. Creram por aquela presença, não por isto ou aquilo que fez e que disse. Creram por causa de uma presença. Não uma presença imberbe ou obtusa, não uma presença sem rosto: uma presença com um rosto bem preciso, uma presença carregada de palavra, ou seja, carregada de proposta. Creram por causa de uma presença carregada de proposta”.⁴⁹

Se as obras e os milagres não me levam a crer que a presença da pessoa de Jesus é o que me salva, e não o que Ele faz, ainda que seja ressuscitar os mortos ou multiplicar pães e peixes, então minha fé é vã, minha fé não é fé. Se não acredito que Cristo ressuscitou, e que é *isso* o que me salva, quer eu viva, quer eu morra,⁵⁰ então não tenho a fé, ou tenho uma fé composta de belas lembranças de um grande profeta, mas não uma fé que me faz tocar a Salvação da vida toda. Se Cristo não tivesse ressuscitado, poderíamos continuar acreditando em seus milagres, da mesma forma como acreditamos que Elias, Eliseu ou os santos realizaram muitos milagres. Mas de que adianta para minha vida recordar isso agora? O que essa lembrança muda na minha vida? Nada. Pode ser que me faça esperar que algum milagre venha a acontecer, aconteça

⁴⁹ “A introdução de Luigi Giussani nos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy (Varigotti, 1 de novembro de 1968)”, in J. Carrón, “Vivo é algo presente!”, *Passos*, n. 208, nov. 2018, p. 24.

⁵⁰ Cf. Fl 1,20.

a mim. Mas minha vida continua abandonada àquilo que é ou não é. Nada a salva *agora*, nada a preenche agora de sentido.

Assumir a forma do acontecimento de Cristo

Ora, se a fé é reconhecer e abrir-se para esse acontecimento, que mudança de humanidade, que mudança em nós deve produzir? Ou pelo outro lado: o que perdemos de Cristo e de nós mesmos quando não temos a fé, quando não cremos, quando não permitimos que a fé nos salve, abrindo-nos para o acontecimento de Cristo?

Pensemos nas muitas vezes em que Jesus teve de repreender seus discípulos, seus apóstolos, por não terem fé, por terem uma fé pequena e mesquinha. Como devem ter-se sentido nus, todo envergonhados, incapazes de responder, como Adão quando Deus apareceu e lhe perguntou onde estava depois do pecado. Se não houvesse pecado, teria permanecido na presença de Deus, seu coração teria permanecido na presença de Deus. Adão e Eva esconderam-se em seu esconder-se, não atrás dos arbustos. Isto é, esconderam-se atrás de sua liberdade de recusarem o dom da amizade de um Deus presente, de um Deus familiar, de um Deus de quem eram imagem imediata, reflexo imediato. É a nossa liberdade que nos esconde atrás de seu subtrair-se à presença amante do Senhor. Assim também os discípulos, quando não tinham fé, sentiam-se descobertos como crianças escondidas por terem aprontado alguma, como as criancinhas que acham que estão escondidas ao pôr as mãozinhas no rosto quando a mãe as olha com severidade fingida. Com efeito, o Evangelho praticamente nunca relata uma única reação dos discípulos à repreensão de Jesus por não terem fé, por terem uma fé mesquinha, por ainda não terem fé. Ficavam lá, como estátuas, confusos, como se não entendessem nem do que Jesus estava falando! E Jesus, reforçando com tudo a dose, deixava-os ainda mais incomodados: “Há mais fé nos pagãos, nos publicanos e nas prostitutas do que em vós, que viveis sempre comigo, que me ouvís falar o dia inteiro, que vistes centenas de milagres! No entanto, bastaria um grãozinho de mostarda de fé para mover montanhas!”⁵¹

⁵¹ Cf. Mt 21,31; Mt 17, 20; Mc 11,23; Lc 17,6.

Jesus assim fazia devido ao imenso amor que nutria por eles. Como podia não ficar exasperado ao ver que recusavam acolher, vivendo com Ele, o Dom mais precioso que Ele concedia, o dom que os abria para o dom de tudo, para a experiência de tudo, para a comunhão com o Seu mistério mais profundo que transforma tudo em bem?! É como quando uma mãe vê que seu filho se recusa a comer, recusa o leite que ela lhe oferece, e assim recusa a vida. Que sofrimento é para Cristo ver-nos recusar a fé n'Ele, ver-nos fechados ou negligentes ou, pior, indiferentes ao dom de nos abrimos para a Sua presença, que salva nossa vida, que salva o mundo. Não só com uma salvação da última hora, *in extremis*, mas com uma salvação que salva a vida enquanto vivemos, que salva a vida inteira, que a salva não só da morte, mas da não-vida, do viver mal, do viver mesquinho, do viver inconsciente, do viver superficial, do viver sem viver, do viver só sobrevivendo, do viver sem pedir mais da vida, na vida, do viver sem desejar o infinito. Que dor é para Cristo, e para Deus Pai, que gemido do Espírito Santo, ver-nos recusar a plenitude de vida para a qual fomos criados! E isso para pegar um fruto que consumimos em poucos minutos, para uma satisfação que se apaga depois de trinta segundos, para acumular vitórias que nos decepcionam quando ainda estamos erguendo o troféu sob a aclamação da multidão e do mundo...

Com que dor Jesus não deve ter dito aos fariseus: “Sim, o Pai que me enviou dá testemunho em meu favor. Vós, porém, nunca ouvistes a sua voz, nem vistes a sua face, e não tendes a sua palavra permanecendo em vós, pois não credes naquele que ele enviou. Examinais as Escrituras, pensando ter nelas a vida eterna; são elas que dão testemunho de mim. Vós, porém, não quereis vir a mim para terdes a vida!”⁵²

“O Filho do Homem, porém, quando vier, encontrará fé sobre a terra?”

A dor de Cristo leva-O a chorar sobre Jerusalém, pois ela não acreditou, pois ela não acolheu o dom da sua salvação: “Quando Jesus se aproximou de Jerusalém e viu a cidade, começou a chorar sobre ela, e

⁵² Jo 5,37-40.

disse: ‘Se tu também reconhecesses, hoje, aquilo que te conduz à paz! Agora, porém, isso está escondido a teus olhos! Dias virão em que os inimigos farão trincheiras, te cercarão e te apertarão de todos os lados. Esmagarão a ti e a teus filhos, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que foste visitada’”⁵³

Jesus não chorou porque Jerusalém seria destruída, porque morreria: chorou porque recusou a vida, a vida que a visitava n’Ele, o Filho de Deus vindo ao mundo para que tivessem a vida n’Ele. Jesus chorou porque Jerusalém não acolheu o dom da fé, o dom de reconhecer a visita de Deus, a presença de Deus que vem para nós. Jerusalém não abraçou Jesus como Simeão, não exultou por ter sido visitada pelo Senhor. “E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós”,⁵⁴ escreveu São João no início de seu Evangelho, mas também escreveu: “Veio para o que era seu, mas os seus não a reconheceram”.⁵⁵ Que perda, que ruína não acolher Cristo, não ter fé em Cristo! Por quê? Porque “a quantos, porém, a receberam”, continua João, “deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus: os que creem em seu nome”.⁵⁶

A importância da fé está toda na importância do acontecimento de Cristo para nós. Quem crê no nome de Cristo, ou seja, na Sua presença, torna-se por graça filho de Deus. Então lhe é dada a realização total da sua humanidade, aquilo que Adão e Eva quiseram roubar escondidos de Deus, em vez de o acolher do Seu amor e da Sua presença.

Por isso mesmo, porque anseia por doar-nos isso – que para nós é tudo, seria tudo –, porque morre para doar-nos isso, Jesus a certa altura parou, como que tomado por uma preocupação fulgurante, por uma ânsia repentina, e perguntou-se: “O Filho do Homem, porém, quando vier, encontrará fé sobre a terra?”⁵⁷

Essa pergunta que Jesus se faz sempre nos causa um mal-estar. Perguntamo-nos o que pode significar. Perguntamo-nos, no fundo, que juízo sobre a história ela representa. Ela nos dá a entender que o problema do fim do mundo não será tanto uma questão de catástrofes cósmicas, nem tampouco de grandes pestes, guerras ou terremotos.

⁵³ Lc 19,41-44.

⁵⁴ Jo 1,14.

⁵⁵ Jo 1,11.

⁵⁶ Jo 1,12.

⁵⁷ Lc 18,8.

O problema do fim do mundo será algo muito mais humano, mais conforme a nós, ao nosso coração, à nossa liberdade. É como se Jesus prospectasse que na sua última vinda, a Parusia, o risco é de não haver ninguém a esperá-Lo, a dizer-Lhe: “Vem, Senhor Jesus!”⁵⁸

Parece que estamos lendo aquela frase amarga de Primo Levi, em seu livro autobiográfico *A trégua*, em que ele conta o retorno complicado para a Itália depois que foi libertado de Auschwitz: “A casa estava de pé, todos os familiares vivos, ninguém me esperava”.⁵⁹

Porém, se essa pergunta de Jesus só tem relação com o fim do mundo, no fundo eu poderia dar de ombros e dizer, como se não me dissesse respeito: “Quanto mais eu envelheço, mais diminuem as chances do mundo acabar durante a minha vida. Outros é que vão responder à pergunta de Jesus, e vai saber quando!” No entanto, a inquietação que a pergunta provoca em nós, ou melhor, mais que a pergunta em si, a inquietação que provoca em nós o fato de Jesus fazê-la e não conseguir responder e prever o que será da fé no fim do mundo, Ele que sabe tudo, Ele que prevê tudo, prova-nos que essa pergunta nos concerne, e que cada um de nós é chamado a responder. Essa pergunta fere minha liberdade. É de mim que deve vir uma resposta a essa pergunta. Quando o mundo acabar para mim, Cristo encontrará a fé? Mas também quando o mundo acabar, Cristo encontrará a fé em mim?

O fato de Jesus dizer em outro lugar que o Filho não sabe quando virá o fim⁶⁰ e de levantar essa questão sobre a nossa fé sem dar resposta, permite-nos entender que, além da vinda gloriosa de Cristo, o fim do mundo também depende da nossa fé. Porque o fim do mundo, mais que um ponto final do cosmos e da história, será o cumprimento, a finalidade do cosmos e da história. E esse cumprimento não será, por assim dizer, “só” Cristo, mas Cristo reconhecido e desejado como cumprimento de tudo. Só a fé pode permitir isso. Pensemos com que intensidade os santos aguardaram esse cumprimento, desejaram esse fim do mundo, essa realização do mundo. Graças a Deus, a fé deles pediu e desejou isso também para a humanidade inteira. A fé é o grito: “Vem, Senhor Jesus!”, manifestado a cada instante e a cada circunstância, que se abre para a realização que a presença de Cristo traz para a vida, o tempo, as coisas, tudo.

⁵⁸ Ap 22,20.

⁵⁹ P. Levi, *A trégua*, São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 212.

⁶⁰ Cf. Mt 24,36.

Morrer com fé total

Se isso é verdade, então a fé, a minha fé, a nossa fé, interessa ao mundo inteiro, inclusive a toda a humanidade inconsciente ou indiferente a Cristo. Por isso precisamos dessa nuvem de testemunhas que viva dessa fé para nós, conosco, para crescermos nela.

Sempre me lembro de uma expressão do bispo Eugenio Corecco – meu pai na vida de fé –, que sete meses antes de morrer me escreveu: “Vamos continuar rezando [tinha acabado de falar da oração pela sua cura] para morrer com fé total, porque isso é e continua sendo a maior das graças”.⁶¹

Nos mesmos termos escreveu a uma monja: “A tentação do inimigo volta a aparecer, e novamente sinto como é difícil, sem uma fé total, ir ao encontro do Senhor não só com resignação, que é realmente pouco, mas com alegria. Se Ele me quer, peço que me dê essa última graça, porque vale imensamente mais do que a vida. Tudo está aqui (Sl 62,4)”.⁶²

Morrer, ir ao encontro do Senhor, com fé total, como a maior das graças, que vale mais do que a vida. É justamente essa “fé total” o que Cristo virá buscar no fim da nossa vida e da vida do mundo.

E que quer dizer “fé total”? Em que sentido a fé pode ser total? Foi assim que o velho Simeão morreu depois de ter reconhecido e abraçado Jesus? Foi assim que São Paulo morreu, se pensarmos no que escreveu a Timóteo? “Quanto a mim, já estou sendo oferecido em libação, pois chegou o tempo da minha partida. Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Desde agora, está reservado para mim o prêmio da justiça que o Senhor, o justo juiz, me dará naquele dia, não somente a mim, mas a todos os que tiverem esperado com amor a sua manifestação.”⁶³

Vemos que, tanto em São Paulo quanto em Dom Corecco, o sentido da morte tem dimensões de Parusia: consiste em ir ao encontro do Senhor que vem, ir ao Seu encontro “com alegria”, escreveu Corecco,

⁶¹ E. Corecco, “Lettera del 23 giugno 1994”. In: A. Moretti, *Eugenio Corecco. La grazia di una vita*, Sena-Lugano: Cantagalli-Eupress FTL, 2020, p. 371.

⁶² E. Corecco, “Lettera del 5 giugno 1994”. In: *Associazione Internazionale Amici di Eugenio Corecco, Vescovo di Lugano*, Bollettino n. 2, 1997, L’Epistolario: “Farsi ricostituire dallo Spirito Santo”, Lettere di Eugenio Corecco ai contemplativi, a cura di P. Mauro-Giuseppe Lepori, p. 102.

⁶³ 2Tm 4,6-8.

ou “com amor”, escreveu São Paulo. O todo resumido na fé. Como o velho Simeão.

Contudo, compreendemos que não haverá fé total no fim da nossa vida e no fim do mundo, se a fé não passar a ser, aqui e agora, aquilo que em nós vai ao encontro do Senhor que vem, se não for a nossa abertura para a Sua presença, o nosso desejo de encontrá-Lo, de amá-Lo, de abraçá-Lo agora. Como não pensar na frase de São Paulo aos Gálatas, excepcional por sua essencialidade? “Com Cristo, eu fui pregado na cruz. Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim. Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim.”⁶⁴

Quando comecei a preparar estas palestras, como sempre, era assaltado por várias questões e problemas concernentes à minha Ordem ou a outras pessoas e realidades (sempre o sou, mas aquele era um momento mais dramático para mim). Normalmente se trata de problemas ante os quais nos sentimos impotentes, pois está em jogo a liberdade mais ou menos sincera das pessoas. E isso costuma provocar em mim tristeza, irritação, desconforto. Mas meditando sobre a fé, justo quando estava aflito procurando, sem encontrar, uma solução para uma situação deteriorada, e por isso estava triste, de repente entendi que eu precisava fazer-me imediatamente a pergunta de Jesus sobre o fim do mundo, ali mesmo, no meio da situação complicada e intrincada que eu tinha de enfrentar. E disse a mim mesmo: “Será que eu tenho fé? Eu tenho a fé? Estou diante desta circunstância com fé antes de tudo, antes de procurar outras posições, outras decisões, outras soluções?” E assim comecei a sentir que a pergunta final de Jesus me era posta por tudo, em tudo, por todos, sempre. Afinal, o que é da minha fé enquanto estou tranquilamente com alguém, ou me ocupando de coisas cotidianas, ou quando o cansaço me toma depois de um trabalho, ou quando leio um e-mail, quando respondo, quando preparo uma fala, quando vou à igreja rezar, quando converso à mesa, quando ouço as notícias do mundo, da guerra na Ucrânia, etc.? Em tudo isso, quando Jesus vem, encontra a fé em mim? Encontra em mim a fé?

A vida é ser continuamente interpelado por todos e por tudo. Mesmo quem não nos pede nada interpela-nos. Tudo interpela nosso eu,

⁶⁴ Gal 2,19-20.

tudo nos diz: “Você, como é que fica diante de mim? Quem você é, o que o define diante de mim?”

Jesus anuncia-nos que a única resposta adequada, a única que responde de verdade, a única que é responsável, a única que corresponde a toda a realidade, que corresponde à realidade que vai desde o instante que estou vivendo até Aquele que a faz e virá para julgá-la, a única face que nos define adequadamente diante de toda a vida e toda a realidade é a fé, somente a fé.

Entendem que é uma coisa importantíssima e vital? Quando chegar o momento da prestação de contas, ou seja, quando toda a nossa realidade estiver face a face com o Senhor glorioso e Ele refletir em seus olhos toda a realidade que tivermos encontrado e vivido, se não tivermos a fé, ficaremos como que estonteados, sem palavras, sem nada nas mãos, sem capacidade de dizer “eu”, porque incapazes de dizer “Tu”. Porque, sem fé, não saberemos nem balbuciar uma palavra de arrependimento, um pedido de perdão! Não é o nosso pecado o que nos faz pedir misericórdia ao Pai: é a fé, é reconhecer, ainda que só *in extremis*, que Deus é o único amor que pode levar a vida à perfeição.

A fé é pedir a Cristo

Esse exame, esse juízo final, poderia aterrorizar-nos. Na verdade, a pergunta se haverá fé sobre a terra que está no Evangelho de Lucas não veio do nada: é a conclusão de uma parábola sobre a oração, sobre o pedido insistente e confiante:

“Jesus lhes propôs uma parábola para mostrar-lhes a necessidade de orar sempre, sem nunca desistir: ‘Numa cidade havia um juiz que não tinha temor a Deus nem respeito por homem algum. Na mesma cidade havia uma viúva, que procurava o juiz e lhe pedia: ‘Faze-me justiça contra o meu adversário!’ Durante muito tempo, o juiz se recusou. Por fim, pensou: ‘Não tenho temor a Deus nem respeito por homem algum, mas como essa viúva me está importunando, vou fazer-lhe justiça, para que não venha, por fim, a me agredir!’” E o Senhor acrescentou: ‘Escutai bem o que diz esse juiz injusto! E Deus, não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Ele os

fará esperar? Eu vos digo que Deus lhes fará justiça bem depressa. O Filho do Homem, porém, quando vier, encontrará fé sobre a terra?”⁶⁵

Cristo pede-nos a fé, exige-a e também a quer grande, pois, fundamentalmente, a fé é pedido, é mendicância, é insistência em pedir. Ao pedir-nos a fé, Cristo pede-nos o pedido. Ao esperar nossa fé, Cristo espera nossa espera.

Em suma, quando o Filho do Homem vier, encontrará o pedido sobre a terra, encontrará a oração, encontrará quem pede a Sua vinda? Encontrará quem nunca parou de ecoar, até o fim, o grito do Espírito e da Esposa, a Igreja, que é praticamente a última palavra do Apocalipse e, por isso, da Bíblia toda: “Vem, Senhor Jesus”⁶⁶

Assim se entende que ter fé, ser uma pessoa de fé, que está firme na fé diante da vida, mesmo quando esta é tempestuosa e ameaçadora, não é uma questão de força e poder. Não é uma questão de virtudes valorosas. É uma questão de pobreza, de pobreza de espírito. Porque o pobre pede, o pobre implora.

Sem fé somos inadequados perante a vida, pois sem fé pedimos a adequação a nós mesmos ou aos outros como pretensão, ou seja, pedimo-la onde ela não existe. Com a fé, a adequação é pedida a Deus, é graça pedida e acolhida. E então pode ser também uma adequação miraculosa, uma adequação de outro modo impossível, porque vem de Deus.

Sem fé não pedimos nada, e assim vivemos tudo como se fosse nosso e obra nossa. Sem a fé, nada é dom, nada é graça, e então nada nos encanta, tudo é óbvio, tudo se torna entediante, tudo nos cansa, até as coisas mais bonitas e maiores da experiência humana, como a pessoa amada, os filhos, a família, os irmãos da comunidade, o trabalho, a festa.

Esta identificação de crer com pedir (lembra-me o princípio da teologia: “*Lex orandi, lex credendi*” – “A lei da oração é a lei do que se crê”)⁶⁷ não esvazia a fé de todos os seus conteúdos teológicos e morais: mas esvazia-a de todas as pretensões de os produzirmos ou sabermos nós. Tudo na fé é pedido, tudo é implorado. E então tudo na fé é dado, é graça. Por isso, fundamentalmente, a fé tem como conteúdo o amor de Deus, é fé no amor de Deus.

⁶⁵ Lc 18,1-8.

⁶⁶ Cf. Ap 22,17.20.

⁶⁷ “A lei da oração é a lei da fé, ou seja, a Igreja traduz em sua profissão de fé aquilo que expressa em sua oração” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1124).

Assim fica até mais fácil perguntar-nos se temos fé ou não, fica mais fácil verificar se, perante a vida, estamos nela com fé ou não. Perguntemo-nos se pedimos, se rezamos, se vivemos pedindo tudo ao Senhor que nos faz, mendigando tudo. Não há confissão de fé mais reta e ortodoxa do que reconhecer, pedindo tudo, que Deus é Amor e a consciência total de nós mesmos, bem como de todos e de tudo. Tudo vem d'Ele, tudo transborda do Seu amor de Pai ao Filho no Espírito Santo. Não há, pois, confissão de fé mais agradável a Deus do que rezar a Ele como ao nosso Pai, reconhecendo-O como Pai bondoso. Não há confissão de fé mais justa e verdadeira que o *Pai Nosso*, rezado com Cristo, pois é Ele quem o dá a nós.

O que Jesus muda na vida?

Ora, se a fé é essencialmente fé em Jesus Cristo, o que é que a fé demanda de essencial e vital, senão o próprio Jesus Cristo, a Sua presença que realiza o coração e a vida do homem?

Uma amiga, mãe de família e avó que dá catecismo, escreveu-me a respeito de uma provocação forte que ela recebeu de uma menina de dez anos: “E se Jesus não tivesse nascido? E se não estivesse presente? O que mudaria na nossa vida?”

Trata-se realmente de um desafio para a fé. De fato, a amiga catequista me escreveu: “Que provocação incrível! Essa menina me obrigou a refazer a pergunta que surpreendentemente coincide com o que estamos estudando na Escola de Comunidade: a fé como adesão àquela Presença reconhecida cujo impacto concreto em todos os aspectos da vida nós reconhecemos. A força das crianças é que elas não esperam uma resposta teológica, mas querem os fatos na mão! E isso me obrigou a vasculhar dentro de mim para encontrar a resposta. Vasculhar não no sentido de que eu não soubesse o que dizer, mas que, para responder, tive de começar a descartar todas as respostas supérfluas que me vinham instintivamente, para chegar ao coração da questão: Jesus, tu és realmente indispensável para eu viver?”

Minha amiga continua: “Procurar a resposta me levou, assim, a um intenso ‘cara a cara’ com Ele, porque – para terminar – descobri que a resposta não pode ser nada além de uma Presença presente neste

momento, que me abraça agora, toda, do jeito que sou. ‘Agora preciso de Ti!’ E termino por gritar: ‘Jesus, não me abandones!’”

Enfim, a fé não pode ser testemunhada sem Cristo. Não só sem Cristo enquanto conteúdo da fé, mas sem Cristo presente, reconhecido aqui e agora pela fé, pelos olhos da fé que O fixam. A pergunta que essa menina de dez anos formulou tão bem, com tanta verdade, é a pergunta ardente, geralmente calada ou mal formulada, que o mundo inteiro nos faz e que, de resto, o próprio Cristo nos faz.

O que o acontecimento de Cristo, a Sua presença, muda na minha vida? Eu me perguntei isso de novo nestas semanas de celebração da paixão, morte e ressurreição do Senhor. O que a Páscoa muda na minha vida? Que sinal deixa, que determinação deixa? Há um modo errado e estéril de levantar essa pergunta, que é um olhar para si mesmo, um examinar-se a si mesmo moralista ou sentimental, ou intelectual. É como se uma mãe, durante a gravidez, pensasse só em como ela muda, em como sua forma ou seu peso mudam, em como suas forças mudam, e não pensasse no bebê, na presença do bebê crescendo nela. Minha amiga catequista pegou o centro da questão, o que realmente está em jogo. O impacto da presença de Cristo na nossa vida é primeiramente, essencialmente, a presença de Cristo. E se deve mudar alguma coisa em mim, é que eu sinta, vivencie, sofra o quanto Ele me é necessário, o quanto Cristo me falta se não está presente ou se eu não Lhe presto atenção; e o quanto Sua presença preenche minha vida e lhe dá sentido e beleza.

Sim, o que muda a vida é que a presença do Senhor está nela. O que muda radicalmente a vida é o fato d’Ele estar presente. Por isso, é realmente num “cara a cara” que se entende o que muda ou não muda na vida o fato de Cristo existir ou não. Esse “cara a cara” é aquele reconhecimento, aquele dizer “Tu” a Cristo, que me permite perceber que Ele já está me dizendo “tu”, antes ainda que eu me dê conta. Como os discípulos de Emaús, que, embora sem reconhecê-Lo, ao longo de todo o caminho, ouvindo-O, vendo esse peregrino na penumbra da noite, depois se deram conta de que já O percebiam, de que a vida deles já tinha mudado, ganhava um contorno novo, e já ardia neles como que um fogo que permitia ao coração gritar “TU!” antes mesmo que a consciência pudesse chamá-lo pelo nome.

Isso me faz pensar no comentário do encontro de Jesus com Madalena, no qual São Gregório Magno, na 25ª homilia sobre os Evange-

lhos, põe na boca de Jesus as seguintes palavras dirigidas a Maria de Magdala: “Reconhece aquele pelo qual foste reconhecida!”⁶⁸ Como se lhe dissesse: “Dize ‘Tu’ Àquele que diz ‘tu’ a ti!”

Duas semanas atrás eu jantei na casa do meu querido amigo Carras, em Madri, e conheci Jone, sua mulher, que me contou como viveu o início da grave doença que a deixou paralisada por meses. No arco de poucas horas, ela se viu imobilizada e intubada, capaz apenas de ver e ouvir. E ali disse “Tu” a Cristo, pôs-se a dizer “Tu” a Cristo, e isso lhe deu imediatamente um sentimento de consistência de si, de dignidade do seu ser criada e amada por Deus, que nunca mais a abandonou, que a determinou mais do que todo o resto. E ela nos contou que os médicos que a tratavam, sem conseguirem falar com ela, simplesmente olhando-a tal como estava, reconheciam que ela, no meio de tudo, possuía uma força e uma paz que os outros doentes não possuíam: a fé.

A fé que informa a vida

Aqui está o centro da questão da fé. Somente se a fé for o reconhecimento de uma “Presença presente neste momento”, como escreveu a amiga catequista, uma Presença a quem você diz “TU”, como para Jone, ancorando-nos nesse “TU” como consistência da vida toda, que nos salva mesmo quando cometemos uma falta; só se a fé for isso, ela se torna em nós a nascente, o centro irradiador de uma vida realmente transformada por Cristo, que transforma toda a realidade a partir de dentro. A fé nos é dada e pedida para restituirmos à realidade inteira a consistência que ela perdeu longe d’Aquele que a faz.

Desde que li, pela primeira vez na minha adolescência, o *Diário de um pároco de aldeia*, de Georges Bernanos, tem-me acompanhado uma consideração que o padre protagonista escreve bem no meio da provação que está vivendo, em seu corpo doente, nas relações complicadas com seu rebanho, em seu espírito em luta com um Deus oculto que o mantém na agonia do Getsêmani.

Ele escreve em seu *Diário*: “Não, não perdi a fé! Essa expressão ‘perder a fé’, como se perde um porta-níqueis ou um molho de cha-

⁶⁸ São Gregório Magno, papa, “Homilias sobre o Evangelho”, Om. 25, 1-2. 4-5; PL 76, 1189-1193.

ves, sempre me pareceu um pouco estúpida. Deve pertencer ao vocabulário da piedade burguesa e foi, com certeza, inventada por aqueles tristes padres do século XVIII, tão fúteis. Não se perde a fé – ela deixa de informar a vida, isso sim. [...] Quando um homem culto chegou, pouco a pouco, e de maneira insensível, a recalcar sua crença em algum recanto do cérebro, onde a descobre de novo, por um esforço de reflexão, de memória – ainda no caso em que tivesse alguma ternura pelo que não existe mais ou pelo que poderia existir –, não é possível dar o nome de fé a um sinal abstrato, que [...] não se parece com a fé mais que a Constelação do Cisne com um cisne”.⁶⁹

“Não se perde a fé – ela deixa de informar a vida.” Isto é, deixa de dar forma à vida a partir de dentro. *In-formar*, etimologicamente, antes que significar apenas e banalmente “dar notícias”, significa “dar forma dentro”, “formar de dentro”.

E isso nos ajuda a tomar consciência do verdadeiro problema da crise de fé que todos vivemos, que o povo cristão vive, que o homem contemporâneo vive, filho de séculos de fé abstrata ou moralista, separada da realidade e da razão. Isso também nos ajuda a tomar consciência de como nossa fé deve ser reavivada, redescoberta em nós num recanto da nossa vida e da nossa consciência onde a relegamos. Não a perdemos, como diz Bernanos, mas a deixamos de lado, no depósito das coisas inúteis que não jogamos fora mas com as quais também não sabemos o que fazer, não sabemos para que servem.

O fato é que a fé serve justamente para informar a vida, para dar forma à vida; entende-se para que serve a fé só quando ela informa a vida, só quando dá à vida uma forma que só a fé pode dar. Deixar a fé de lado torna-a inútil. Mas ela não se torna inútil porque não seja útil em si. Torna-se inútil porque a deixamos de lado. Porque uma fé posta de lado já não tem o lugar de onde pode informar a vida, de onde pode dar forma à vida e assim transformar o mundo.

Regina Caeli

⁶⁹ G. Bernanos, *Diário de um pároco de aldeia*, São Paulo: É Realizações, 2011, p. 117.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Sábado na Oitava de Páscoa, ano A: At 4,13-21; Sl 117; Mc 16,9-15

**HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA, CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL
PREFEITO DO DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA**

Caros irmãos e irmãs,

nesta Oitava da Páscoa, vivemos ainda a plenitude da luz, da paz e da alegria que emana da vitória de Jesus Cristo sobre a morte. O Evangelho que ouvimos é tirado do chamado “final canônico de Marcos”, ausente nos manuscritos mais antigos do segundo Evangelho, mas rico em conteúdo para a nossa fé. O tema da incredulidade dos Apóstolos aparece várias vezes: eles não acreditam no testemunho de Maria Madalena, que lhes diz ter visto Jesus vivo, nem no testemunho de outros dois discípulos que encontraram Jesus: “enquanto estavam indo para o campo”. Jesus mesmo, finalmente, aparecendo a eles “enquanto estavam comendo”, repreende-os “por causa da falta de fé e pela dureza de coração”.

Essa persistente e quase obstinada incredulidade dos Apóstolos é um aspecto importante que a revelação do Novo Testamento nos transmitiu, sem eliminá-lo ou “suavizá-lo”. Muitas vezes na história tentou-se atacar a fé cristã, dizendo que a ressurreição de Jesus seria um mito criado pela comunidade de seus primeiros discípulos, fruto de exaltação coletiva ou da glorificação póstuma do mestre, como aconteceu em muitas outras crenças religiosas do passado.

Na realidade, a surpreendente testemunha dos relatos evangélicos contradiz todas essas hipóteses. O grupo de discípulos de Jesus não estava em estado de “exaltação coletiva”. Pelo contrário, os Evangelhos nos dizem que eles estavam temerosos, angustiados e abatidos. E não se encontra neles uma atitude de fácil credulidade ou inclinação ao misticismo religioso. É claro, como ouvimos no Evangelho de hoje, que a própria ideia de que Jesus ainda estava vivo parecia incrível para os Apóstolos. Foi extremamente difícil para eles vencerem-se de que Jesus havia vencido a morte!

Portanto, a própria incredulidade dos Apóstolos é um forte sinal de credibilidade do Evangelho. No coração da nossa fé não há

um mito, não há uma ilusão coletiva, não há uma lenda criada pela comunidade com o objetivo de consolação. Não! O fundamento da nossa fé é um fato: Cristo ressuscitou! Cristo realmente venceu a morte! Cristo, ao ressuscitar, entrou com sua santa humanidade na dimensão mesma de Deus e da eternidade! Este acontecimento inesperado e surpreendente foi constatado por muitas testemunhas oculares, como temos ouvido nestes dias nos relatos das aparições do Ressuscitado que a liturgia nos propõe.

Estou convencido de que vocês também fizeram a experiência de Cristo ressuscitado em suas vidas, por isso estão aqui, por isso estão na Igreja, por isso procuram viver como cristãos no mundo de hoje. Vocês encontraram Cristo ressuscitado na comunidade cristã que com autoridade lhes transmitiu a Sua palavra: na palavra da Igreja, de fato, reconhecemos a própria voz de Cristo vivo que fala ao fundo do nosso coração. Na comunidade cristã vocês reconheceram Cristo ressuscitado “ao partir o pão”, como aconteceu com os discípulos de Emaús. Na comunidade cristã vocês encontraram o rosto misericordioso de Jesus ressuscitado que respondeu com o perdão ao nosso pecado, à nossa indiferença, à nossa soberba, como aconteceu com São Paulo na estrada de Damasco. Na comunidade cristã vocês encontraram Cristo ressuscitado, que nos deu o Seu Espírito, que se tornou em nós fonte de renovação, de renascimento, de iluminação e de infinitas energias criativas para pôr a serviço dos irmãos, como aconteceu com os discípulos no Pentecostes.

Queridos, a comunidade cristã na qual vocês encontraram Cristo ressuscitado assumiu para vocês o rosto concreto da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Talvez aqui tenham encontrado uma “Maria Madalena” que lhes falou de Jesus com gratidão e entusiasmo. Talvez tenham deparado com os dois discípulos “voltando do campo” que contaram entusiasmados o encontro impressionante que tiveram.

Talvez no começo tenham reagido com “falta de fé” e “dureza de coração”, mas aos poucos a serenidade, a razoabilidade da fé e a alegria daqueles que trouxeram a notícia os conquistaram. Aqueles cristãos estavam certos de um destino bom que está no início e no ápice de nossa existência, um destino que veio ao nosso encontro e se tornou conhecido. Isso os fascinou. O modo de viver e de estar juntos daqueles que disseram ter encontrado Cristo, seu envolvimento

apaixonado com a vida, que não excluía nada de seus interesses, tudo isso os surpreendeu e despertou em vocês o desejo de viver da mesma maneira. Vocês pensaram que, se Cristo é aquele que ajuda as pessoas a viver de maneira tão plena, feliz e autenticamente humana, então vale a pena acolhê-Lo e segui-Lo.

E de fato, ao começar a seguir Jesus e a viver na companhia de seus discípulos, vocês começaram a experimentar uma grande paz. Começaram a descobrir com surpresa que em Cristo havia respostas para suas perguntas e desejos mais profundos, e que seu olhar sobre a vida, sua humanidade, seu trabalho, suas amizades, sua capacidade de amar, tudo adquiriu uma nova profundidade e uma maior “verdade”. Isso, na verdade, significa encontrar Cristo ressuscitado. É um evento de renascimento, transformação, reconciliação interior e exterior.

Conservem sempre a gratidão ao Senhor por essa imensa graça e também pelos “instrumentos” concretos que o Senhor usou: as pessoas, o carisma, a comunidade. Mantenham também a clareza e a liberdade de considerá-los instrumentos para o encontro verdadeiro, que é o com Cristo ressuscitado.

No relato de Marcos, ouvimos que foi justamente aos discípulos com tamanha “falta de fé e pela dureza de coração” que Jesus confiou a missão de “anunciar o Evangelho a toda criatura”. A todos nós, mesmo sendo fracos e com uma fé muitas vezes vacilante, Jesus confia grandes tarefas. Fiquei impressionado com um trecho de uma carta que li recentemente, escrita por Dom Giussani em 1960, quando sonhava em ser missionário no Brasil com um grupo de jovens. Nela ele escreve: “Só o mundo inteiro é o horizonte do cristão, quem trabalha sem este ideal pode ser ferozmente honesto, ricamente asceta, talvez heroico, mas não verdadeiramente cristão”.⁷⁰ Estas palavras de Dom Giussani são verdadeiras! E assim como muitas outras de suas palavras, ainda precisam ser valorizadas e assimiladas completamente. Convido-os a voltar à integridade do ensinamento de Dom Giussani, que é uma grande riqueza para a Igreja hoje.

Realmente, o encontro com Cristo ressuscitado expande nossos horizontes e nos abre ao “mundo inteiro”, insere no nosso coração o desejo de alcançar todo homem e levar a todos a alegria da Boa Nova.

⁷⁰ L. Giussani, apud L. Brunelli, “Religio”, p. 1. *L'Osservatore Romano*, 8 de março de 2023.

Não percam nunca esse olhar universal, esse impulso missionário e esse grande amor por todos os homens que Jesus indica aos seus discípulos e que Dom Giussani sempre sentiu arder dentro de si.

Esta missão universal da Igreja, mesmo realizada com impulso e entusiasmo, nunca será fácil, na verdade encontrará oposições, como ouvimos na primeira leitura. O relato dos Atos, no entanto, testemunha que diante das proibições de anunciar Cristo e operar curas “em seu nome”, Pedro e João mantêm grande franqueza e liberdade de espírito e afirmam: “não nos podemos calar sobre o que vimos e ouvimos”.

Esta testemunha apostólica é de grande ajuda para nós. Parece aqui que o “carisma” de Pedro e dos Apóstolos é precisamente manter vivo o anúncio do Evangelho, mesmo quando isso confronta a indiferença ou inclusive a rejeição do mundo. Portanto, somente se mantivermos uma forte comunhão com Pedro e com a Igreja, teremos a força de dizer: “Temos de obedecer a Deus antes que aos homens”. Nosso vínculo com os sucessores dos Apóstolos confere garantia de eclesialidade e autoridade ao nosso anúncio e nos ajudará a não sermos “pregadores de nós mesmos”, mas pessoas conquistadas pelo Mistério, também ressuscitados com Cristo e anunciadores de sua vitória sobre a morte. É o valioso serviço que nós cristãos somos chamados a realizar por amor aos homens e mulheres do nosso tempo: manter o mundo aberto ao mistério de Deus, anunciar com a vida o “fato” indubitável da ressurreição de Cristo, com toda a luz e esperança que dela emanam.

Que a Virgem Maria os sustente em seu caminho cristão e na missão que o Senhor confia à sua Fraternidade e a cada um de vocês individualmente. Amém.

ANTES DA BÊNÇÃO

Davide Properi. Eminência. Permita-me, em nome de toda a Fraternidade de CL, expressar-lhe nosso mais vivo e tríplice agradecimento.

Obrigado por ter aceitado nosso convite para dividir conosco o caminho de aprofundamento do conteúdo da fé que estamos percorrendo nestes dias. Obrigado pelas palavras preciosas que acabou de nos dirigir na homilia, que nos convidam a recuperar a integridade

do ensinamento e da paixão missionária de Dom Giussani: é também o nosso grande desejo! Obrigado pela atenção paterna com que nos vem acompanhando de perto junto com o Santo Padre, nesta fase da nossa história. Para nós, esse é um sinal potente e uma confirmação contínua da ação do Espírito Santo na nossa vida e na nossa comunhão.

Não nos interessa nada além de viver para a glória de Cristo na terra, e portanto servir à Igreja com nossa vida e nosso pobre mas certo testemunho de que só Cristo é capaz de responder às exigências e à confusão em que se agita o coração do homem do nosso tempo.

Eminência, sigamos caminhando juntos por este caminho.

Estamos à disposição. Obrigado!

Cardeal Farrell. Antes da bênção final, gostaria de agradecer a todos vocês.

Vocês receberam a vocação de ser membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que – aprendi na minha vida – é um dos movimentos eclesiais mais importantes hoje na Igreja.

Eu considero Dom Giussani um dos maiores profetas da Igreja, da Igreja moderna. E a vocação de vocês é uma vocação feita e inspirada para a cultura dos nossos dias. É para este momento, um dos momentos mais difíceis na vida da Igreja. Mas com vocês, nós, eu creio que a Igreja avance sempre em frente, pois o que Dom Giussani nos disse muitas vezes é verdade.

Nós somos os apóstolos do futuro, vocês são os apóstolos do futuro.

Então eu lhes agradeço o testemunho de vida cristã que vocês dão todos os dias a todos nós. Que Deus, nosso Senhor, abençoe a todos vocês. Obrigado.

Sábado, 15 de abril, tarde

Arvo Pärt

Which was the son of... e Nunc Dimittis, Estonian Philharmonic Chamber Choir – Paul Hillier –

Edizioni Harmonia Mundi

Fratres, Hungarian State Opera Orchestra – Tamas Benedek – Edizioni Naxos

The Deer's Cry, The Sixteen – Harry Christophers – Edizioni Coro

Davide Proserpi

Temos uma agradável surpresa: o novo bispo de Rímini, Sua Excelência Dom Nicolò Anselmi, veio encontrar-nos. Ele sucedeu Sua Excelência Dom Francesco Lambiasi há apenas três meses, então está fresco no cargo. Ele vem de Gênova.

Dom Nicolò Anselmi

Obrigado por esta acolhida. Estou muito honrado mesmo de estar aqui. Tenho nos olhos – digo a verdade – a assembleia de uma semana atrás, quando aqui estavam 3.500 jovens. Vocês são muito mais numerosos, mais bonitos, mais tudo, obviamente; mas não vamos exagerar tão cedo!

Queria agradecer-lhes por estar aqui, também em nome da diocese de Rímini, que o Senhor, por meio do Papa, me chamou para servir há quase três meses. Estamos felizes em cumprimentá-los e garantir-lhes nossa oração por este momento tão importante, agradecendo-lhes todo o bem que vocês fazem nas vossas dioceses, nas nossas dioceses. Cumprimento também as inúmeras pessoas que nos estão acompanhando por videoconferência.

Proserpi

São mais de 25 mil.

Dom Anselmi

Agora vou celebrar na catedral e vou rezar por vocês, por Pe. Mauro e por toda a Fraternidade, que o Espírito Santo possa verdadeiramente tocar o coração de vocês. Obrigado.

Proserpi

Obrigado.

■ SEGUNDA MEDITAÇÃO
Mauro-Giuseppe Lepori

A fim de que o mundo creia

“Que Cristo habite em vossos corações pela fé” (Ef 3,17)

“Não se perde a fé – ela deixa de informar a vida, isso sim”,⁷¹ escreveu o pároco de aldeia de Bernanos. Mas qual é a forma que a fé quer dar à vida?

São Paulo explica-nos isso maravilhosamente na Carta aos Efésios, um dos trechos paulinos mais bonitos e sublimes, que descreve o encarceramento, um encarceramento que preocupa os efésios, como se pudesse diminuir o apostolado de Paulo, prejudicando-os a eles, à Igreja e ao mundo pagão que espera pelo Evangelho. Assim como nós também costumamos pensar que a doença e a enfermidade nossa ou de nossos amigos possa mortificar uma vocação, uma missão, a frutificação de um carisma. Mas Paulo tranquiliza os efésios sem meias palavras: “Portanto, eu vos peço que não desaniméis por causa das tribulações que suportó por vós, pois nisso está a vossa glória”.⁷²

E logo explica por quê, revelando sua posição diante de Deus, ou seja, sua fé, e como a fé deve informar a vida deles da mesma forma que informa a sua: “Por essa razão, dobro os joelhos diante do Pai, de quem recebe o nome toda paternidade no céu e na terra. Que por sua graça, segundo a riqueza de sua glória, sejais robustecidos, por meio do seu Espírito, no homem interior. Que ele faça Cristo habitar em vossos corações pela fé, e que estejais enraizados e bem firmados no amor. Assim estareis capacitados a entender, com todos os santos, qual a largura, o comprimento, a altura, a profundidade... e conhecereis também o amor de Cristo, que ultrapassa todo conhecimento, e sereis repletos da plenitude de Deus”.⁷³

⁷¹ Ver aqui, p. 47.

⁷² Ef 3,13.

⁷³ Ef 3,14-19.

A fé é justamente esse consentimento do coração à presença doada de Cristo, que vem habitar os nossos corações dando-nos a possibilidade de estarmos enraizados e bem firmados na caridade, no amor de Deus, de modo que, como todos os santos e junto com eles (a “nuvem de testemunhas” de que falava a Carta aos Hebreus), o coração e a vida, porque informados pela fé, se tornam pela graça capazes de compreender, de fazer suas as dimensões do amor de Cristo, “a largura, o comprimento, a altura, a profundidade” desse imenso e infinito amor. E essa é uma forma de nós mesmos, da nossa vida que, diz São Paulo, “ultrapassa todo conhecimento”, ultrapassa-nos totalmente, como mistério, porque é mistério, o Mistério em absoluto. Assim, ficamos “repletos da plenitude de Deus”!

Caso contrário, tudo murcha

Entendem a que é que renunciamos quando colocamos a fé no porão, num canto do nosso cérebro, como escreveu Bernanos, ou num recanto sentimental? Entendem a que é que renunciou o mundo ocidental, outrora cristão, ao deixar a fé fora do alcance da razão, do pensamento, da cultura, da vida política e social, e também fora do alcance da religiosidade? *Renunciou-se e renuncia-se, quase sem reparar, a “toda a plenitude de Deus”!* Renunciou-se às dimensões infinitas do mistério de Cristo, do amor de Cristo! De modo que, por assim dizer, tudo *murchou*, tudo! Vivemos numa cultura murcha, numa sociedade murcha, numa vida familiar, numa educação, num trabalhar, amar, divertir-se, rezar, crer murchos, esvaziados, como um enorme balão ou como vários balões dos quais escapou, por um minúsculo furinho de agulha que ninguém tinha percebido, o ar que lhe dava forma, que lhe dava plenitude. Mas também grande parte da vida consagrada e monástica, a vida comunitária, a missão, o compromisso pela paz, pelo desenvolvimento ou pela arte, bem como grande parte da atividade pastoral, ou o empenho na mídia e na política, é como se tudo murchasse, esvaziado de plenitude, daquela plenitude com que a fé nos quer “informar”, com que Cristo veio para informar-nos, tanto que bastaria um grãozinho de mostarda de fé para que isso aconteça,⁷⁴

⁷⁴ Cf. Mt 17,20.

para que isso penetre em nós, para que Cristo penetre em nós, na vida, fazendo-nos explodir, por assim dizer, com toda a plenitude de Deus, com toda a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do seu infinito e eterno amor.

Mas esta crise não é só da nossa sociedade, do nosso tempo, da Igreja hoje. Senão São Paulo não teria falado dela há dois mil anos; senão, principalmente, Cristo não teria vindo fazer-se homem para habitar entre nós, para anunciar o mistério a que a liberdade é chamada a consentir, a consentir com o sim da fé. Esta é a crise da humanidade, é a crise do ser humano, desde o pecado original, quando o ser humano cedeu à tentação de que a vida pudesse ter uma forma alternativa a toda a plenitude de amor que Deus lhe oferecia.

O que é que a serpente insinua a Eva, senão a ilusão de possuir uma plenitude divina sem recebê-la de Deus? “Deus sabe que, no dia em que dele comerdes [do fruto], vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecedores do bem e do mal.”⁷⁵

O homem e a mulher encontram-se imediatamente vazios, porque essa consciência do bem e do mal é a consciência da realidade como não é na realidade, diferente de como Deus a faz, porque Deus fez tudo bom, tudo belo, tudo positivo, tudo dado, tudo gratuito. Cheios dessa falsa plenitude, dessa dúvida em relação a Deus em seu fazer e doar-nos tudo, em seu fazer-nos para recebermos a vida e tudo d’Ele, Adão e Eva descobriram-se vazios, nus, como que descobrindo uma forma vergonhosa deles mesmos, que devia ser escondida.

Mas é justamente para esse homem murcho em seu eu, esvaziado de si mesmo porque esvaziado da relação amorosa e confiante com o Criador, que Cristo vem trazer em Si mesmo uma plenitude de conhecimento real, de conhecimento da realidade inteira. Sim, como escreve São Paulo: “Que o Espírito faça Cristo habitar em vossos corações pela fé, e que estejais enraizados e bem firmados no amor. Assim estareis capacitados a *entender*, com todos os santos, qual a largura, o comprimento, a altura, a profundidade... e *conhecereis* também o amor de Cristo, *que ultrapassa todo conhecimento*, e sereis repletos da plenitude de Deus”.⁷⁶

⁷⁵ Gn 3,5.

⁷⁶ Ef 3,17-19; destaques meus.

Se quisermos viver deixando que nossa vida seja informada pela fé, temos de aprender estas palavras de cor e repeti-las no nosso dia a dia. É como viver *viendo* o Destino da vida e do mundo, viver tendo na nossa frente, em tudo, com todos, sempre, o Ressuscitado que aparece no Cenáculo na noite de Páscoa e que, com todo o esplendor de Sua beleza e bondade, sopra sobre nós o Espírito Santo para transformar nossa vida em missão da Sua paz e do Seu perdão: “‘A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, eu também vos envio’. Dito isso, soprou sobre eles e falou: ‘Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados’”⁷⁷

Só assim o homem murcho e sem fé ganha forma, recupera a forma de sua substância verdadeira e original, original no coração e no pensamento de Deus Pai.

Cristo, tudo em todos

“Christ with me, Christ before me, Christ behind me.” “Cristo comigo, Cristo na minha frente, Cristo atrás de mim, Cristo em mim, Cristo sob mim, Cristo sobre mim, Cristo à minha direita, Cristo à minha esquerda, Cristo quando me deito, Cristo quando me sento, Cristo em mim, Cristo quando me levanto, Cristo no coração de todo homem que pensa em mim, Cristo na boca de todo homem que fala de mim, Cristo em todo olho que me vê, Cristo em todo ouvido que me ouve, Cristo comigo.”⁷⁸

É a chamada oração de São Patrício (que o compositor estoniano ortodoxo Arvo Pärt musicou em 2007), que expressa a consciência de um homem completamente informado, plasmado no eu, pela fé em Cristo. Pärt consegue expressar bem, com a música que acompanha essas palavras, o sentido do crescimento de Cristo em nós em direção a uma plenitude cada vez maior e irradiante.

⁷⁷ Jo 20,21-23.

⁷⁸ *“Christ with me, Christ before me, Christ behind me, / Christ in me, Christ beneath me, Christ above me, / Christ on my right, Christ on my left, / Christ when I lie down, Christ when I sit down, / Christ in me, Christ when I arise, / Christ in the heart of every man who thinks of me, / Christ in the mouth of every man who speaks of me, / Christ in every eye that sees me, / Christ in every ear that hears me, / Christ with me.”* (William Byrd - Arvo Pärt, *The Deer's Cry* (2007), conforme o Loric of St. Patrick (c. 377), coro The Sixteen, regido por Harry Christophers, 2016, © Coro).

Essa humanidade em que Cristo é tudo, tudo em nós mesmos, tudo em todos e tudo em tudo, em toda a realidade, é a humanidade nova, a criação nova que a fé possibilita, que a fé acolhe, que a fé forma, que a fé plasma, abrindo-se para o acontecimento pascal de Cristo que o Espírito do Pentecostes torna simultaneamente íntimo no coração e irradiante até os confins do mundo e do tempo.

Inclusive do ponto de vista musical, o compositor faz a música crescer como que para dar o sentido da plenitude que preenche o coração, que preenche a vida, quanto mais a pessoa fica consciente de que Cristo está nela, de que Cristo está diante dela, de que Cristo está à sua direita, à sua esquerda, de que Cristo é tudo. Tudo, sempre, em tudo e em todos.

Da Galileia até o fim do mundo

“Os onze discípulos partiram para a Galileia, à montanha que Jesus lhes havia indicado. Quando o viram, prostraram-se, mas alguns duvidaram. Jesus aproximou-se deles e disse: ‘Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos’.”⁷⁹

Esta última cena do Evangelho de Mateus me faz pensar no que o Papa pediu ao fim de seu discurso à Fraternidade no dia 15 de outubro: “Nunca vos esqueçais daquela primeira Galileia do chamado, daquela primeira Galileia do encontro. Voltai sempre lá, àquela primeira Galileia que cada um de nós viveu”.⁸⁰

Voltar para a primeira Galileia significa voltar para o encontro em que Cristo nos concedeu o dom de uma fé que encheu nosso coração com Ele, o encontro em que Cristo se impôs ao nosso coração como o Tudo da vida, a Vida da nossa vida. E quando Jesus, após a Ressurreição, quis encontrar de novo os Seus discípulos na Galileia, em vez de em Jerusalém ou na Judeia, Ele o fez para entenderem que aquela

⁷⁹ Mt 28,16-20.

⁸⁰ Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., pp. 17.

grande missão a que eram chamados tinha de sempre jorrar do encontro com Ele, daquele primeiro e eterno encontro com Ele que cada um de nós fez e faz sempre de novo, quando descobre que a nascente do seu viver é o próprio Cristo, que habita por meio da fé no nosso coração, fazendo-nos sempre de novo e cada vez mais experimentar “com todos os santos, qual a largura, o comprimento, a altura, a profundidade” e conhecer “também o amor de Cristo, que ultrapassa todo conhecimento” para ficarmos “repletos da plenitude de Deus”.

Mas não vamos de verdade para a Galileia, não voltamos ao primeiro encontro com Jesus, à fonte do carisma de que fomos revestidos, e então não o reavivamos, se esse ir, se esse voltar a esse encontro originário, se aquela primeira companhia e amizade que nos deve recordá-lo, não a descobrimos imediatamente como *enviada em missão*, para todos os povos, para a humanidade inteira ainda não batizada no nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, isto é, se não estiver revestida pela grande Presença de Deus que é Amor, que é Comunhão aberta ao homem, que quer abraçar todo homem, todos os homens.

Voltar para a Galileia quer dizer voltar ao primeiro encontro que acendeu em nós *o carisma cristão que é o dom divino de poder abraçar a Deus, que se doa*, de viver pertencendo ao dom da Presença de Deus conosco no Filho encarnado, acesa no mundo pelo Espírito do Pai.

Mas não se volta a isso sem escutar o Ressuscitado, que ali mesmo nos diz e repete: “Ide! Ide a todos os povos!”, prometendo-nos que quem vai, quem parte, carrega a Galileia consigo, pois leva consigo a presença de Cristo, a presença cotidiana, familiar e constante de Cristo: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos!”⁸¹

Mas Cristo pode fazer-nos uma promessa mais bonita, mais letificante, mais animadora do que esta?

Sim, realmente: “Cristo comigo, Cristo na minha frente, Cristo atrás de mim, Cristo em mim, Cristo sob mim, Cristo sobre mim, Cristo à minha direita, Cristo à minha esquerda...”

A fé é o olhar, a escuta, a atenção do coração que vê, que sente, que se lembra, que faz memória de que já não é possível sair, estar fora da largura, do comprimento, da altura e da profundidade do amor de Cristo experimentado pessoalmente e todos juntos.

⁸¹ Mt 28,20.

É Cristo quem resolve as dúvidas de fé

E esta posição, esta consciência, esta certeza, esta segurança inabalável é precisamente uma questão de fé, é a fé. Vemos isso na última cena do Evangelho de Mateus que acabei de mencionar: “Os onze discípulos partiram para a Galileia, à montanha que Jesus lhes havia indicado. Quando o viram, prostraram-se, mas alguns duvidaram”.⁸²

É de pensar: não é possível! Que absurdo! Os onze? Os apóstolos? Depois de quarenta dias vendo-O ressuscitado! Ouvindo-O falar, vendo-O até comer peixe e pão! Eles, que viram e tocaram Suas feridas no Corpo vivo e glorioso! Que pularam de alegria toda vez que O viam! *Eles duvidam?!* Isto é, ainda não têm fé. Não estão realmente convencidos d’Ele, de que Ele está aqui, de que Ele esteja vivo e presente.

Como não nos reconhecer nesse comportamento absurdo, como não reconhecer que nós também somos sempre assim?!

E o que Jesus faz? Será que os repreende novamente? Não. *Jesus se aproxima mais*. “Mas alguns duvidaram. Jesus aproximou-se deles e disse: ‘Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide [...]. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos.’”

É como se tivéssemos de entender que os problemas de fé, as crises de fé, não são resolvidos por nós, mas por Cristo. E Ele os resolve deixando Sua presença mais próxima, mais visível, mais audível, mais palpável e experimentável.

Não é, porventura, a experiência que todos nós fazemos? Quantas vezes duvidamos, principalmente se estamos como Pedro no meio do mar durante a tempestade, e achamos que Deus já não se importe conosco ou com o mundo, nem com a Igreja, e depois, repentinamente, acontece algo, acontece alguém no qual a presença do Senhor nos surpreende novamente. Exatamente como nas aparições do Ressuscitado. Passamos a noite inteira pescando e não pegamos nem um caranguejo, estamos com o moral e o humor lá embaixo, e eis que aparece na margem alguém que acabamos reconhecendo como o Senhor, que está conosco todos os dias até o fim do mundo.⁸³ E então nos damos conta de que esse momento de dúvida, de pouca fé, de sentimento de

⁸² Mt 28,16-17.

⁸³ Cf. Jo 21,1-7.

abandono, que nos fez viver mal, que nos tornou beligerantes contra a realidade, contra as pessoas e as coisas, depressivos e violentos, caprichosos com tudo e com todos; pois bem, percebemos que esse tempo não foi um parêntese na presença de Cristo, e sim na nossa fé.

Porém – graças a Deus! – a fé não se produz por si mesma, nasce e ressurgue do encontro com Ele, e Ele está sempre presente, está sempre batendo à porta, sempre se aproxima de novo, mais, para nos encontrar.

Levantar os olhos com Jesus

Mas prestemos atenção! Cristo não se aproxima só para reacender nossa fé, ou melhor, para reacender a fé como nós a entendemos, de maneira intimista, como se fosse só o instrumento que serve para mim, para eu ficar melhor. Quando Jesus repreendia aos discípulos, a Pedro, sua “pouca fé”, literalmente sua “pequena fé”, talvez pensasse justamente nisto: numa fé cuja falta só sentimos quando algo dá errado para nós. Então uma fé que nos basta se acenda intermitentemente, quando sentimos necessidade, quando não temos outras luzes mais fortes, ou que ao menos nos basta para dar os três passos necessários para rodar ao redor de nós mesmos. Quantas vezes o Papa Francisco não denunciou uma fé reduzida assim!

Não, a fé que a presença de Cristo quer reacender é aquela luz que o velho Simeão viu e logo anunciou: “Meus olhos viram a tua salvação, que preparaste à vista de todos os povos: luz para iluminar as nações e glória de Israel, teu povo”.⁸⁴ Não lhe bastava uma fé para consolar sua velhice. De fato, teve uma fé que abraçou o mundo.

A fé é mesquinha, e então estéril, mesmo para iluminar o dia a dia, se seu horizonte não for desenhado por um anseio pela salvação do mundo inteiro. Com efeito, o Papa Francisco, meditando sobre o carisma de Dom Giussani, concluiu dizendo: “Há muitos homens e muitas mulheres que ainda não fizeram aquele encontro com o Senhor que transformou e tornou bela a vossa vida!”⁸⁵

⁸⁴ Lc 2,30-32.

⁸⁵ Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 15.

Vamos conseguir dormir tranquilos depois de ter ouvido uma frase assim?

Sempre penso em quando Jesus se afastou para o monte com os discípulos, a fim de descansar um pouco porque uma grande multidão O seguia constantemente. Estava lá falando com seus discípulos, sentados na frente d'Ele. E, repentinamente, os discípulos veem que o olhar que os fixava se levanta e olha além, longe (como se agora eu olhasse para lá do fundo do salão). Instintivamente, todos se voltam e veem que Jesus enxergou vir de longe, atrás das costas deles, outra vez e como sempre, a “grande multidão”. É a cena contada no início do capítulo 6 do Evangelho de São João: “Jesus subiu à montanha e sentou-se ali com seus discípulos. Aproximava-se a Páscoa, a festa dos judeus. Levantando os olhos e vendo que uma grande multidão vinha a ele, Jesus disse a Filipe: ‘Onde vamos comprar pão para que estes possam comer?’ Disse isso para experimentar Filipe, pois ele bem sabia o que iria fazer”.⁸⁶

É isso o que deve acontecer com quem realmente mantém “os olhos fixos em Jesus”, os próprios olhos fixos nos olhos de Jesus. Normalmente, quando se olha um rosto, olham-se os olhos. Ora, quem mantém os olhos fixos em Jesus vê que Seu olhar desenha um horizonte sem limites, cheio de compaixão, cheio de consciência daquilo que falta na humanidade, cheio de consciência daquilo de que o coração do homem tem fome. Jesus provoca Filipe em relação ao pão que alimenta o corpo, mas já sabe que depois do milagre da multiplicação dos pães e dos peixes lhes oferecerá o anúncio do Pão de vida, que é o seu Corpo eucarístico: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem comer deste pão, viverá eternamente. E o pão que eu darei é a minha carne, para a vida do mundo”.⁸⁷

“A minha carne, para a vida do mundo.” Como não devem ter ouvido essas palavras os discípulos, os outros que desse momento em diante permaneceram com Ele? E como é que nós ouvimos um apelo como o do Papa: “Há muitos homens e muitas mulheres que ainda não fizeram aquele encontro com o Senhor que transformou e tornou bela a vossa vida”?

⁸⁶ Jo 6,3-6.

⁸⁷ Jo 6,51.

Reunidos na fé para irradiar a fé no mundo inteiro

A oração de São Patrício musicada por Arvo Pärt me fez lembrar a visita que o grande músico fez, há anos atrás, à minha abadia na Suíça, onde eu morava antes de ser chamado para Roma. Ele viveu 24 horas conosco, porque os organizadores do Festival de Música Sacra de Friburgo lhe tinham proposto uma estadia no mosteiro, para ele ver se o mosteiro lhe inspiraria uma composição. Sua presença impressionou muito a nós monges, pela simplicidade de coração com que viveu conosco cada momento da nossa vida. Um homem de coração e olhar de criança, que via em tudo uma razão de maravilhamento que nos contagiava. Ele me lembrou muito Dom Gius, sua personalidade.

Pois então, Arvo Pärt ficou muito tocado com o coro do século XV da minha abadia, no qual está representada a figura dos doze apóstolos pareados com doze profetas. Cada apóstolo diz um artigo do Credo, e cada profeta diz uma frase de seu livro que se adapta ao artigo do Credo. Henri de Lubac escreveu, em sua *Exegese medieval*, que o coro da abadia de Haurerive é o último desenvolvimento da tradição lendária segundo a qual os apóstolos, antes de se separarem para ir evangelizar o mundo, pronunciaram, cada um deles, um artigo do Credo.⁸⁸

Infelizmente Arvo Pärt não realizou, ao menos por enquanto – ele tem 87 anos –, uma peça musical inspirada nesse coro. Mas deixou-nos mais conscientes da inspiração que essas figuras deviam transmitir a nós monges, que naquele coro rezamos todos os dias sete vezes ao dia, da inspiração que devem dar à nossa fé e à nossa vida comunitária, de comunhão.

Porque essa lenda, se não é historicamente verossímil, é correta teologicamente, é correta no modo como somos chamados a viver a Igreja, a fé e a missão. É correta sobretudo ao lembrar-nos que a fé cristã não pode ser desassociada da comunhão. A comunhão eclesial formulou a fé e é o fulcro de sua difusão constante e universal.

⁸⁸ H. de Lubac, *Exegesi medievale. I quattro sensi della scrittura*, vol. 4, Milão: Jaca Book, 2006, pp. 455-456.

Um só, a fim de que o mundo creia

Qual é a obra, a vocação, a missão que o acontecimento de Cristo realiza em nós e entre nós se tivermos fé, a fé da Virgem Maria, dos apóstolos, dos mártires, da “nuvem de testemunhas” que guia e ilumina a Igreja faz dois mil anos?

Jesus fala disso no momento mais solene da Última Ceia, e o faz rezando ao Pai, revelando-nos o conteúdo de Sua oração, de Sua profunda confiança no Pai. Não existe relação mais real e consistente que a do Filho de Deus com o Pai no amor do Espírito Santo. Toda a realidade é criada e recebe ser e consistência dessa relação. O Ser é essa Comunhão eterna e sem fim, e tudo o que existe, em particular nós e nossas relações, tudo tem origem e destino na Comunhão trinitária. Por isso, as palavras que Jesus profere rezando ao Pai são o ápice e a síntese de toda a Revelação. O que é que Cristo pode revelar-nos de maior, de mais precioso, de mais verdadeiro, de melhor, de mais bonito que seu diálogo com o Pai? Por trinta anos, Maria O viu aprofundar-se na oração ao Pai, e decerto Ele o fazia retirando-se com frequência durante a noite, em locais desertos e escondidos. Assim os discípulos, por três anos, viram-No retirar-se no mistério da Sua oração. Quando Lhe pediram que os ensinasse a rezar, Jesus entregou-lhes o *Pai Nosso*, eco da Sua oração, mas traduzida, por assim dizer, em palavras e pedidos adaptados para nós, pecadores e ofensores. Então deve ter sido uma grande surpresa para os apóstolos quando, no fim dos discursos sublimes da Última Ceia, Jesus de repente ficou silencioso, levantou os olhos para o céu e começou a rezar ao Pai em voz alta, como se tivesse esquecido que eles estavam lá, como se acreditasse estar retirado no deserto enquanto eles dormiam. E nesta oração, Jesus rezou por eles, como deve ter feito sempre quando rezava em segredo. Rezou por eles, pela sua missão, pela sua relação com o mundo. E também rezou por nós, por todos os discípulos que há dois mil anos têm acreditado em Cristo mediante o anúncio dos apóstolos e de seus sucessores, e por todos os discípulos que O seguirão até o fim dos tempos. Para todos ele pediu uma coisa específica, uma coisa essencial, diríamos a “única coisa necessária” de que Marta falou,⁸⁹ preciosa não só para os discí-

⁸⁹ Cf. Lc 10,41.

pulos, não só para nós, mas para o mundo inteiro, a coisa mais importante para todos:

“Assim como tu me enviaste ao mundo, eu também os enviei ao mundo. Eu me santifico por eles, a fim de que também eles sejam santificados na verdade. Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão de crer em mim, pela palavra deles. Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes dei a glória que tu me deste, para que eles sejam um, como nós somos um, eu neles e tu em mim. Sejam, assim, consumados na unidade, e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim”.⁹⁰

A nossa fé, transmitida a nós pelos apóstolos, transmitida a nós pela Igreja, e a fé do mundo, isto é, a fé da humanidade que ainda não crê, que ainda não conhece o Filho enviado pelo Pai para salvar o mundo, a fé não vive em nós e não nasce no mundo se estiver faltando a unidade dos discípulos, *se não ocorrer a comunhão*, a comunhão entre nós. *A comunhão é o fruto da fé da Igreja, dos discípulos; mas para o mundo, no mundo, a fé é o fruto da comunhão.*

O sentido do pertencer

Poderíamos perguntar-nos: por que essa insistência de Jesus sobre a unidade para que o mundo creia? Por que insistir praticamente só na unidade para permitir que o mundo acolha a fé? Por que Jesus só orou por isso? Por que não pediu para seus discípulos, por exemplo, a graça da santidade, ou o poder de fazer milagres, de ser boas pessoas, honestas, coerentes, impecáveis, capazes de convencer com sua palavra, com suas obras? O que a unidade tem de especial? O que a unidade tem – perdoem-me o trocadilho – de único?

Creio que Jesus tenha pedido que os discípulos vivam em unidade para que o mundo não diga: “Olha como são bons!”, mas diga: “Olha como são de Cristo! Como pertencem a Ele! Como Cristo é valioso para eles e... apesar deles!”

⁹⁰ Jo 17,18-23.

Cristo pede a graça da unidade para que nela se reconheça, ou ao menos se intua, que essa unidade não é obra dos discípulos, nem também de quem mais se destaca entre eles, mas é obra de Cristo, aliás: é Cristo, é o Corpo de Cristo! A comunhão é o corpo de Cristo.

São Paulo era consumido por essa consciência e pela urgência de chamar a atenção para ela. Como na Primeira Carta aos Coríntios: “Fiel é Deus, por quem fostes chamados à comunhão de seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor. Irmãos, eu vos exorto, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, a que estejais todos de acordo no que falais e não haja divisões entre vós. Pelo contrário, sede bem unidos no mesmo pensamento e na mesma intenção [uma unidade profundíssima]. Com efeito, pessoas da família de Cloé informaram-se a vosso respeito, meus irmãos, que está havendo discórdias entre vós. Digo isso, porque cada um de vós diz: ‘Eu sou de Paulo’; outro: ‘Eu sou de Apolo’; outro: ‘Eu sou de Cefas’; outro: ‘Eu sou de Cristo’. Acaso Cristo está dividido? Acaso foi Paulo crucificado por vós? Ou foi no nome de Paulo que fostes batizados?”⁹¹

Que dor para um apóstolo, para um pai que vive e se consome por gerar Cristo, por gerar Cristo em todos, ver-se instrumentalizado para criarem divisões no próprio Corpo de Cristo! Que horror para Paulo ouvir falar de pessoas que dizem pertencer mais a ele que ao Senhor!

Mas de onde vêm essas desvirtuações? Vêm de uma fé distorcida, de quem pretende possuir Cristo em vez de se deixar possuir por Ele, em vez de ser Seu, em vez de pertencer a Ele. É uma falta de fé que fere o coração do Mistério que nos foi comunicado quando fomos inseridos na comunhão da Igreja por meio do Batismo. Nós somos batizados “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, e por isso mesmo somos inseridos na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo que Cristo pediu ao Pai para nós, antes de morrer na cruz e ressurgir dos mortos.

“Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que não de crer em mim, pela palavra deles. Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste.”⁹²

⁹¹ 1Cor 1,9-13.

⁹² Jo 17,20-21.

Qualquer pertencer humano – inclusive a discípulos de grande valor e cheios de carisma, como Pedro, Paulo ou Apolo – que não sirva para nos fazer crescer na pertença a Cristo, que por sua vez nos insere em sua comunhão com o Pai no Espírito Santo, não destrói unicamente a unidade da Igreja ou de uma comunidade eclesial, de uma fraternidade, e não torna vã unicamente a missão de dar testemunho ao mundo para que ele creia. *Destrói a nós*, destrói a pessoa, aliena-a de sua verdade última, de seu destino, como Jesus disse sobre Judas: “Um de vós é um diabo”.⁹³ Judas já não é ele mesmo, está possuído por uma alienação, por outro que não o constitui como Cristo nos constitui, como o Pai nos constitui. A unidade da nossa pessoa, a unidade do nosso coração depende da unidade da Igreja, constrói-se e consolida-se na unidade da Igreja, na fraternidade à qual o Senhor nos concede o dom de pertencer para sermos Seus, para pertencermos a Ele. Meu amigo Luciano, carpinteiro, sempre me escrevia: “O Senhor fez com que nos encontrássemos para pertencermos a Ele, tornou-nos amigos para pertencermos a Ele”.

Porventura não é evidente e palpável que, nas nossas comunidades, quem mais se dedica à comunhão fraterna e se sacrifica por ela tem mais consistência como pessoa? Pode até ser o mais carente de dons e carismas, o menos capaz de agir e falar, o menos inteligente. No entanto, como é evidente que a comunidade se mantém por causa dessa pessoa, por causa dessa humildade, dessa presença, desse olhar, dessa atenção, dessa caridade, dessa fé!

Dizem que, no momento da morte de Santa Teresa de Lisieux, as monjas não sabiam o que escrever a respeito dela em seu obituário, justamente porque “somente” tinha amado e favorecido a comunhão em comunidade. Ela não tinha feito nada mais de especial.

Quantas pessoas assim encontrei nos mosteiros, e em muitas outras comunidades, nas nossas comunidades. Pessoas amadas por todos sem saber por quê. De fato, não viveram por algo, mas por Alguém. A comunhão entre nós não é “algo”: é Deus presente, é Deus que é amor, é o Espírito Santo, é a Trindade, o ser Um das Três Pessoas que coincide com seu Ser. Só um olhar de fé consegue ver isso, e a educação na fé serve para nos levar cada vez mais a ver isso, a ver o Misté-

⁹³ Jo 6,70.

rio entre nós, enchendo-nos de silêncio, de espanto, de confusão pelo nosso pecado, mas uma confusão alegre, grata, certa da misericórdia do Pai, e enchendo-nos do desejo de não sufocarmos essa beleza, esse esplendor de amizade que arde entre nós, apesar de nós, e, justamente porque arde, irradia sem limites. E faz com que o mundo creia.

A graça da unidade

Porque a unidade é uma graça. Antes de mais nada, porque Jesus a pede ao Pai. Tudo o que Jesus pede ao Pai é graça certa, é carisma, dom de Deus. O verdadeiro escândalo das divisões na Igreja, entre os cristãos, é que se insurgem, necessariamente devem provir da recusa de uma graça certa, de um carisma dado a nós com certeza, pois não é possível que o Pai recuse uma oração tão insistente do Filho na véspera de Sua paixão e morte. É impossível. É como se Jesus tivesse dito ao Pai: “Podes tomar minha vida, podes deixar-me morrer na Cruz, mas dá-me a comunhão para eles, faze que eu morra para que a nossa unidade esteja neles, para que entre eles esteja o nosso Ser, a nossa Caridade!”

Não é possível que o Pai não atenda a oração extrema do Filho. Extrema, mas não última. Jesus ora assim no fim de Sua vida para revelar-nos sua oração eterna, aquilo que Ele pede eternamente para nós, aquilo que está pedindo agora.

Sempre me impressiona uma frase da Carta aos Hebreus: “De fato, Cristo não entrou em um santuário feito por mão humana, imitação do verdadeiro, mas no próprio céu, a fim de comparecer, agora, na presença de Deus, em nosso favor”.⁹⁴

Jesus está comparecendo *agora* na presença do Pai em nosso favor, está falando bem de nós, está intercedendo por nós, está gastando seu tempo com o Pai falando de nós como um amigo cheio de apreensão pelo amigo, como uma mãe pelo filho, como a mulher pelo marido. Impressiona-me esse “agora” inserido na eternidade. Um “agora” então eterno no Céu, mas que toca, por assim dizer, cada instante da minha vida e da nossa. O instante que estou vivendo agora, a dificuldade que estou vivendo agora, a queda que estou sofrendo agora, o meu pecado

⁹⁴ Hb 9,24.

agora, a letícia [alegria] que vivo agora, Cristo fala disso ao Pai e confia tudo isso à misericórdia do Pai. É o mesmo que dizemos em cada *Ave Maria*: “Rogai por nós pecadores, *agora* [agora!] e na hora de nossa morte”. Nossa Senhora também está na presença de Deus entregando o instante que vivo, a circunstância em que estou, tudo, instante por instante, hora após hora, até o meu último instante, até a hora da minha morte, isto é, o instante que me fará entrar na eternidade em que Cristo é meu advogado junto do Pai, meu juiz defensor.

Se tivéssemos consciência disso, com que intensidade viveríamos cada instante! E se tivéssemos consciência de que Jesus está pedindo ao Pai, neste instante, a nossa comunhão, a comunhão com o irmão ou a irmã que gostaríamos de enforçar, que sobressalto sentiríamos pela forma como tratamos a relação com os outros, pela forma como vivemos a convivência na comunidade, como pensamos nos outros! Teríamos pelo menos um sentimento de contrição pela negligência com que podemos estar tratando, em pensamentos e palavras, atos e principalmente omissões, as pessoas com quem Cristo nos pede, aliás, nos concede estarmos unidos como Ele está unido com o Pai na Santíssima Trindade. A unidade não é só uma exigência da vida cristã; é um dom da vida cristã, pois Cristo a pede como graça.

E sempre devem confortar-nos o pensamento e a certeza – inclusive de fé – de que o que o Filho pede ao Pai sempre é atendido no dom do Espírito Santo.

A pior coisa que nos pode acontecer, então, é acostumarmo-nos com a divisão, acomodarmo-nos na divisão, considerando-a óbvia, vivendo-a com superficialidade, alimentando-a por exemplo com focos. Um dom que Deus pede a Deus, que Deus implora a Deus, que Deus concede certamente a Deus, nós o tratamos com superficialidade, como se a unidade que Cristo implora ao Pai fosse uma fixação sua, e não algo essencial para Sua missão, algo pelo qual Ele morreu, suou e derramou Seu Sangue. Esquecermo-nos do desejo ardente e aflito de Cristo pela nossa unidade, pela nossa comunhão, é a distração mais ignominiosa que podemos ter com relação ao Mistério.

Será este o pecado contra o Espírito Santo que jamais será perdoado?⁹⁵

⁹⁵ Cf. Mt 12,31-32.

“A quem iremos, Senhor?” (Jo 6,68)

Então devemos perguntar-nos urgentemente: como podemos levar a sério a unidade que Cristo pede e o Pai concede? O que nos é pedido para acolhermos esse carisma que faz da Igreja o reflexo da Trindade no mundo, que faz da comunidade cristã a prova de que tudo consiste num Amor eterno, de que tudo tem origem e fim, e portanto sentido, num Amor infinito? E o que fazemos de errado quando recusamos esse dom?

Talvez o erro esteja justamente em pensar que a unidade deve ser uma construção nossa mais do que um render-nos à graça, ou seja, à ontologia do Ser que faz todas as coisas e nos dá consciência dela. Para ficarmos unidos, não nos é pedido termos algo mais, e sim renunciarmos a algo. A quê? O Papa Francisco costuma chamá-la de “autorreferencialidade”,⁹⁶ São Bento a chama de “vontade própria” ou “presunção”; Jesus resume tudo isso na pretensão de podermos salvar a nós mesmos, à nossa vida e à dos outros, ou, se quisermos, na falta de fé n’Ele, na falta de confiança n’Ele.

E aqui entendemos que um ponto fundamental da fé é precisamente a afirmação de que *só Cristo nos salva*. A fé não alimenta a comunhão porque nos torna melhores e mais “santos”, ou porque elimina as discórdias, os conflitos e as ideias divergentes que temos. Quanto maior é a fé, mais ela abraça tudo ao confiar em Cristo, ao confiar no Pai, e só isso permite ficarmos unidos inclusive e principalmente com quem é diferente, com quem é nosso inimigo, com quem pensa diferente, com quem age mal, e também ficarmos unidos apesar de tudo o que em nós é incapaz de edificar a unidade. A unidade da Igreja e na Igreja, a unidade dos discípulos que Cristo pede ao Pai a fim de que o mundo creia, é toda baseada no ato de fé de Pedro, que, apesar de tudo e de todos, e principalmente apesar dele mesmo, grita do fundo do coração: “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos que tu és o Santo de Deus”.⁹⁷

“Nós cremos”: o que Pedro expressa é verdadeiramente um ato de fé, na forma plural que o une aos irmãos. Ele faz um ato de fé em co-

⁹⁶ Cf., por exemplo: Francisco, *Audiência com o movimento Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

⁹⁷ Jo 6,68-69.

munhão com os irmãos. Permanecendo apegado a Jesus, ele permite que todos os discípulos fiquem apegados uns aos outros. A fé que nos une é essa consciência que Pedro tem de não poder abandonar Cristo sem cair no nada, numa solidão em que já não saberíamos aonde ir, completamente perdidos: “Senhor, aonde iremos?”

A pretensão em relação a si mesmo que fracassa

Mas Jesus responde a Pedro com uma frase extremamente amarga, que deve encher-nos não tanto de medo, mas de humildade no viver a fé e no viver na Igreja, na nossa comunidade. “Jesus respondeu: ‘Não vos escolhi os Doze? Contudo, um de vós é um diabo!’ Ele falava de Judas, filho de Simão Iscariotes, pois esse, um dos doze, haveria de entregá-lo.”⁹⁸

“Um de vós é um diabo”, ou seja, alguém que divide, que separa totalmente seu coração de Cristo, a ponto de se tornar para todos uma tentação de separar-se d’Ele, e então uma tentação de perder o eixo da nossa unidade que é apenas Cristo. A unidade é Cristo no centro e o apego de fé a Ele como única salvação da vida, como única fonte de uma vida plena e eterna.

Aquele que, mesmo caindo, renova a consciência e o grito de que sem Cristo estamos perdidos, confirma a fé dos demais: “Simão, Simão! Satanás pediu permissão para vos peneirar como o trigo. Eu, porém, orei por ti, para que tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos”.⁹⁹

A fé de Pedro não está fundamentada apenas nele, em suas qualidades, em sua força, em sua coragem. A fé de Pedro é uma fé de alguém que se converteu da traição, como a fé de cada um de nós. A fé de Pedro está fundamentada toda na oração de Jesus por ele, a mesma oração que fundamenta nossa unidade: “Eu orei por ti”. A fé de Pedro consiste no apego a Jesus, em não se ter separado de Jesus mesmo quando gritava que não O conhecia. Como Pedro sentiu que mentia para si mesmo, como sentiu que renegava a si mesmo enquanto renegava o Senhor!

⁹⁸ Jo 6,70-71.

⁹⁹ Lc 22,31-32.

A negação de Pedro culmina num grito expresso com uma violência inédita: “Pedro começou a praguejar e a jurar: ‘Não conheço esse homem!’”¹⁰⁰ Uma violência produzida pelo medo. Medo de quê? Medo de perder a vida, medo de ser preso, de ser hostilizado e maltratado pelos judeus, medo de morrer, medo principalmente de um perigo indefinido, desconhecido. No entanto, ele dissera: “Eu darei minha vida por ti!”¹⁰¹ Quem de nós não fez a experiência de ficar agressivo e violento por medo de um perigo obscuro e desconhecido? A agressividade, com efeito, é um instinto de defesa. Diante de um perigo que não conseguimos definir, perdemos o controle das nossas possibilidades de defesa. Já que não medimos o perigo, já que ele nos é desconhecido, a defesa também perde a medida, não sabe que medida tomar. O erro de Pedro foi ter-se preparado para defender Jesus imaginando o perigo que o ameaçaria. Preparou-se para dar a vida *contra* quem ameaçava Jesus mais do que *pelo* próprio Jesus. Tanto é verdade, que se munira de uma espada, achando que ia ter de lutar contra os guardas armados. E não se preparara para lutar contra uma porteira fuxiqueira! Em outras palavras, preparou-se para dar a vida confiando mais em si mesmo do que em Jesus, medindo-se em relação a si mesmo mais que a Jesus. Preparou-se para dar a vida, em vez de preparar-se para deixar que a tirassem. Definitivamente, preparou-se para dar a vida confiando mais em si mesmo do que no Senhor, tendo mais fé em si mesmo do que em Cristo. Se tivesse confiado em Jesus, teria esperado o “mais tarde” que Jesus lhe pedia que esperasse para segui-Lo: “Para onde vou, não podes seguir-me agora; mais tarde, me seguirás”.¹⁰²

Enfim, Pedro tentou dar a vida por Cristo sem a fé, sem confiar n’Ele. É este o ponto fundamental para entender e viver na vida. Sem fé, não se entrega a vida, não se ama, não se tem caridade.

Uma fé grande

Então perguntemo-nos em que consiste uma fé grande, a fé que Jesus louvara nos pagãos e que desejava em seus discípulos. Se Jesus

¹⁰⁰ Mt 26,74.

¹⁰¹ Jo 13,37.

¹⁰² Jo 13,36.

repreendeu Pedro e os discípulos por terem uma fé pequena, uma fé mesquinha, em que consiste uma fé grande? Em que consiste uma fé que tem o tamanho correspondente à imensidão da missão que Cristo entrega à Igreja, que é o tamanho da sua compaixão pela humanidade inteira? Como é grande a fé de Simeão, que enxerga que a presença de Cristo ilumina o mundo só pelo fato d’Ele estar aqui,¹⁰³ um menino que não fala, não anda, não faz nada! Como é grande a fé de Maria, que, poucos dias depois de ter Jesus em seu ventre, já cantava no *Magnificat* o imenso impacto de salvação que Ele traria para o mundo e a história!

Para entender melhor, proponho-lhes uma última cena do Evangelho; deixemo-nos conduzir pela admiração do próprio Jesus ante a fé grande de algumas pessoas, em geral totalmente fora dos esquemas daqueles de quem se deveria esperar a fé. O episódio que mais me tem provocado há vários meses, neste sentido, é o do centurião devoto que suplica a Jesus que cure seu criado, o qual está paralisado e sofre terrivelmente.¹⁰⁴ Lucas diz que o centurião “muito estimava” esse criado.¹⁰⁵

Mateus refere que Jesus está disposto a ir imediatamente à sua casa, mas o centurião Lhe diz a frase que rezamos parcialmente em todas as Eucaristias antes da Comunhão: “Senhor, eu não sou digno de que entres em minha morada! Basta uma palavra tua e meu criado ficará curado; pois também eu sou um homem sob autoridade e tenho soldados, sob minhas ordens, e se ordeno a um: ‘Vai!’, ele vai, e a outro: ‘Vem!’, ele vem; e se digo ao meu servo: ‘Faze isto!’, ele o faz”.¹⁰⁶

A reação de Jesus é a maravilha diante da fé deste pagão: “Ao ouvi-lo, Jesus ficou admirado e disse aos que O estavam seguindo: ‘Em verdade, vos digo: em ninguém encontrei tanta fé em Israel’”.¹⁰⁷ E diz ao centurião: “Vai! Aconteça como creste”.¹⁰⁸

No Evangelho de Lucas, este episódio segue imediatamente a seção que corresponde ao *Sermão da montanha* de Mateus, que começa com

¹⁰³ Cf. Lc 2,34.

¹⁰⁴ Cf. Mt 8,5-13.

¹⁰⁵ Lc 7,2.

¹⁰⁶ Mt 8,8-9.

¹⁰⁷ Mt 8,10.

¹⁰⁸ Mt 8,13.

as Bem-aventuranças. Lucas introduz o episódio do centurião com estas palavras: “Depois que concluiu todas essas palavras dirigidas ao povo, Jesus entrou em Cafarnaum”.¹⁰⁹ E aí o centurião vem ao Seu encontro. Lucas deixa claro que a fé do centurião é a resposta mais adequada às palavras de Cristo, ao Verbo de Deus que acabara de expressar o ápice de Seu ensinamento, a essência de todo o Evangelho.

Em que consiste, então, esta fé que permite a Cristo consumir perfeitamente em nós a sua missão? Consiste em acolher a palavra de Jesus com uma disponibilidade humilde, que permite a Cristo mesmo realizar em nós Sua palavra e Sua missão. O centurião dá o exemplo de sua autoridade militar: “Tenho soldados, sob minhas ordens, e se ordeno a um: ‘Vai!’, ele vai, e a outro: ‘Vem!’, ele vem; e se digo ao meu servo: ‘Faze isto!’, ele o faz”. Em poucas palavras, o centurião *crê com confiança que a palavra de Jesus se torna acontecimento*, crê que a Palavra se realiza se a pedirmos e a deixarmos agir. Ele tem certeza de que quem realiza a palavra, a ordem, é o próprio Cristo. Isto é, entende que não podemos conceber a obediência apenas como algo que nós fazemos, com nossas forças, e sim que é o próprio Cristo quem sabe e pode realizar por nós e em nós aquilo que Ele diz. A obediência é deixar que Cristo faça o que nos manda, o que nos ordena.

As palavras que o centurião usa não se limitam, desta forma, a descrever o milagre da cura de seu criado; descrevem a vida que Cristo veio viver em nós, que Cristo quer viver em nós. Quando Jesus nos diz: “Vem!”, é toda a nossa *vocação* que é resumida nessa palavra. Quando Jesus diz: “Vai!”, é toda a nossa *missão* que é sintetizada nessa palavra. E quando diz: “Faz!”, nesta ordem está resumida toda a *obra* de Deus que Jesus quer realizar em nós e por meio de nós.

A fé não permite apenas que Deus faça alguns milagres para nós: *a fé permite que Cristo se torne o verdadeiro sujeito da nossa vida*, que viva em nós a Sua palavra, que viva em nós a Palavra que Ele é como Verbo de Deus. *A fé permite que Cristo se encarne na nossa vida, como na Virgem Maria, e viva em nós Sua vocação, missão e obra, ou seja, Sua vinda no mundo para levar a termo a obra do Pai.*

¹⁰⁹ Lc 7,1.

Tudo é resumido pelo próprio Jesus no fim do episódio, quando diz ao centurião: “Vai! Aconteça como creste! – *Vade, et sicut credidisti, fiat tibi!*”

Como não sentir nessas palavras o eco da resposta de Maria ao anjo? “Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se em mim [*fiat mihi*] segundo a tua palavra.”¹¹⁰ Jesus, em certo sentido, pronuncia sobre nós e sobre a nossa fé o “Eis-me aqui!” de Maria, para que a nossa vida também se torne encarnação da Sua presença e missão.

A posição justa entre a realidade e Cristo

Quando Jesus, depois de ter ouvido o centurião, diz: “Em verdade, vos digo: em ninguém encontrei tanta fé em Israel”,¹¹¹ é como se dissesse que em Israel há uma crise de fé e que a fé do centurião é um julgamento profético que deveria revelar a Israel seu verdadeiro problema, a verdadeira natureza de sua crise.

Também na época de Jesus, como hoje, o povo sentia-se em crise. Todos percebiam que as coisas não iam bem, que era necessária uma mudança. Porém quase todos diziam que a culpa era dos romanos, ou que era do partido oposto ao próprio. Os fariseus diziam que a culpa da crise era dos saduceus, e os saduceus diziam que a culpa era dos fariseus. Como muitas vezes hoje na Igreja: se não pomos a culpa nos inimigos da Igreja, pomos na tendência oposta à nossa na própria Igreja.

Imaginemos que Jesus chegasse no meio disto tudo. O que nos diria? Procuraria um centurião romano, uma mulher cananeia¹¹² ou uma meretriz arrependida,¹¹³ olharia com admiração para a fé deles e então nos diria: “Vejam que o verdadeiro problema é vocês não terem essa fé. A crise de vocês é uma crise de fé. Não tanto a crise de uma fé teórica, dogmática, pois todos vocês foram muito bem catequizados, mas a crise da fé como posição diante de mim e de toda a realidade, de toda a vida”.

¹¹⁰ Lc 1,38.

¹¹¹ Mt 8,10.

¹¹² Cf. Mc 7,25-30,

¹¹³ Cf. Lc 7,37-50.

Ter fé não significa não fazer nada e deixar que Deus faça tudo, não significa viver só de milagres e prodígios, mas situar-se no lugar justo entre a realidade e Deus, por exemplo entre a situação do mundo e Deus que nos salva. Trata-se de ser intermediário entre Deus Salvador e a realidade a ser salva, ser aqueles que permitem que Deus aja no mundo. Por isso a fé é essencial para a missão.

A fé do centurião é a posição justa entre seu criado enfermo e Cristo. Esse homem pôs-se com verdade diante de seu criado e diante de Cristo. Por um lado, olhou para seu criado doente com uma grande compaixão, um grande amor, uma grande paixão pelo seu bem. Por outro, olhou para Cristo com verdade, reconhecendo-O como Deus, reconhecendo-O como o único Salvador que pode curar a humanidade, que pode responder à necessidade de vida e salvação que há em cada homem. *A fé é essa posição justa da liberdade, da nossa liberdade, entre a necessidade da humanidade e Deus.* De toda a humanidade, em nós e no mundo todo. A fé é a posição justa que permite a Deus abraçar o mundo, salvá-lo, mudá-lo, transformá-lo, renová-lo, ou seja, tudo o que todos nós precisamos sempre.

Jesus põe em evidência a fé do centurião não para condenar o povo de Israel ou Seus discípulos, mas para todos aprenderem com esse pagão a abrir-se para o grande milagre que Cristo quer realizar na nossa vida: o milagre não só e não tanto de curar um enfermo, mas de fazer da nossa vida espaço em que possa realizar-se o “Vem!”, “Vai!” e “Faz!” que Cristo pronuncia sobre nós e que é a nossa vocação a nos tornarmos carne da Sua presença no mundo de hoje.

O primeiro milagre fundamental da fé é a nossa conversão a deixarmos Cristo viver em nós, na comunidade e, então, no mundo. O verdadeiro milagre é obedecermos a Cristo com simplicidade de coração e confiança, como os soldados e os servos submetidos ao centurião. O centurião disse: “Digo ao meu servo: ‘Faze isto!’, ele o faz”.¹¹⁴ Talvez estivesse falando de seu querido criado doente. E é a este mesmo que Jesus cura, é a ele que Jesus restitui a obediência “sem demora”, diria São Bento, “peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que o Cristo”.¹¹⁵ Jesus cura o criado para que possa

¹¹⁴ Mt 8,9.

¹¹⁵ RB 5,1-2.

voltar a viver essa obediência, mas de agora em diante será como se ele obedecesse mais a Jesus que ao centurião, pois de agora em diante obedecerá, trabalhará, fará tudo com a vida que Cristo lhe concedeu, que é a vida do próprio Cristo nele. Todo o seu vir, ir e fazer será de Cristo nele.

Pensem só que plenitude de vida teríamos se vivêssemos a fé!

Nós precisamos urgentemente dessa fé para vivermos não mais nós mesmos, mas para que Cristo viva em nós, como diz São Paulo aos Gálatas, a fim de que a presença de Cristo se torne toda a vocação, a missão e a obra da nossa vida.¹¹⁶

Reconhecer que precisamos de salvação

Encarar a crise não significa ser pessimista, mas *reconhecer que a humanidade, a condição humana, está num estado permanente de necessidade de salvação*. A verdadeira crise não requer soluções. A crise requer salvação, salvação das pessoas e das comunidades, salvação dos povos, dos povos em guerra. A crise é resolvida quando a vivemos enquanto homens e mulheres redimidos, salvos, e então enquanto homens e mulheres que, mesmo no meio da crise, mesmo que a crise permaneça, têm uma razão para estarem alegres e em paz que nenhuma solução à crise jamais poderá substituir.

A fé grande é a fé daqueles a quem Cristo pode dizer: “Vai! Aconteça como creste”. Sim, a fé é a nossa abertura mendicante para o acontecimento de Cristo, é a licença sedenta que damos a Cristo para fazer acontecer na nossa vida a Sua salvação, o bem que só Ele pode realizar.

Não há nada mais urgente e necessário para cada um de nós, para as nossas comunidades, para a Igreja e para o mundo do que esta fé, pois nada nos é mais necessário do que o acontecimento de Cristo Salvador do mundo.

Regina Cæli

¹¹⁶ Cf. Gal 2,20.

Domingo, 16 de abril, manhã

Wolfgang Amadeus Mozart

Concerto em ré menor para piano e orquestra n. 20, K 466

Clara Haskil, piano – Igor Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux

Spirto Gentil 32, (Philips) Universal

Ângelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Proserpi. Nós ouvimos *O meu rosto*, este canto magnífico da Adriana Mascagni, de quem nos lembramos com grande afeto. “Deus, para mim olho e eis que descubro: não tenho rosto.”¹¹⁷ Quantas vezes fazemos essa experiência? Poderíamos dizer que, quando não acontece, é mais por distração que por outra coisa. Acordamos de manhã e, ao nos olharmos no espelho, constatamos que não temos rosto. E quanto mais profundamente olhamos, mais aparece o escuro sem fim. Mas dessa escuridão, do fundo dessa escuridão que seria a nossa existência caso estivesse largada a si mesma, surge uma luz: “E só quando percebo que tu és, / como um eco eu ouço a minha voz / e renasço como o tempo da lembrança”. Esta luz vai ficando cada vez mais forte, inundando todo o espaço do nosso dia: a luz da memória do fato de sermos queridos e esperados hoje por Quem nos quis desde sempre. Não estamos sozinhos, Ele nos espera, Ele nos chama. O canto de Anas que acabamos de ouvir é um evento que volta a acontecer todas as manhãs quando abrimos os olhos: “Se tu soubesses o quanto te esperei, / o quanto pensei em ti, o quanto te quis”,¹¹⁸ é o que nos diz Aquele que nos faz agora.

Ontem à noite vocês fugiram do controle. Depois de mil e setecentas perguntas enviadas, o *toner* da impressora acabou! São perguntas realmente muito bonitas, não só as que escolhemos e às quais

¹¹⁷ A. Mascagni, “Il mio volto”. In: *Canti*, Milão: Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, p. 196.

¹¹⁸ A. Anastasio, “Se tu sapessi”, do álbum *Pochi passi*, realizado no Tappeti Sonori Recording Studio, 2022; arranjo Walter Muto, © Fraternidade Sacerdotal São Carlos Borromeu.

o Padre Mauro vai responder. Isto testemunha que, nestes dias, o Pe. Mauro nos fez entrar num olhar novo para nós mesmos e para toda a realidade, tanto é verdade, que as perguntas são majoritariamente existenciais e tocam as passagens fundamentais da Introdução e principalmente das duas Palestras do sábado. Portanto, sem perder mais tempo, vou ler as perguntas selecionadas.

“Os apóstolos creram não pelo que Ele dizia ou pelos milagres que realizava, mas pela Sua ‘presença cheia de proposta’. Poderia aprofundar esta passagem? Como é que isso também é válido para o homem de hoje (por exemplo, para os nossos filhos)?”

“Estamos em desvantagem em comparação com as pessoas que vieram antes? ‘Um homem culto, um europeu dos nossos dias, pode acreditar, crer de verdade, na divindade do filho de Deus, Jesus Cristo?’ (Dostoiévski).”

Pe. Mauro-Giuseppe Lepori. Penso que, se estamos aqui, se seguimos um carisma, quer dizer que o Espírito não nos põe em desvantagem, da mesma forma como não põe em desvantagem nenhuma época, nenhuma criatura humana. Em que é que não nos põe em desvantagem? No dom de uma presença, no dom de um encontro vivo com Cristo, e então na proposta que a presença de Cristo é. A proposta da fé é a presença, o acontecimento de Cristo no nosso meio. “Eis que estou convosco todos os dias [todo dia], até o fim dos tempos”:¹¹⁹ é esta a grande promessa do Ressuscitado. Não é possível que, se Cristo está presente todo dia, esteja menos presente de como estava para os apóstolos, porque Cristo não pode ser menos do que Ele é. Se nos é prometida a Presença, o dom da Sua presença, e se é ela que percorre toda a história até o fim do mundo todo dia, todo mês, todo ano, e então sempre, inclusive na nossa época, isso não pode ser dado menos a nós do que aos apóstolos. O que pode prejudicar-nos é viver numa época, num tempo cultural marcado por uma mentalidade que ofusca nossos olhos e nossa liberdade na hora de reconhecer essa Presença e acolher a proposta que ela é. Pode haver uma névoa que nos impeça de viver com sinceridade a nossa fé. São Paulo disse a Timóteo: “Reaviva em

¹¹⁹ Mt 28,20.

ti a fé sincera que recebeste de tua avó e de tua mãe”,¹²⁰ o que significa literalmente uma fé não hipócrita, uma fé franca, explícita, sincera. Por isso também não podemos deixar de crer que a fé é um dom, é o dom ligado à presença de Cristo, é o dom que o Espírito nos concede para reconhecermos Cristo. Simeão foi e reconheceu a presença no Menino porque o Espírito o moveu a isso.¹²¹ E creio que devamos mesmo ter fé no Espírito Santo, que não pode deixar de acentuar – longe de nos pôr em desvantagem! – o dom da capacidade de reconhecer Cristo numa época em que tudo contribui para não O reconhecermos. Temos de nos dar conta disto: também entre nós e na Igreja de hoje há testemunhos que nos surpreendem por sua excepcionalidade no contexto obscuro de uma cultura, de uma mentalidade, de uma época que não favorece a fé em nada. Penso que isso deva até fazer com que nos sintamos mais privilegiados em comparação com outras épocas.

Proseri. “Você falou de reavivar as brasas da fé e disse que a fé é um dom – agora também o repetiu – que, portanto, não somos nós que nos damos. Queria entender melhor como posso reavivar a minha fé.”

Lepori. Reavivar, ou melhor, pedir que a fé se reavive. São Paulo pede algo que a liberdade de Timóteo precisa fazer. A fé não se reaviva por si mesma, é um dom, uma graça oferecida à nossa liberdade, proposta à nossa liberdade. Reavivá-la é a tarefa em que nossa liberdade corresponde a essa graça. Acho que, no fundo, também temos de estar conscientes de que a liberdade é um dom, é um carisma. E também a liberdade – como eu disse – é um dom irrevogável; Deus não revogou este dom depois do pecado e de tudo o que aconteceu na história por causa de um uso errado da liberdade. Deus permanece fidelíssimo à irrevogabilidade de cada dom Seu, particularmente o dom da liberdade. Pois bem, devemos ter consciência de que, justamente por não ter querido revogar esse dom, Cristo morreu na cruz. Foi para a cruz porque não tirou de Judas a liberdade de trai-Lo, dos fariseus a liberdade de condená-Lo, de Pilatos a liberdade de processá-Lo, etc. Foi até o fundo do dom da liberdade, sofrendo as consequências. Des-

¹²⁰ Cf. 2Tm 1,5-6.

¹²¹ Cf. Lc 2,25-27.

ta forma, Ele a reconfirmou para nós, concedeu-a ainda mais a nós, tornou-a ainda mais preciosa para nós, porém preciosa na forma como Ele a salvou, como Ele a torna boa, um dom não desperdiçado, mas que dá fruto. E o fruto da liberdade é tornar-se um “sim”, tornar-se um “sim” ao acontecimento, abrir-se totalmente, ser uma abertura, a abertura de Maria, a abertura de Nossa Senhora ao acontecimento de Cristo. Este é o ápice da liberdade, da liberdade redimida em Maria desde a sua concepção e da nossa liberdade redimida por Cristo sobre a cruz, capaz então de reavivar a fé, de reavivar-se como fé, de ser vivida como abertura à presença de Cristo.

Prosperi. É lindo isso que você disse, que a liberdade é o primeiro dom irrevogável de Deus, e é exatamente o testemunho da verdade daquilo que você disse na primeira noite: Deus nunca revoga seus dons. E esta é a fonte de esperança e de certeza também para todos nós: Cristo nunca revoga o compromisso das promessas que faz para nossa vida.

Lepori. Sim, no fundo, acolhe-se a liberdade como dom quando se torna confiança em Deus, acolhe-se como dom quando é confiança que nós depositamos n’Ele. A fé é confiança em Cristo, confiar n’Ele, crer n’Ele, segui-Lo, dizer-Lhe sim, ter confiança no fato d’Ele querer-nos e amar-nos. A fé é acolher o dom até o fim, restituindo-o.

Prosperi. “Em alguns momentos, hoje me pareceu que tudo vem de Deus: a fé vem de Deus, a unidade é Deus quem faz, as crises é Deus quem resolve, como se Deus fosse uma resposta para tudo que caiu do céu. Onde é que eu entro?”

“A fé é um método de conhecimento que implica o uso da minha razão. Você disse que ‘a fé permite que Cristo se torne o verdadeiro sujeito da nossa vida’. Eu sinto um pouco que minha humanidade é deixada de fora. Como é que minha humanidade pode ser caminho e não obstáculo para o crescimento da minha fé?”

Lepori. Quando é que utilizamos a razão como razão e não como loucura? Quando ela abraça e reconhece a realidade inteira, quando permanece aberta a toda a realidade. A razão que se fecha numa ideia, num conceito restrito, a razão que renuncia a ser olhar aberto para a

realidade inteira e a compreendê-la, não abraça o infinito (e o infinito faz parte da realidade!). No fundo, a Revelação revela-nos e propõe-nos verificar que é Deus quem faz a realidade inteira, é Deus quem a faz pelo amor que Ele é. Então minha razão, isto é, meu eu, existe se estiver aberto a isso, se verificar isso. E a Revelação permite e exalta até o fundo o eu do homem, na medida em que este é capaz de abrir-se para toda a realidade. Compreender que minha humanidade é feita para verificar isso, para verificar que é feita para acolher um amor infinito, transforma toda a minha humanidade numa espécie de campo que a fé faz frutificar ao abri-la para toda a realidade, dilatando minha humanidade. Onde eu entro? Eu entro lá onde me abro para toda a realidade, não entro lá onde me escondo (como Adão e Eva entre os arbustos) de um Deus que vem até mim e me propõe sua companhia e sua amizade, que me propõe viver a realidade inteira na fonte da sua amizade por tudo; um Deus que vem passear no jardim que Ele criou, fez bonito e deu ao homem para mostrar-lhe que tudo é dom. Mas o homem esconde-se disso, fecha-se para isso! Ora, se meu eu se fecha para isso, então se fecha para si mesmo, ou seja, mortifica-se a si mesmo e já não sabe onde está. Quando Deus pergunta: “Adão, onde estás?”,¹²² no fundo Adão nem sabe dizer onde está, pois já não sabe onde está seu eu, uma vez que o lugar, a posição verdadeira do nosso eu é o Tu. É dizer: “Tu” a Deus, ao Tu que o faz. Só se formos encontrados, é que sabemos onde estamos.

Se nos deixamos encontrar por essa relação que nos ama e vem a nós, que se nos propõe e nos diz “tu” para respondermos “Tu”, pois bem, aí então sabemos onde estamos. Nós só sabemos onde estamos se na nossa frente estiver o tu de Deus infinito, que nos doa tudo. Isso é o que faz com que Cristo se transforme no sujeito da nossa vida, e o que nos faz viver como um sujeito novo, de modo que já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Mas o que é que Cristo vive em mim? A plenitude do meu eu, a plenitude do meu ser criado para ser filho de Deus, o ser criado em Cristo. Nós somos criados em Cristo e Cristo vive em nós, e esta é uma experiência de plenitude do eu que só Cristo torna possível. E só se acolhermos, se nos dermos conta – como São Paulo, com admiração – de que “eu vivo, mas não

¹²² Cf. Gn 3,9.

eu: é Cristo que vive em mim”,¹²³ só se vivermos esse maravilhamento é que compreendemos de verdade quem somos. Creio que quem conhecia São Paulo – como também se vê pelas cartas –, reconhecia que ele tinha uma personalidade absolutamente mais marcada do que muitos outros, tinha uma personalidade fortíssima, mas até mesmo um homem como ele teve de reconhecer que a plenitude de seu eu, justamente essa sua personalidade, era feita para ter um sujeito que não era o eu que ele julgava ser.

Prosperi. Em relação a estar diante de um Tu e do maravilhamento por sermos filhos, lembro que, entre os Cartazes dos anos anteriores, houve um com a imagem de Marcelino, com os olhos arregalados perante uma presença, que não é algo que se justapõe ao seu eu, mas é fonte de maravilhamento.¹²⁴ Às vezes nós temos a tentação – como todos – de nos conceber autônomos; é como se Deus não fosse pai de verdade, mas alguém que nos dá o impulso inicial, e depois temos de seguir em frente com nossas próprias pernas. Pelo contrário, Deus faz tudo; sim, Deus faz tudo, e isso é que é bom. Por isso Giussani sempre insistia que nossa postura original é a da criança. Por isso fizemos aquele Cartaz. O menino é totalmente dependente, e neste ser dependente não reside apenas sua condição existencial, mas também o gosto, a paz e a admiração contínua por uma novidade, diante de Outro que faz tudo para nós e na nossa vida

Lepori. O olhar de Marcelino é o mesmo olhar que me surpreendia em Giussani, aquele seu olhar para mim, maravilhado comigo, que me revelava a mim mesmo, que me encantava e por isso me abria, não me deixava viver debruçado sobre mim mesmo. Como já dissemos antes, viver debruçado sobre si mesmo é a negação mesma do eu, é o sufocamento do eu como relação, como criado à imagem da Trindade. Por isso eu disse que a fé cristã não está dissociada da comunhão.

Prosperi. Podemos ler a pergunta seguinte, que é sobre esse mesmo ponto: “‘A fé cristã não pode ser dissociada da comunhão.’ Qual é o nexó entre fé e comunhão?’”

¹²³ Gal 2,20.

¹²⁴ Aqui se refere ao protagonista do filme *Marcelino pão e vinho* (direção de L. Vajda, Falco Film-Chamartin, Espanha, 1955), cuja imagem foi reproduzida no Cartaz de Páscoa de 1992.

Escolhemos esta pergunta porque nos introduz no fio condutor do percurso destes dias sobre a fé. A segunda palestra foi toda centrada nisto.

Lepori. A fé cristã não pode ser dissociada da comunhão pelo simples fato de que a fé consiste em crer na Trindade. A realidade inteira em que a fé crê é a Trindade que nos faz, que quis criar-nos, que criou todo o universo e que dá a tudo consistência e ser, origem e fim de tudo. Deus é comunhão eterna de Pessoas e criou o ser humano para que ele possa participar dessa Sua natureza, da natureza divina que é o amor, que é essa comunhão entre as três Pessoas, e então para que entre nessa relação. No fundo, todo o anúncio de Cristo e de toda a Revelação consiste em nos fazer entrar na relação trinitária como filhos do Pai no Espírito Santo, ou seja, é-nos dado um lugar que é o lugar de Cristo, um lugar filial no seio da Trindade. E a fé toda é conhecer e experimentar exatamente isto, como Jesus diz no capítulo 15 de São João: “Como meu Pai me amou, assim também eu vos amei. Permaneci no meu amor. Se vos amardes uns aos outros, permanecereis no meu amor”. Aqui está tudo: “Como meu Pai me amou, assim também eu vos amei”.¹²⁵ O que pode haver de maior, de mais infinito do que ser amado por Cristo como o Pai o ama? Não há nada, não há ser, não há realidade fora deste: “Eu vos amei como o Pai me amou”. E: “Permaneci no meu amor”. Jesus conecta esse permanecer no Seu amor, esse ser amado por Ele como o Pai o ama, ao amarmo-nos mutuamente. Por isso a unidade está ligada à totalidade da experiência cristã. Viver a comunhão entre nós é abrir-nos – e isso nos é pedido e nos é dado – a esta experiência infinita que só é reconhecida pela fé, que a fé reconhece e que a fé acolhe. A fé é crer nesse amor, na proposta desse amor. Por isso não é possível dissociar a vida de comunhão da vida de fé, nem a vida de fé da vida de comunhão, pois não há fé fora da comunhão e não há comunhão fora da fé. É um mistério tão grande que não é possível responder, no fundo.

Prosperi. Isto nos introduz nas perguntas sucessivas.

“O que significa estarmos unidos e ao mesmo tempo manter a própria unicidade e diversidade?”

¹²⁵ Cf. Jo 15,9-17.

“Você insistiu muito na unidade. Na audiência do dia 15 de outubro, o Papa nos disse que ‘unidade não é uniformidade’. Com efeito, os primeiros cistercienses [cf. *Três monges rebeldes*] e depois São Bernardo fundaram uma nova ordem, e Dom Giussani descobriu-se iniciador de uma coisa nova dentro da Igreja. Qual é a contribuição da minha humanidade?”

Lepori. Aqui também, a unidade que Cristo pede ao Pai para nós é à imitação de como o Pai e o Filho estão unidos no Espírito Santo. Do pouco que as conheço, parece-me que as três Pessoas da Trindade são muito diferentes entre si. Não acredito que haja uma diversidade mais evidente. Vocês entendem que a comunhão é justamente a unidade de uma diversidade, porque a pessoa é “diversidade”? É a originalidade, não é? Mas há um amor no Ser, há um amor que é o Ser, que une o que é o menos uniforme possível, não sei como dizer. E isso se reflete na comunhão eclesial. Vejo-o na vida dos mosteiros: quanto mais os monges e monjas envelhecem, mais suas personalidades se tornam originais; mas não que se tornem originais por se afastarem da comunhão e fazerem o que quiserem, pelo contrário, muitas vezes são os mais unidos, os mais obedientes, os mais comprometidos, os que mais se dedicam à vida da comunidade. No entanto, suas personalidades tornam-se cada vez mais originais, de verdade, e é surpreendente ver a originalidade da pessoa como um dom que é seu carisma, o dom de ser aquilo que o Senhor lhe dá para ser, o “eu” que lhe é dado para ser. Pois bem, a uniformidade que o Papa condena é uma unidade que arremeda a comunhão trinitária, a comunhão da Igreja, em vez de vivê-la. Na verdade, a comunhão não priva o Espírito – por assim dizer – da riqueza do dom, concedido a cada um, do carisma que é necessário para a comunhão e que enriquece a comunhão entre nós. Isso vale dentro de uma comunidade, de uma família, de uma fraternidade, de uma Ordem e de toda a Igreja. Onde devemos ter cuidado é em não conceber a identidade de cada um como algo que divide. Normalmente isso acontece quando um dom é separado da comunhão, ou seja, quando é vivido como algo que não edifica a comunhão, que não é alimentado pela comunhão e que não alimenta a comunhão. Este é o verdadeiro e único problema. Por outro lado, quando acolhemos a originalidade de cada um como um dom do Espírito, compreendemos

que cada dom é vida do único corpo de Cristo. Isso traz paz ao vivermos nosso próprio dom ou os dons que não possuímos, se tivermos a consciência de vivermos em um corpo. A mim, por exemplo, dizem: “Ah, mas vocês monges não vão, não fazem missão!” Claro, mas a Igreja faz! Eu sou um membro de um corpo e sei que estou ligado aos que vão em missão, assim como quem vai em missão sabe que está ligado a quem reza, a quem oferece a vida de outra maneira. Isso nos faz realmente tocar e experimentar toda a riqueza da comunhão, que não aniquila a identidade de cada um e que não é uma uniformidade que mortifica o dom, a irradiação do dom de Cristo para o mundo.

Prosperi. Há algumas perguntas que tocam o ponto da originalidade quando começa a minar a comunhão ou a unidade. Entre várias, escolhemos esta:

“Numa passagem da palestra da manhã, você fez alusão a um dos seus mosteiros, falando de problemas que envolvem a liberdade ‘mais ou menos sincera das pessoas’ que lhe foram confiadas. Você também falou das reações de raiva, mal-estar e tristeza que também o afetam diante de tudo isso. Às vezes eu faço uma experiência semelhante. Diante de quem afirma a própria pessoa (sua própria opinião, seu próprio poder, ou até simplesmente sua necessidade de atenção) [isto também vale dentro de uma família], de forma hostil em relação ao trabalho que outros fazem para construir ou alimentar a unidade, falando com duplicidade, manipulando a realidade dos fatos e as pessoas (e muitas vezes em prejuízo dos mais fracos), nem sempre posso dizer que encontro em mim uma capacidade de confiança em Deus que me traga paz. A consciência de que a unidade da comunidade não depende de mim, mas é um dom, às vezes fica turva em mim, se não como um juízo último, ao menos como um sentimento que me envolve. No entanto, há uma verdade na consideração de que também me foi confiada a tarefa de defender a unidade e os fracos. Como você vive essa relação com o mal da divisão, de uma liberdade que não reconhece e ‘joga contra’?”

Lepori. Pensando na minha experiência, penso que aí mesmo é importante manter os olhos fixos em Jesus e não na pessoa ou nas pessoas que na comunidade (ou na Ordem, no Movimento, etc.) as-

sumem uma posição que divide, um pouco como Judas; não digo que todos sejam Judas, mas que em certo sentido se tornam divisores, criam divisões.

Prosperi. Todos nós temos um pouco a tentação de Judas.

Lepori. A tentação está dentro de todos nós. Por isso a primeira coisa para estarmos conscientes é que eu também poderia ser essa pessoa e às vezes, sem me dar conta, eu o sou para os outros. Para Jesus, Judas foi uma dor, foi uma ferida, mas não foi uma “fixação”, tanto é verdade que ninguém tinha percebido que Judas era um problema até o fim, e os discípulos viveram junto com ele os três anos. Em certo sentido, parece que Jesus sempre encobriu um pouco a situação dele – por assim dizer – justamente por amor a ele, devido à irrevogabilidade do dom que lhe dera ao chamá-lo, ao dar-lhe a liberdade, ao tê-lo escolhido. É como se Cristo não tivesse podido dizer-lhe: “Não! Vai embora!”. De fato, ele é que foi embora, ele é que O recusou, mas o dom permaneceu. Isso nos permite partir sempre, na hora de tratar as pessoas e as situações que nos atormentam, com um fundo de mistério, de modo que a pessoa nunca fica definida só por seu comportamento, por aquilo que faz, por aquilo que talvez esteja tramando. Como quer que seja, há uma coisa que me libertou muito numa época em que sofri certa hostilidade mais evidente: compreender que Deus não nos pede que peitemos os inimigos, avançando contra os inimigos como Pedro, com a nossa espada, porque o inimigo é mais forte que nós, principalmente o Inimigo com I maiúsculo, aquele que costuma esconder-se por trás da fragilidade das pessoas. Judas era frágil, em sua ambição era um frágil que o demônio conseguiu transformar em seu instrumento de divisão. Faz-me muito bem ler os salmos, nos quais sempre há a imagem de Deus vencendo o inimigo, pois percebo que o inimigo é mais forte do que eu, mas Deus é mais forte que o inimigo. O que isso significa? Significa que eu não preciso peitar a experiência da hostilidade, da inimizade, da mentira, etc., mas devo enfrentá-la na relação com Cristo, ou seja, devo passar através d’Ele, entregando a mim mesmo em primeiro lugar. Significa fixar os olhos n’Ele mais do que no problema que o outro representa para mim. E este é um exercício de ascese, pois é verdade que, quando alguém nos

atormenta, se torna uma fixação e já não conseguimos parar de pensar nele, não dormimos à noite porque nos atormenta psicologicamente. No fundo, isso também – talvez seja por isso que Jesus deixou Judas livre para agir até o fim – nos leva a uma conversão, para que realmente, também nisto e sobretudo nisto, não tenhamos a pretensão de nos salvar por conta própria ou de salvar a comunidade ou a Igreja por conta própria. Com frequência, na vida dos santos ou dos papas se diz: “Como foi que ele suportou aquela pessoa junto dele? Por que não a mandou embora? Por que não a descartou? Por que a deixou agir?” Acho que isso faz parte da santidade deles: eles compreenderam que tinham de deixar para Deus o tempo e a forma de resolver esses tormentos, essas provações. Porque, no fundo, Deus quer salvar inclusive o inimigo: não quer destruí-lo, mas quer salvá-lo e, por isso, torna-nos pacientes, de modo que com nossa paciência permitimos que Ele vença, e que vença até o fundo, não só vencendo o problema, a divisão, a mentira que nos atormentam, mas que vença também a divisão profunda em Seu corpo, da qual determinados fenômenos e determinadas pessoas são como a ponta do *iceberg*, pois o verdadeiro problema é sempre o fato de haver um inimigo muito mais forte por trás, e só Cristo o derrota morrendo na cruz.

Prosperi. Vem-me à mente que Jesus diz ao Pai: “Eram teus, e a mim os deste [...] para que eles sejam um, como nós somos um”.¹²⁶ Quando nós nos esquecemos disso, é como se nos tornássemos donos da companhia e do caminho onde todos nós estamos.

Lepori. Como sempre, temos de nos deixar surpreender por como Deus resolve esses problemas melhor do que nós. Quando eu disse a mim mesmo: “O inimigo é mais forte do que eu, mas Deus é mais forte que o inimigo, então eu me confio a Deus”, eu fiquei em paz nessa situação. Surpreendeu-me que Deus, em primeiro lugar, encontrou a solução em mim, criou-a em mim, e Ele me deu a graça de ficar em paz diante de um inimigo. Era a paz de Jesus diante de Judas, a paz que Ele sempre teve diante de todos os seus inimigos.

¹²⁶ Jo 17,6-11.

Prosperi. “Na palestra da tarde, você disse que ter fé não equivale a não fazer nada e deixar que Deus faça tudo, mas assumir o lugar justo entre a realidade de Deus [esta frase tocou muita gente, e várias perguntas foram exatamente sobre isto], servir de intermediário entre o Salvador e a realidade. Que significa encontrar o lugar justo? Pode aprofundar como é que, existencialmente, eu posso aprender essa posição justa no dia a dia?”

Lepori. Antes de mais nada, a fé reconhece, pede e transmite, anuncia a relação de Deus com a realidade, com a nossa realidade, a relação que cria, que ama, que redime, que salva; ou seja, uma relação que é misericórdia. Hoje é o Domingo da Divina Misericórdia,¹²⁷ que expressa justamente o mistério da relação de Deus com a nossa realidade. A fé reconhece que o olhar de Deus é misericórdia. Quando os apóstolos viram Jesus levantar os olhos para a multidão que estava vindo, reconheceram que Jesus tinha uma relação com a multidão (aquela multidão que enchia a paciência deles!) que era de compaixão, de misericórdia; o amor d’Ele abraçava, acolhia, dava a vida por eles. A fé, então, é reconhecer a relação de Deus com a realidade, o olhar de Deus para a realidade, inclusive para meu inimigo. E isto, para mim, significa poder olhá-lo com fé e não só a partir da minha psicologia, descobrindo que há uma relação com a realidade que não é o meu “cara a cara” com ela, mas que consiste em passar através de Deus para olhá-la. Nosso lugar é reconhecer isto ao vivermos nossa realidade, a realidade que nos é dada todo dia, a realidade que vivo em minha família, em meu trabalho, em minha doença, em meu pecado; a realidade que para o centurião era seu criado enfermo; no fundo, naquele momento, a realidade para ele estava concentrada – como urgência, como dor, como sentimento, como amor e até como amizade – naquele criado enfermo. E o que ele fez? Serviu de intermediário entre essa realidade e Jesus, vendo como Jesus a abraça, como Jesus a olha, como Jesus a salva e como a cura. É esta a grande tarefa. E isto permite que o acontecimento de Cristo aconteça, pois Jesus não olha a realidade de fora, mas abraça-a, isto é, faz-se acontecimento na re-

¹²⁷ O “Domingo da Divina Misericórdia”, instituído por São João Paulo II no ano 2000, coincide com o domingo seguinte ao da Páscoa.

alidade humana. Ele fazer-se acontecimento significa que a realidade humana, que o pecado havia tirado de Deus, é como que recolocada nas mãos de Deus para Ele fazer dela o que só Deus é capaz de fazer. Ao pôr seu criado nas mãos de Cristo, o centurião reencontrou-o curado, isto é, reencontrou-o restituído, reencontrou-o redimido e reencontrou-se também ele como instrumento desse acontecimento. E compreendeu que bastava sua fé, em certo sentido, como se dissesse: “Minha fé é suficiente para levar-te até meu criado. Dize apenas uma palavra e meu servo ficará curado”, ou seja: “Tua presença é tão grande, que basta uma palavra para alcançar tudo”. Uma única palavra, acolhida com fé, leva o acontecimento todo de Cristo até a realidade que nos é confiada. Creio que, para aprofundar existencialmente a forma de aprender esta posição justa no dia a dia, nós temos de olhar para a nuvem de testemunhas que nos circunda. Eu falei de Jone, mas ela falou num testemunho incrível de como Dom Giussani ou João Paulo II viveram sua doença, transmitiu-nos seu olhar sobre a nuvem de testemunhas e desses santos. E também se trata de comunicar-nos continuamente o testemunho de como as pessoas, especialmente na doença ou diante da morte, deixam que Cristo pegue nas mãos essa realidade. E esse testemunho deles é caminho para nós, sobretudo desperta um fascínio porque não há nada mais fascinante que uma vida ou uma situação – até de mal, de perigo, de doença, de morte – que se deixa levar pelas mãos de Cristo; não há nada mais fascinante como proposta de plenitude de vida para mim, pois sei que minha vida também foi feita para isso. E o caminho é justamente seguirmo-nos uns aos outros, acolhermos o testemunho, o testemunho que nos damos, que oferecemos uns aos outros e que se torna uma proposta verificada que todos nós podemos verificar.

Prosperi. Contudo, uma amiga nossa pergunta: “Acho que toda a nuvem de testemunhas que encontrei não é suficiente para que eu chegue à certeza do amor de Cristo, à fé verdadeira em Deus Pai. Sempre há espaço para a dúvida. Como posso ter certeza de que Cristo atua nas pessoas que encontro e quer comunicar-se a mim?” E outra pessoa perguntou: “Esta dúvida me parece uma traição grande demais e contínua. Poderia me ajudar a entender melhor a dinâmica da dúvida? É algo do qual é impossível escapar?”

Lepori. O testemunho, sendo testemunho de um acontecimento, é sempre maior que as testemunhas; não é preciso que as testemunhas sejam maiores que aquilo que testemunham (nenhum apóstolo foi maior que o Cristo ressuscitado). A grandeza da testemunha está toda em testemunhar a grandeza de Cristo. E é por isso que as testemunhas são dignas de fê, não tanto porque anunciam a si mesmos, mas justamente porque manifestam a grandeza do acontecimento de Cristo na sua vida. No fundo, quanto mais uma testemunha é mísera, pobre e até pecadora, mais esse testemunho é de Cristo. Foi o que ocorreu com a samaritana no poço, que voltou para sua aldeia e se tornou testemunha de Cristo; ela, a pessoa mais improvável, não teve a pretensão de ser maior que Cristo, pelo contrário, não teve nenhuma pretensão, somente disse: “Será que ele é o Messias?”, e enquanto isso testemunhou e levou todos até Ele. Quem de nós já conseguiu levar toda a sua cidade ou todo o seu povoado a encontrar Cristo? Essa mulher o fez. E isso faz parte do carisma, faz parte do dom do Espírito: que minha pobreza transmita e testemunhe a grandeza infinita do acontecimento de Cristo. Isso, decerto, requer certa humildade, mas a humildade que nos é pedida, diante da miséria da testemunha que nos leva para Cristo, é a humildade que é pedida a mim para eu não crer que o acontecimento de Cristo vem até mim por uma razão maior que Sua gratuidade, que Sua misericórdia. A mim faz bem que Cristo me seja testemunhado por pobres pecadores, faz-me bem saber que eu também posso virar testemunha. Eu não devo temer, porque isso me testemunha que o acontecimento é maior, que o acontecimento é Cristo e não aquela pessoa. O importante é não reduzir o acontecimento à pessoa que o testemunha para nós, que foi o que Paulo denunciou: “Eu sou de Paulo”, “Eu sou de Apolo”, “Eu sou de Cefas”.¹²⁸ Esta é uma redução do acontecimento de Cristo à pessoa que o testemunha para nós, o que quer dizer não transmiti-lo de verdade e não deixar que ele nos seja transmitido. Penso que, como quer que seja, as dúvidas podem ser parte de um caminho; fazem com que caminhemos, mas temos de compreender que há dúvidas que nos traem, que nos fecham, e então temos de estar atentos aí para que a dúvida não vire um fechamento. A dúvida que pergunta é cabível, mas a dúvida que

¹²⁸ 1Cor 1,12.

se fecha me prejudica porque, ao me fechar em mim mesmo, paro de acolher o acontecimento, paro de acolher a Cristo e assim prejudico a mim mesmo.

Prosperi. Você disse que a missão nasce de fixar o olhar em Cristo. Já que você vinculou a origem e a consumação da fé ao fixar o olhar em Cristo, para muita gente não ficou claro o vínculo que existe entre a fé (que, de toda forma, é pessoal) e a missão.

“Qual é a relação entre o impulso missionário e o reconhecimento da unidade como dom de Cristo, a fim de que o mundo creia?”

Lepori. Fixar o olhar em Jesus é reconhecer, manter o olhar fixo numa Presença, uma Presença doada, gratuita, que é dada a mim e ao mundo inteiro. Por isso o impulso missionário nasce d’Ele, e quanto mais a pessoa fixa o olhar em Cristo, mais vê que é um dom universal, que abraça o mundo, como dissemos já tantas vezes. O impulso missionário está ligado ao reconhecimento da unidade como dom de Cristo para que o mundo creia porque – justamente, como eu disse – a unidade é motivada e só tem consistência quando pertencemos a Ele. Não há unidade sem pertencer a Cristo. Os Atos dos Apóstolos relatam quando Pedro e João foram interrogados pelos chefes do Sinédrio: “Os que interrogavam ficaram admirados ao verem a coragem de Pedro e de João, por serem pessoas simples e sem instrução. Verificaram que eles tinham estado com Jesus”.¹²⁹ Viam homens simples e os reconheciam como companheiros de Cristo, como pessoas que pertenciam a Cristo – era a única qualidade que tinham –, e isso é o que os tornava missionários, testemunhas. Viam a unidade deles porque Cristo estava no meio deles, porque cada um deles era apegado a Cristo. E se cada um de nós é apegado a Cristo, então estamos todos unidos entre nós, não há alternativa a esta dinâmica do acontecimento cristão. Compreender que da unidade com a pessoa que tenho ao meu lado depende a comunhão com o mundo inteiro, a paz do mundo inteiro, é no fundo compreender a grandeza infinita que Cristo trouxe para nossas relações. Se pertencço à pessoa que está ao meu lado, na unidade com ela, com minha pequena comunidade, com as pessoas da

¹²⁹ At 4,13.

minha comunidade, entra em campo o fato de aí dentro estar a comunhão com o mundo inteiro, estar o acontecimento que salva o mundo.

Isso transforma minha fraternidade, meu trabalho de fraternidade, num serviço universal pela paz do mundo. Por isso o Papa também pediu que o ajudemos na “profecia pela paz”.¹³⁰ E a profecia pela paz começa por como estou com quem está ao meu lado, por como trato a relação com as pessoas da minha família, da minha comunidade, da minha fraternidade, devido à própria natureza do acontecimento que nossa pobre Fraternidade carrega como um tesouro imenso, claro, em vasos de argila.¹³¹ Mas os vasos de argila contêm o tesouro, o tesouro para todos. Estarmos atentos a isso entre nós antes que quisermos sê-lo, estarmos atentos a essa realidade, pela qual Cristo associou o pertencer a Ele à unidade e, assim, ao pertencer às pessoas com quem estou, termos consciência disto significa acolher o acontecimento de Cristo em todo o seu alcance. Nossa unidade é algo humilde, parece insignificante, mas é por meio dela que acolhemos o acontecimento para o mundo inteiro, que eu acolho inclusive para a pessoa mais distante. Não sei como dizer, perdoem-me a pobreza da minha expressão já cansada: acho mesmo que fixar o olhar em Cristo no meio de nós é a obra mais avassaladora, a obra mais transformadora do mundo que podemos fazer, que podemos realizar. E, se isso nos requer sacrifício, humildade e renegação de nós mesmos, tenhamos pelo menos a consciência (como Cristo quer que tenhamos) de que não se trata de um sacrifício que fazemos só para este pequeno detalhe da realidade que é minha relação com determinada pessoa, mas é um sacrifício que fazemos pelo mundo inteiro, é um sacrifício que fazemos pela humanidade, pela paz de todos. Hoje é a Páscoa para nossos irmãos ortodoxos. Poucos dias antes de vir para cá, eu recebi uma mensagem de uma amiga que está com um grupo de ucranianos refugiados na Itália, estão vivendo a Páscoa e acompanharam os Exercícios em Assis. Essa mensagem esteve muito comigo nestes dias, porque me transmitia toda a dificuldade deles em viver esta situação num mundo que progressivamente se está esquecendo da guerra, e pode ser que nós também estejamos nos acostumando com esse drama, com essa

¹³⁰ Cf. Francisco, “Arda no vosso coração...”, op. cit., p. 19.

¹³¹ Cf. 2Cor 4,7.

ferida terrível que está na carne deles, de modo que eles não podem esquecê-la. Pois bem, eu acho que a resposta, que a ajuda que podemos dar a eles e ao mundo inteiro, a resposta que podemos dar às guerras, às desordens no Sudão, etc., começa exatamente pela comunhão entre nós, pelo sacrifício da comunhão, pois é um sacrifício que fazemos por Cristo. Insistir na unidade não é insistir numa coisa para fazer, mas é insistir na presença de Cristo que nos é dada para o mundo. Portanto é uma responsabilidade imensa, que se dá nos mínimos detalhes do meu olhar para a pessoa que está ao meu lado, para minha vida, para a comunidade. Ofereçamos isto; afinal, se não oferecermos esse amor à unidade entre nós, não oferecemos Cristo ao mundo. E se não oferecemos Cristo ao mundo, nossa fé é vã, não existe, é uma fé vazia. Mas Cristo ressuscitou e nos lançou para isso, e temos de ser gratos porque, na sua infinita misericórdia, sempre nos lança, sempre faz de nós instrumentos disto. Por isso, demos graças a Ele!

Prosperi. Obrigado! Um obrigado, penso, merecido. Foram dias muito densos, teremos um ano para retomar tudo o que você nos deu.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: At 2,42-47, Sl 117; 1Pd 1,3-9; Jo 20,19-31

**HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM FILIPPO SANTORO
ARCEBISPO DE TARANTO E DELEGADO ESPECIAL DOS MEMORES DOMINI**

Estimados irmãos e irmãs,

a experiência da fé proclamada nestes Exercícios Espirituais atinge a máxima expressão litúrgica na celebração deste domingo, que não se chama Segundo Domingo *depois* da Páscoa, mas Segundo Domingo *da* Páscoa; um domingo que dura todo o Tempo Pascal. Hoje é o mesmo dia de Páscoa que irrompe na nossa vida. Um único grande dia, o dia de Cristo ressuscitado que não tem fim.

O Senhor visitou-nos nestes dias de Exercícios, e agora Ele está no meio de nós como esteve com os discípulos no cenáculo. Diz o Evangelho de João: “Ao anoitecer daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas, Jesus entrou e pondo-se no meio deles, disse: ‘A paz esteja convosco’. Depois dessas palavras, mostrou-lhes as mãos e o lado”. Imaginem, imaginemos os Apóstolos: que espanto, que maravilha reencontrá-Lo vivo! O Evangelho de João diz simplesmente que “os discípulos se alegraram por verem o Senhor”. E com eles nós também nos alegramos, pois nestes dias e na nossa vida nós O vimos.

A presença do Ressuscitado era uma coisa impensável para os Apóstolos, tanto que, todas as vezes que Jesus falara disso, eles nem sequer haviam levado em consideração ou acreditado. Agora O veem com os sinais físicos das feridas das mãos e do lado. É Ele mesmo, ressuscitado e vivo! Vê-Lo suscita a fé e a alegria. O que permitia ver não era uma fé preexistente. Antes estavam desanimados e amedrontados, incrédulos. A fé é uma consequência de ter visto. Veem-No como aconteceu a nós, quando Ele se fez presente num encontro mais verdadeiro e mais bonito do que todo o resto. Na Galileia do nosso primeiro encontro, nós vimos os sinais da paixão, as chagas gloriosas, o sinal inconfundível da Sua presença num rosto, numa relação que não teria explicação sem Ele. E O seguimos, cada um em seu próprio caminho; a mim, num dado momento, foi pedido ir em missão para o Brasil, e essa foi a experiência mais impactante da minha vida, mas

foi possível porque Ele existe; e a voz de Dom Giussani convidando-me a partir era a voz do Senhor fazendo-se presente.

Em seguida Jesus disse de novo aos discípulos: “A paz esteja convosco”. E acrescentou: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. Ele nos dá o Espírito e perdoa nossos pecados, exatamente como aconteceu nestes dias. O Senhor faz-se visível, escolhe-nos, derrota o medo e envia-nos, como Ele foi enviado. Ele é o enviado e envia-nos por sua vez. Inseparável do Pai por natureza, no qual sente toda a Sua consistência, Ele nos faz antegozar o fato de nós também termos um rosto que só se realiza na relação com nosso Senhor, que nos constitui desde a origem. Como para Jesus o Pai é tudo, a fonte e a vida, assim para nós o encontro com Ele é tudo, numa relação histórica. No encontro com o Ressuscitado hoje está a nova criação e a nossa consistência, no hoje. E isso não porque sejamos bons e mereçamos Seu amor, mas porque Ele veio até nós e assim nos enche de maravilhamento, e então de adoração. Sucede conosco o que sucedeu com os Apóstolos, que não puderam mais apagar aquele encontro da sua vida. E assim nós também não podemos apagar a nossa Galileia da alvorada de cada dia que começa.

Mas, naquele dia, Tomé não estava com eles quando Jesus foi ao cenáculo e não acreditou nos Apóstolos quando lhe falaram de Jesus, que havia ressuscitado da morte. Ele disse: “Se eu não vir a marca dos pregos em suas mãos, se eu não puser o dedo nas marcas dos pregos e não puser a mão no seu lado, não acreditarei”. E Jesus, oito dias depois da Páscoa – exatamente como hoje –, foi, ficou no meio dos Apóstolos e disse a Tomé: “Põe o teu dedo aqui e olha as minhas mãos. Estende a tua mão e coloca-a no meu lado. E não sejas incrédulo, mas fiel”. Do mesmo jeito que vemos na pintura de Caravaggio. Jesus faz com que ele tenha a experiência direta e pessoal da Sua presença; e depois que tocou as mãos e o lado, Tomé disse a Jesus: “Meu Senhor e meu Deus!”

Aquele que duvidara ante a fé dos Apóstolos rende-se ante a experiência de tocar o Senhor. Aquele que ficara incrédulo e distante das afirmações dos Apóstolos tem o privilégio de tocar o lado de Jesus perto do coração, faz a experiência do Senhor, reconhece-O e proclama-O. Não porque tenha sido genial, mas porque foi amado e não foi reprimido nem por um segundo.

São João Paulo II quis que este domingo virasse o “Domingo da Divina Misericórdia”, a misericórdia de Jesus em relação a Tomé. O Senhor mostra-se, ama-nos e perdoa-nos. Hoje também a fé nasce de fatos concretos, de encontros vivos em que o Senhor se mostra, com pessoas como nós, sinal concreto d’Aquele que está vivo. Jesus disse a Tomé: “Acreditaste, porque me viste?”, e aqui um grande exegeta, Ignace de la Potterie, traduz assim a sequência da afirmação de Jesus: “Bem-aventurados os que *creram* sem terem visto [ou seja, *sem terem visto a mim*, diretamente]”.¹³² E a alusão não é aos fiéis que vêm depois, que deveriam “crer sem ver”, mas aos apóstolos e aos discípulos que foram os primeiros a reconhecer que Jesus tinha ressuscitado, mesmo na escassez dos sinais visíveis que O testemunhavam. Jesus quer indicar que é razoável crer no testemunho de quem viu sinais ou indícios da presença viva do Senhor. Não é exigida uma fé cega, pois se trata da bem-aventurança prometida a todos os que, humildemente, reconhecem Sua presença a partir de sinais, mesmo escassos, e dão crédito à palavra de testemunhas críveis, como aconteceu conosco.

No relato dos discípulos de Emaús, narrado por São Lucas e ocorrido no mesmo dia (a noite do primeiro dia), Jesus, após ter andado com os dois, entra na casa deles, senta-se com eles (senta-se com eles!), parte o pão e os olhos deles abrem-se e o coração arde, como se deu com Tomé. Assim se dá depois aos discípulos dos Apóstolos e também a nós. Jesus senta-se conosco e o coração arde pela Sua presença. E ainda hoje o Senhor se senta conosco na Eucaristia, senta-se conosco na vida do dia a dia, na nossa unidade. Por isso Jesus rogou ao Pai: “Eu neles e tu em mim. Sejam, assim, consumados na unidade, e o mundo reconheça que tu me enviaste e os amaste, como amaste a mim”.¹³³ Desde que O encontramos, nossa vida já não é a mesma, pois fomos inseridos – mediante o batismo e a graça do carisma – no Seu corpo. Os sinais da Sua mão e do Seu lado hoje são os sinais da nossa unidade; sinais da paixão do Senhor e de Sua glória.

São Paulo nos diz: “Todas as vezes que comerdes desse pão e beberdes desse cálice, proclamais a morte do Senhor, até que ele ve-

¹³² Coincide com a tradução brasileira. Cf. “Branzi di difficile interpretazione della Bibbia VII, Jo 20,29”. In: I. de la Potterie, *Storia e mistero. Egesi cristiana e teologia giovannea*, Turim-Roma: SEI-30Giorni, 1997.

¹³³ Jo 17,23.

nha”¹³⁴ Nasce assim um desejo maior de que Ele venha. Da paixão do Senhor nasce a ressurreição, que como um rio irrefreável atravessa os tempos e chega até nós nos sacramentos, no sacramento da Igreja e no sacramento do nosso carisma, abraçado e reconhecido pelo Papa. Chega também mediante a graça destes Exercícios Espirituais e desta Eucaristia. Trazemos entre nós os sinais inconfundíveis da Sua presença e a anunciamos ao mundo, até os confins da terra, até que Ele venha.

“Sim, eu venho em breve. Amém! Vem, Senhor Jesus!”¹³⁵

¹³⁴ 1Cor 11,26.

¹³⁵ Ap 22,20.

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade, o Papa Francisco

Santidade,

cerca de 32 mil pessoas, estando 5 mil delas reunidas presencialmente em Rímimi e as demais conectadas de diversas cidades italianas e do exterior, seguiram nestes dias os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação.

O título dos Exercícios era *Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, e foram pregados pelo Padre Mauro-Giuseppe Lepori, abade geral da Ordem Cisterciense. Foi para todos nós, Santidade, a ocasião para retomarmos os conteúdos e o fundamento da nossa fé em Cristo, único Salvador do mundo. O Pe. Mauro acompanhou-nos neste caminho, ajudando-nos a compreender novamente que a fé, enquanto reconhecimento da presença de Cristo vivo e presente no meio de nós, “informa” com a sua pessoa toda a nossa vida, tornando-a atraente e digna de viver. E que a fé em Cristo tem como forma a nossa comunhão na obediência a Vossa Santidade e à Igreja, com a preocupação pela unidade do nosso Movimento e de todos os fiéis cristãos. Assim, compreendemos ainda mais as palavras que nos dirigiu na Praça de São Pedro no dia 15 de outubro: “Nunca vos esqueçais daquela primeira Galileia do chamado, daquela primeira Galileia do encontro. Voltai sempre lá, àquela primeira Galileia que cada um de nós viveu”: só nesse encontro encontramos constantemente palavras de vida eterna que, como Dom Giussani costumava repetir, “podem explicar a existência” e nos lançam na tarefa missionária que nos foi confiada.

Gratos pela bênção que nos enviou e que nos acompanhou nestes Exercícios, continuamos todos a rezar por Vossa Santidade.

Davide Prosperì

S.E.R. Cardeal Matteo Zuppi

Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência reverendíssima,

no fim de semana que se acabou de concluir, ocorreram os Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Participaram cerca

de 32 mil pessoas, estando 5 mil delas reunidas presencialmente em Rímini e as demais por videoconferência, reunidas em grupos em diversas cidades italianas e no exterior.

O título dos Exercícios era *Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, e foram pregados pelo Padre Mauro-Giuseppe Lepori, abade geral da Ordem Cisterciense.

Pe. Mauro ajudou-nos a compreender novamente que a fé, enquanto reconhecimento da presença de Cristo vivo e presente no meio de nós, “informa” com Sua pessoa toda a nossa vida, tornando-a atraente e digna de viver, e tem como forma nossa comunhão na obediência à Igreja. Neste trabalho, fomos relançados na tarefa missionária que nos é confiada.

Agradecendo-lhe sua proximidade e invocando sua bênção, cumprimento Vossa Eminência com vivíssima cordialidade.

Davide Prosperì

S.E.R. Dom Nicolò Anselmi
Bispo de Rímini

Excelência,

agradecendo-lhe de novo a sua proximidade e a saudação que quis dirigir-nos pessoalmente, escrevo-lhe para informá-lo que participaram dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação – intitulado *Olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé* – cerca de 32 mil pessoas, estando cerca de 5 mil reunidas presencialmente em Rímini e as demais por videoconferência, reunidas em grupos de diversas cidades italianas e no exterior.

A pregação do Padre Mauro-Giuseppe Lepori, abade geral da Ordem Cisterciense, ajudou-nos a compreender novamente que a fé, enquanto reconhecimento da presença de Cristo vivo e presente no meio de nós, “informa” com Sua pessoa toda a nossa vida, tornando-a atraente e digna de viver, e tem como forma nossa comunhão na obediência à Igreja. Neste trabalho, fomos relançados na tarefa missionária que nos é confiada.

Invocando sua bênção para o caminho da nossa Fraternidade, cumprimento-o com vivíssima cordialidade.

Davide Prosperì

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

Maria foi a primeira que teve o privilégio de poder fixar os olhos em Jesus, e seu olhar jamais abandonou a vida de seu Filho. Desde antes da Anunciação, totalmente entregue ao desígnio de Deus, soube entregar Jesus ao olhar bom de Simeão e o entrega hoje ao nosso olhar.

Natividade de Maria

- 01 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 02 Ícone, escola de Novgorod, Moscou, Galeria Estatal Tretiakov
- 03 Carpaccio, Bérgamo, Academia Carrara

Apresentação de Maria no templo

- 04 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 05 Carpaccio, Milão, Pinacoteca de Brera
- 06 Vrancke van der Stockt, Madri, Mosteiro do Escorial, detalhe

Casamento da Virgem

- 07 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
- 08 Rafael, Milão, Pinacoteca de Brera
- 09 Rafael, Milão, Pinacoteca de Brera, detalhe

Anunciação

- 10 Tecido copta, Cidade do Vaticano, Biblioteca Apostólica Vaticana
- 11 Paolo Veneziano, Veneza, Academia
- 12 Beato Angélico, Florença, Convento de São Marcos
- 13 Antonello da Messina, *Anunciada*, Palermo, Galeria Regional da Sicília
- 14 Leonardo da Vinci, Florença, Galeria dos Ofícios

Visitação

- 15 Giotto, Pádua, Capela Scrovegni
- 16 Marfim, Salerno, Museu Diocesano
- 17 Pontorno, Carmignano (Prato), Santos Miguel e Francisco

Natividade

- 18 Giotto, Pádua, Capela Scrovegni
- 19 Agnolo Gaddi, Prato, Catedral, Capela do Santo Cinto

- 20 Guido Reni, Nápoles, Cartuxa de São Martinho
21 Ícone, ateliê de Rublev, Moscou, Galeria Estatal Tretiakov

Adoração dos pastores

- 22 Matthias Stomer, Turim, Palácio Madama
23 Gerard van Honthorst, Florença, Galeria dos Ofícios
24 Lorenzo Lotto, Bréscia, Pinacoteca Tosio Martinengo

Adoração dos Magos

- 25 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
26 Zillis (Grigioni, Suíça), San Martino, teto de madeira, detalhe
27 Benvenuto di Giovanni, Londres, Galeria Nacional

Apresentação no templo

- 28 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
29 Marfim, Salerno, Museu Diocesano
30 Beato Angélico, Florença, Convento de São Marcos
31 Giovanni Bellini, Veneza, Fundação Querini Stampalia

Fuga para o Egito

- 32 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
33 Juan de Borgoña, Cuenca, Museu da Catedral
34 Caravaggio, Roma, Galeria Doria Pamphilj
35 Caravaggio, Roma, Galeria Doria Pamphilj, detalhe

Jesus entre os doutores da lei – Encontro de Jesus

- 36 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
37 Mosaico, Monreale, Catedral
38 Simone Martini, Liverpool, Galeria Walker Art

Vida diária da Sagrada Família

- 39 Rafael, *Nossa Senhora do Véu*, Chantilly, Museu Condé
40 Guido Reni, *A costura da Virgem*, Roma, Palácio do Quirinal
41 Rembrandt, *Sagrada Família com anjos*, São Petersburgo, Museu Hermitage
42 Modesto Faustini, *Sagrada Família*, Loreto, Santuário da Santa Casa

Bodas de Caná

- 43 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
44 Marfim, Salerno, Museu Diocesano
45 Afresco, Decani (Kosovo), detalhe

Maria ao pé da cruz

- 46 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
47 Rogier van der Weyden, *Deposição*, Madri, Museu do Prado

Lamentação

- 48 Giotto, Pádua, Capela dos Scrovegni
49 Michelangelo, *Pietà*, Roma, São Pedro
50 Michelangelo, *Pietà*, Roma, São Pedro, detalhe
51 Bellini, Milão, Pinacoteca de Brera

Pentecostes

- 52 El Greco, Madri, Museu do Prado
53 Ícone, Moscou, Trindade em Nikitniki

Morte da Virgem

- 54 Beato Angélico, Cortona, Museu Diocesano
55 Jacopo Torriti, mosaico, Roma, Santa Maria Maggiore
56 Paolo Venezano, Vicenza, Museus cívicos

Assunção ao céu

- 57 Bartolomeo della Gatta, Cortona, Museu Diocesano
58 Tiziano, Verona, Catedral
59 Tiziano, Veneza, Basílica dei Frari

Coroação da Virgem

- 60 Giotto, *Políptico Baroncelli*, Florença, Santa Cruz, Capela Baroncelli
61 Jacopo Torriti, mosaico, Roma, Santa Maria maggiore
62 Paolo Venezano, Nova York, Coleção Frick
63 Bergognone, Milão, São Simpliciano
64 Maestro di Cesi, Paris, Museu Marmottan

Juízo

- 65 Michelangelo, Cidade do Vaticano, Capela Sistina, detalhe
66 Michelangelo, Cidade do Vaticano, Capela Sistina, detalhe

Sumário

MENSAGEM ENVIADA PELO PAPA FRANCISCO	3
--------------------------------------	---

Sexta-feira, 14 de abril, noite

SAUDAÇÃO INTRODUTÓRIA	4
-----------------------	---

INTRODUÇÃO – “ <i>Meus olhos viram a tua salvação</i> ”	12
---	----

SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM GIUSEPPE Baturi</i>	26
--	----

Sábado, 15 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – <i>A fé que informa a vida</i>	28
---	----

SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA, CARDEAL KEVIN JOSEPH FARRELL</i>	48
---	----

Sábado, 15 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – <i>A fim de que o mundo creia</i>	54
---	----

Domingo 16 de abril, manhã

ASSEMBLEIA	78
------------	----

SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE SUA EXCELÊNCIA DOM FILIPPO SANTORO</i>	95
--	----

TELEGRAMAS ENVIADOS	99
---------------------	----

A ARTE EM NOSSA COMPANHIA	101
---------------------------	-----

